

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO GRANDE DO NORTE**

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS,  
LETRAS E ARTES**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**JOSÉ RÔMULO DE MAGALHÃES FILHO**

**A CONSTRUÇÃO DE UM ESTILO DE VIDA: FAMÍLIA  
E RELAÇÕES DE GÊNERO NA PARTICIPAÇÃO DO  
PROJETO ÉTICO-POLÍTICO RENOVADO.**

**NATAL  
2014**

**JOSÉ RÔMULO DE MAGALHÃES FILHO**

**A CONSTRUÇÃO DE UM ESTILO DE VIDA: FAMÍLIA  
E RELAÇÕES DE GÊNERO NA PARTICIPAÇÃO DO  
PROJETO ÉTICO-POLÍTICO RENOVADO.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Orientadora:

PROFA. DRA. ELISETE SCHWADE

**NATAL  
2014**

UFRN / Biblioteca Central Zila Mamede  
Catalogação da Publicação na Fonte

Magalhães Filho, José Rômulo de.

A construção de um estilo de vida: família e relações de gênero na participação do projeto ético-político renovado. / José Rômulo de Magalhães Filho. – Natal, RN, 2014.

186 f. : il.

Orientadora: Profa. Dra. Elisete Schwade.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

1. Pentecostalismo – Tese. 2. Relações de gênero – Tese. 3. Estilo de vida – Tese. 4. Família – Tese. 5. Igreja presbiteriana renovada- Tese. I. Schwade, Elisete. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/UF/BCZM

CDU 284.57

**JOSÉ RÔMULO DE MAGALHÃES FILHO**

**A CONSTRUÇÃO DE UM ESTILO DE VIDA: FAMÍLIA E RELAÇÕES  
DE GÊNERO NA PARTICIPAÇÃO DO PROJETO ÉTICO-POLÍTICO  
RENOVADO.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2014

Banca Examinadora

---

Profa. Dra. Elisete Schwade – Orientadora  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Profa. Dra. Irene de Araújo van den Berg  
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN

---

Prof. Dr. Jonatas Silva Meneses  
Universidade Federal de Sergipe – UFS

---

Profa. Dra. Maria Lúcia Bastos Alves  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

---

Prof. Dr. Luiz Carvalho de Assunção  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

A minha família, pessoas que me amam e cuidam de mim.

Família é o espaço da construção de vínculos e cuidado mútuo.

## AGRADECIMENTOS

Agradecer não é algo fácil. Pois traz consigo o reconhecimento que não se é autossuficiente. Agradecer é reconhecer que necessitou do outro, por isso é uma atitude tipicamente humana. Por isso agradeço ao Eterno Deus, que me sustentou física e emocionalmente.

E também agradeço a:

A Jailza e Lídia, mulher e filha, que presentes a todo instante, souberam superar as dificuldades que passamos e me amaram a ponto de não reclamarem minhas ausências e crises; a Daniela e Luciano, filhos amados que, mesmo não estando no dia-a-dia nestes quatro anos, me compreenderam; e aos meus pais, pela formação que me proporcionaram.

A amiga-irmã Léa Lopes Viana pelo apoio na hora mais difícil que foi a decisão de ir para Natal; e ao amado casal de amigos mais chegados que irmãos, Irene e Uverland, pelo carinho que tiveram e têm comigo e minha família; a João Batista e Rosângela, pelo apoio logístico em Natal – RN.

A CAPES que cumpriu rigorosamente seu papel de agência financiadora da pesquisa científica no Brasil; e a UFRN pela excelente Universidade que é. Nela fui discente e docente (substituto) e me encantei com sua organização e compromisso com a excelência. Ao seu corpo docente e de técnicos, sempre prontos a ajudar;

A Profa. Elisete Schwade, que acreditou no projeto e aceitou o desafio de me orientar; as contribuições dos Profs. Luiz Assunção e Maria Lucia Bastos na qualificação; a Profa. Eliana Duarte, que com carinho e paciência corrigiu os originais; e ao Prof. Dr. Jonatas

Meneses, que me socorreu em questões metodológicas e aceitou participar da minha avaliação.

E a todos os amigos, irmãos, colegas de trabalho que torceram, oraram, choraram e sempre estiveram comigo nestes quatro anos.

Sonhar  
Mais um sonho impossível  
Lutar  
Quando é fácil ceder  
Vencer  
O inimigo invencível  
Negar  
Quando a regra é vender  
Sofrer  
A tortura implacável  
Romper  
A incabível prisão  
Voar  
Num limite improvável  
Tocar  
O inacessível chão  
É minha lei, é minha questão  
Virar esse mundo  
Cravar esse chão  
Não me importa saber  
Se é terrível demais  
Quantas guerras terei que vencer  
Por um pouco de paz  
E amanhã, se esse chão que eu beijei  
For meu leito e perdão  
Vou saber que valeu delirar  
E morrer de paixão  
E assim, seja lá como for  
Vai ter fim a infinita aflição  
E o mundo vai ver uma flor  
Brotar do impossível chão.

Chico Buarque de Holanda  
In: Sonho Impossível



## RESUMO

Este estudo busca articular três temas distintos: pentecostalismo, relações de gênero e família a partir da interpretação de dois conceitos complementares: estilo de vida e projeto ético político. O universo estudado foi a Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju e seus membros e liderança surgem como sujeitos desta pesquisa. As informações coletadas no espaço virtual e no material institucional, aliadas às observações de campo e às entrevistas, somam-se ao referencial teórico lido e sistematizado para a construção deste texto e defesa do seguinte argumento central: há um estilo de vida *renovado*, marcado pela definição clara dos papéis exercidos pelo homem e pela mulher que se impõe como parte de um projeto ético-político pentecostal. Assim, este texto discute a prática da supremacia masculina e sua manifestação nas celebrações e nos materiais institucionais desta igreja pentecostal neoclássica. Ainda aponta quais os elementos fundantes do chamado estilo de vida renovado e discute a influência das concepções de masculino e feminino na formação deste estilo de vida. Ao avaliar o projeto ético-político desta comunidade pentecostal percebeu-se que há um movimento de construção de uma sociedade fundamentada em princípios conservadores e que tem como fundamento e valores a obediência, a ordem, o modelo centrado na família monogâmica e heterossexual e a meritocracia. Estes valores têm uma base religiosa (a Bíblia Cristã), mas também uma orientação de manutenção de uma sociedade comprometida com o capital e que precisa de uma população satisfeita com sua condição. A presença do discurso conservador nas comunidades evangélicas pentecostais, somado ao crescimento em proporções geométricas nos leva a pensar de forma mais específica como se comportarão os outros segmentos da sociedade diante da iminência de um Estado Cristão Evangélico no Brasil. Não é algo que se apresente como irreal ou hipotético, mas de possibilidades concretas. O projeto ético-político renovado se apresenta como alternativa a uma sociedade perdida em seus referenciais éticos. Apresenta-se como uma sociedade digna de se viver.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pentecostalismo; Relações de Gênero; Estilo de Vida; Família; Igreja Presbiteriana Renovada.

## ABSTRACT

This study seeks to articulate three distinct themes: Pentecostalism, gender relations and family from the interpretation of two complementary concepts: lifestyle and political ethical project. The universe researched was the Renewed Presbyterian Church of Aracaju, and its members and leadership emerge as subjects of research. The information collected in the virtual space and institutional material combined with field observations and interviews, are added to the read and systematized theoretical references for the construction and defense of this text and the following central argument: there is a *new style* of life, marked by clear definition exercised by the man and the woman that is imposed as part of an ethical-political Pentecostal project. Thus this text discusses the practice of male supremacy and its manifestation in celebrations and institutional materials in this neoclassical Pentecostal church. It also shows the foundational elements of the style called renewed life and discusses the influences of conceptions of male and female in formation of this lifestyle. In assessing the ethical-political project of this Pentecostal community it was realized that there is a movement to build a society based in conservative principles and values and foundations such as obedience, order, a model centered on a monogamous and heterosexual family and meritocracy. These values have a religious base (the Christian Bible), but also there is a policy of maintaining a society committed to the capital and that needs a population satisfied with their living condition. The presence of conservative discourse in Pentecostal evangelical communities, coupled with the growth in geometric proportions leads us to think more specifically on how other segments of society will behave on the eve of an Evangelical Christian state in Brazil. It's not something that presents itself as unreal or hypothetical, but of real possibilities to happen. The renewed ethical-political project is an alternative to a lost society in its ethical references. It presents as a society worth living.

**KEYWORDS:** Pentecostalism, Gender Relations, Lifestyle, Family, Renewed Presbyterian Church.

## SUMÁRIO

\_Toc394495009

1	INTRODUÇÃO .....	11
2	O PENTECOSTALISMO NEOCLÁSSICO – UMA ANÁLISE DA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA.....	23
2.1	Pentecostalismo: expressão religiosa ou fenomenologia da religião? .....	26
2.2	A Igreja Presbiteriana Renovada e a sua inserção no campo religioso brasileiro .....	36
2.3	A Igreja Presbiteriana Renovada: uma esperança para o presbiterianismo brasileiro?.....	56
2.4	A Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju – o início de um projeto ético-político.....	62
3	FAMÍLIA COMO A CÉLULA <i>MATER</i> DO PROJETO RENOVADO. ....	69
3.1	Família: conceitos, composições e relações – O <i>ethos</i> -familiar como elemento constituente de uma cultura.....	71
3.2	Família Matrimonial Cristã: a definição de papéis. ....	96
3.3	Família Extensa Cristã .....	101
4	AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO PENTECOSTALISMO: UM OLHAR SOBRE A IPRA. ....	105
4.1	Gênero enquanto categoria de análise das relações entre homens e mulheres na IPRA. ....	106
4.2	Relação de gênero como relações sociais .....	115
4.3	Pentecostalismo e Relações de Gênero .....	118
4.4	Gênero como elemento fundante de uma identidade .....	126
5	O ESTILO DE VIDA PENTECOSTAL E O PROJETO ÉTICO-POLÍTICO RENOVADO.....	132
5.1	Gosto, estilo de vida e aburguesamento – conceitos e ideias.....	134
5.2	Estilo de vida e Escatologia .....	147
5.3	Estilo de vida e conservadorismo.....	151
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	162
	REFERÊNCIAS .....	171
	ANEXOS .....	181

# 1 INTRODUÇÃO

Delimitar um tema de estudo não é tarefa fácil, principalmente quando se deseja pesquisar o que tem sido já é bastante estudado. E quando se cruza temáticas que são polêmicas e deveras discutidas, a definição e delimitação tornar-se mais angustiante ainda.

Debruçar-se sobre religião, em especial os grupos pentecostais, tem sido tarefa de muitos estudiosos já algum tempo. Segundo Campos Júnior (2007), os primeiros estudos na academia sobre pentecostalismo no Brasil foram de Beatriz Muniz de Souza, entre as décadas de 50 e 60 do século XX. O modelo pentecostal de igreja era atingir o indivíduo, muitos deles imigrantes nordestinos ou vindos do interior e que estão na grande cidade, longe de seus referenciais valorativos. A igreja passou a ser o espaço de convivência, de reencontro com valores deixados na origem. Além de ser a igreja o espaço onde estes indivíduos poderiam exercer algum tipo de atividade reconhecida, já que a maioria vinha das camadas populares, sem vez e voz na sociedade.

O encanto por uma temática que é objeto de pesquisas há algumas décadas e que continua a produzir material para pesquisas é que o faz desafiador. Os congressos das mais variadas áreas das ciências humanas e sociais têm oferecido simpósios para se divulgar trabalhos e provocar discussões sobre este segmento religioso brasileiro.

Aliada à pesquisa sobre pentecostalismo, outra temática bastante discutida – relações de gênero – vem para compor o tema deste trabalho. E pesquisar gênero na condição pesquisador homem é um desafio à parte. Mais uma dificuldade para se estabelecer o tema desta pesquisa.

Pentecostalismo e relações de gênero pesquisados e discutidos por um protestante de formação calvinista e homem. Dificuldade dupla. Se houve necessidade de romper com barreiras culturais, ideológicas e conceituais em relação ao gênero, no que se refere ao pentecostalismo, a tarefa foi de se despir de preconceitos. De ideias previamente estabelecidas em relação ao modo de se viver a religião e expressá-la diante da sociedade. Despir-se de preconceito também inclui estar ao lado de pentecostais nas suas celebrações. Vivenciar a experiência do outro para entendê-lo dentro de sua própria realidade.

Esta necessidade de romper com o já estabelecido foi o que delineou o caminho para se chegar ao tema que será apresentado neste estudo: o estilo de vida e a presença feminina como parte do projeto ético-político pentecostal. Duas variáveis que se relacionam entre si: estilo de vida e relações de gênero.

A partir desta definição surge a seguinte questão: o que se entende por homem e mulher e quais os papéis por eles desenvolvidos no estabelecimento deste estilo de vida? Aqui aparece um sentimento de angústia no sentido que Paul Tillich (1967) a coloca, que é de tomar a consciência de si, de sua existência. A angústia de saber que precisaria enfrentar meus conceitos e preconceitos para dar conta de tal problema.

Mais uma vez recorrendo a Tillich (1967) é preciso se ter *coragem, coragem de ser*, que significa ser levado a superar os obstáculos e enfrentar as ameaças que surgem diante do ser humano. Discutir o pentecostalismo a partir de duas variáveis que já são bastante estudadas é o elemento chave que impulsiona a elaboração deste trabalho.

Diante do problema apresentado surgiram algumas outras questões que se faz necessário abordar para uma melhor compreensão do tema proposto, inclusive como elemento de aprofundamento da discussão em foco.

Uma destas questões diz respeito ao estabelecimento de uma relação entre a família, gênero e religião enquanto elementos fundantes de um estilo renovado. A expressão *renovada* tem sentidos distintos. No sentido da espiritualidade pentecostal, *ser renovado* é ter passado por experiências como a da glossolalia (falar em línguas estranhas) e que é a manifestação visível, segundo os pentecostais do chamado *batismo com o Espírito Santo*. Neste sentido, comunidades religiosas que acreditam nesta perspectiva de espiritualidade se definem como *renovadas*. É o caso da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju (IPRA)<sup>1</sup>. Mas o *ser renovado* assume mais um sentido dentro da comunidade estudada. O de pessoas que diante de uma vida distante de Deus (na ótica da IPRA) e dos valores por eles difundidos, *ser renovado* significa viver de acordo com o ensinamento ético-moral da igreja.

Faz-se necessário conceituar e entender estes elementos, dentro do universo pesquisado, para demarcar a área de estudo. Outra questão presente está relacionada à influência das relações de gênero no estabelecimento do estilo de vida pentecostal. E, nesta perspectiva, apresentar o discurso da ascendência masculina e sua manifestação nas celebrações e nos materiais institucionais em uma igreja pentecostal e discutir como é determinado o papel da mulher na comunidade a partir do discurso hegemonicamente masculino.

Só então é possível perceber quais ideais de indivíduo e de família o pentecostalismo desenvolve para implementação de um projeto ético-político e se o estilo de vida pentecostal é o *modus operandi* da preservação desta ascendência masculina. Estas questões acima apresentadas serviram de bússola para o estudo de relações de gênero e estilo de vida no pentecostalismo da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju.

---

<sup>1</sup> No Capítulo II ao descrever a origem da IPRA discuto o sentido da nomenclatura da igreja.

Partindo de Simmel (2006) que apresenta dois conceitos: *sujeito indivíduo* e *sujeito massa*, procurou-se entender as relações entre sujeitos no pentecostalismo, isto é, como as pessoas se relacionam entre si neste campo da religiosidade. O primeiro – sujeito indivíduo, é decisivo, tem qualidades superiores, mas o segundo é manipulável, dependente, desejoso apenas de ver suas necessidades básicas serem satisfeitas. São os “jogos sociais que trazem consigo o caráter espiritualmente mais primitivo e despido de ambição, até se chegar à alegria sem limites e ao sentimento de união desprovido de qualquer reserva nos círculos mais jovens” (SIMMEL, 2006, p. 49). A grande massa é o espaço de rebaixamento do indivíduo, que o coloca em uma condição de sujeição de sua própria existência.

A massa é um fenômeno que aparece dos fragmentos mais primitivos de cada indivíduo coincidente com o de outros indivíduos. Por isso as massas são facilmente dominadas e, no pensar de Simmel (2006), sempre por uma *ideia*, e muitas vezes a mais simples delas. Ideias que despertam os sentimentos e desejos mais primitivos, e que terminam por negar as outras ambições com as quais o indivíduo se confronta.

No entanto, o sujeito indivíduo tem vontade e vivencia uma experiência específica com o sagrado. Esta não pode ser desprezada no estudo da religião. Mendonça (1999), ao referir-se aos estudos atuais da religião, afirma que após o fracasso secularista de destruir a religião, ela surgiu com força, e com ela o renascimento do sagrado e da multiplicação de estudos que reafirmam a presença marcante das mais variadas expressões religiosas na sociedade. É na experiência com o sagrado que indivíduos têm partilhado sentimentos e, ao se associarem com outros que vivenciaram experiências semelhantes, fundam igrejas, associações, grupos religiosos. Neste contexto, aparece uma das mais presentes expressões religiosas no Brasil: o pentecostalismo. No Capítulo II descreverei o pentecostalismo e em especial o que a Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju adotou.

Assim buscou-se, neste trabalho, discutir como se manifesta o discurso sobre as relações entre homem e mulher neste pentecostalismo contemporâneo, neoclássico ou carismático (MARIANO, 1996; ZABATIERO, 2007) a partir dos estudos de gênero enquanto categoria analítica. Bem como entender como os papéis que eles desenvolvem são determinantes no estabelecimento do estilo de vida próprio, e apontar quais os elementos fundantes de um estilo de vida renovado (no sentido exposto acima) e avaliar o projeto ético-político renovado. Além disso, descrever este estilo de vida a partir da análise da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju e investigar em que momento do discurso se mantém as estruturas da ascendência masculina. Para então perceber como estes sujeitos vivem, nas suas próprias experiências, a prática do discurso *renovado*.

Em 2007<sup>2</sup>, apresentei na X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste em Aracaju pesquisa sobre a vida religiosa de mulheres pentecostais e a realidade que viviam fora da igreja. E pude perceber nos dados coletados que algumas das entrevistadas tinham uma admiração por figuras femininas pentecostais da cidade, e as usavam como espelho e modelo a seguir, como exemplos de vida. Em questionário aplicado naquela oportunidade, 49% das entrevistadas responderam terem alguma mulher evangélica como exemplo para suas vidas; um modelo de mulher virtuosa a seguir. “Geralmente estas mulheres virtuosas são empresárias de sucesso, pastoras, bispas, apóstolas e cantoras (levitas, no linguajar pentecostal, ou ministras de louvor) [...] A identificação com estas mulheres que se projetam no meio evangélico serve de estímulo para a continuidade da realização de seus ministérios” (MAGALHÃES FILHO, 2007, p. 6).

---

<sup>2</sup> MAGALHÃES FILHO. José Rômulo de. A mulher pentecostal: entre a prática religiosa e a realidade social. In: **Anais da X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste e Reunião Equatorial de Antropologia**. Aracaju: UFS, 2007



Eram pessoas que apresentavam um estilo de vida característico dos segmentos médios urbanos, com grande influência entre segmentos economicamente inferiores. Dentre as mulheres citadas, como exemplo a seguir, aparecia uma pastora representante da Igreja Presbiteriana Renovada (IPR) em Aracaju. Foi a partir deste trabalho, e da identificação das mulheres que responderam o questionário na pesquisa supracitada, que o interesse para estudar a Igreja Presbiteriana Renovada surgiu.

Esta igreja é representante do que denomino pentecostalismo neoclássico<sup>3</sup> ou contemporâneo, ou ainda na expressão de Mariano (2005): *deuteropentecostalismo*, não tem no seu ordenamento religioso oficial mulheres consagradas<sup>4</sup> pastoras.

Da voz de mulheres e da experiência relatada que busquei melhor compreender esta realidade. Minha condição de protestante histórico instigou o interesse pelo aprofundamento da questão. Surgiu a necessidade de ouvir mais vozes femininas, observar suas práticas, vivenciar a realidade do discurso. Pesquisar é desvendar mistérios, é resolver problemas, é conceber ideias que poderão ser repensadas, discutidas, criticadas.

A pesquisa que apresento aqui tem caráter qualitativo, orientada no sentido de se entender o comportamento de mulheres e homens no estabelecimento de um estilo de vida próprio orientado por um projeto ético-político, mas também pela experiência individual. Na busca de captar sistemas simbólicos do grupo pesquisado, com o esforço de desprender-se do preconceito existente a partir de minha formação religiosa e acadêmica (protestante e graduado em filosofia), aproximei-me com respeito a este grupo.

---

<sup>3</sup> “Mariano tem fundamento para designar essa segunda onda como ‘pentecostalismo neoclássico’”(SIEPIERSKI, 1997, p.50).

<sup>4</sup> Consagração é um termo usado entre os evangélicos para designar o ato de separação para o sacerdócio. Em uma cerimônia específica, com liturgia própria, outros pastores impõem as mãos sobre o candidato representando a autorização divina para o exercício das atividades pastorais.

Assim o procedimento metodológico desta pesquisa se fundamenta em duas bases: pesquisa bibliográfica e documental; observação direta e sua interpretação, partindo da concepção de Geertz (1989) que precisamos para melhor compreender as percepções dos grupos pesquisados são necessárias deixar de lado percepções próprias, e buscar ver as experiências do outro. Assim, a pesquisa de campo feita através de uma observação direta me levou a chegar mais perto da perspectiva do sujeito da pesquisa e apreender sua visão de mundo, dos significados ou mesmo da realidade.

Apenas a observação não foi o suficiente para apreender a realidade do grupo estudado. “[...] como alcançar, apenas pelo olhar, o significado dessas relações sociais[...]” (OLIVEIRA, 2000, p. 21). Daí a necessidade de ouvir seus membros, participantes da vida religiosa. Oliveira (2000, p. 22) afirma que “a obtenção de explicações fornecidas pelos membros da comunidade investigada permitiria obter o que os antropólogos chamam de ‘modelo nativo’ [...] tais explicações nativas só poderiam ser obtidas por meio da entrevista”.

Já a descrição do observado e do que foi ouvido, somado ao sentimento presente nas expressões dos entrevistados, apontou para um texto onde a subjetividade destes interlocutores é expressa. O aqui descrito não é o que o pesquisador acredita ou o que ele vê, mas como a comunidade pesquisada deixou transparecer. O esforço de transmitir este sentimento em um texto escrito pode às vezes sugerir uma opinião pessoal, mas aqui procurei ir em busca do que meus interlocutores pensam e sentem. A interpretação do observado e do ouvido.

A pesquisa iniciou-se em outubro de 2010 e foi concluída em julho de 2013. Da frequência aos cultos dominicais no Espaço Família Renovada, onde se observou como as pessoas manifestam sua religiosidade e como os líderes da igreja conduzem esta relação entre a plateia e o sagrado, até as entrevistas realizadas com membros e com a liderança da Igreja

Presbiteriana Renovada de Aracaju. Foram observadas e anotadas palavras e gestos que vêm dos dirigentes e da plateia, bem como o modo como conduzem e são conduzidos nas reuniões.

As observações aconteceram nos cultos públicos, no templo da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju, templo este que por uma estratégia de *marketing* retirou, segundo depoimento do próprio pastor, o “peso do nome igreja”, para assim tornar-se mais atrativa à população e passou a ser chamado de *Espaço Família Renovada*. A minha participação se deu em cultos de meio de semana, que são cultos temáticos, voltados mais à oração; e aos domingos estes cultos mais focados na *evangelização*, onde pessoas são desafiadas a se tornarem participantes da igreja. Em um destes cultos dominicais que estive presente, houve batismos, que são ritos de iniciação à vida da igreja e que será descrito com mais detalhes mais à frente.

Durante as observações alguns contatos foram feitos, onde procurei ouvir, de modo informal, o que as pessoas pensam sobre a igreja, os pastores, e sobre o discurso. Destes contatos surgiu a oportunidade da realização de entrevistas abertas.

Foram realizadas ao todo quatro (04) entrevistas com os membros da igreja, sendo um homem casado, duas mulheres solteiras (noivas), e um casal. A opção de ficar com poucas entrevistas foi a de poder ouvir e observar mais estas falas. Além da entrevista com o pastor titular da igreja. Não foi possível entrevistar a pastora (esposa do pastor). Por várias vezes tentei o contato e nunca obtive retorno. Só consegui entrevistá-lo em setembro de 2012, depois de muita insistência e da mediação de uma das entrevistadas (Priscila). Nas entrevistas com os membros, usei nomes fictícios (bíblicos) para preservar a identidade de cada um. Então estão presentes neste texto as falas de Paulo, um homem casado, pai de um filho jovem e que é membro da Igreja há mais de 5 anos; Ana, jovem solteira, estudante de Gestão de Pessoas, noiva, criada na Igreja Presbiteriana Renovada e atualmente é membro da Igreja

Presbiteriana Renovada de um dos bairros de Aracaju; Maria, solteira, também noiva, pedagoga, com pós-graduação em psicopedagogia; e o casal Priscila e Áquila, casados há mais de 10 anos, são membros da IPRA há mais de 9 anos, tem um casal de filhos adolescentes e são líderes de uma das classes de estudo, chamada de Verdades Básicas. Ela é pedagoga e ele agente de viagens.

Ao iniciar a observação, percebi que duas pessoas (Priscila e Paulo) trabalhavam comigo no mesmo local, porém em atividades distintas. Isso me aproximou deles com uma maior facilidade. Priscila me levou a conhecer Áquila, seu esposo. Os contatos com Ana e Maria surgiram de modo diferenciado. Conheci uma frequentadora da igreja que, por ser membro de outra igreja evangélica, não se interessou em participar da pesquisa, e então me apresentou Maria que prontamente se colocou à disposição. Ana foi uma indicação de outra pessoa, já que ela não frequenta a igreja onde foram realizadas as observações. Como gostaria de ouvir pelo menos um membro de outra comunidade de Igreja Presbiteriana Renovada em Aracaju, consegui conversar com Ana em sua residência.

Cada entrevistado tem uma história. Um percurso que o fez chegar a Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju. Isto implica em visões diferenciadas de igreja, de vida, de sociedade. Entretanto percebi entre eles um elemento unificador: o desejo de viver uma vida nos padrões familiares que a igreja estabelece. Que não é o padrão que o Estado oferece nem o que é divulgado na sociedade em geral, como veremos mais adiante. Mas um padrão que traz para eles uma satisfação e é o reflexo, no pensar destes entrevistados, de uma *vida renovada*.

A expressão *vida renovada*, que aparece na fala dos entrevistados e nas campanhas publicitárias da igreja, pode ser interpretada de várias maneiras, como será exposto no decorrer deste trabalho. A ideia é de uma vida nova na perspectiva de uma vida

nos moldes estabelecidos pela igreja. Uma vida que se renova quando se percebe a necessidade de mudança no comportamento entendido pela comunidade religiosa como comportamento não adequado. Não necessariamente *novo*, mas fundamentalmente direcionado por interesses de que exerce algum domínio dentro do grupo religioso pesquisado.

Além da observação direta e das entrevistas, foi analisado material institucional da igreja: impresso, em áudio (CDs vendidos na recepção da igreja), postagens no sítio da igreja e vídeos postados na rede mundial de computadores. Os materiais analisados não constituíram a fonte primária de informação, serviram para esclarecer pontos não explicitados nas falas dos entrevistados e fornecer um contexto de sustentação aos elementos importantes difundidos pela igreja.

Este material foi fundamental para *ouvir* a fala da pastora, já que não consegui entrevistá-la. Suas falas nos programas de televisão fechada, que são reproduzidas no canal virtual no *YouTube* serviu como elemento importante para esclarecer algumas falas. Principalmente as de Ana e Maria.

O espaço virtual da igreja hoje é um canal de comunicação muito forte com a membresia. São vídeos disponibilizados no Canal Vida Renovada<sup>5</sup>, e também a página da igreja<sup>6</sup> que tem uma *webradio* 24 horas no ar, além de disponibilizar espaço para depoimentos no *mural de recados*; um espaço onde membros e visitantes virtuais podem deixar recados para outros membros e em especial para os pastores da igreja. Este canal de comunicação foi citado por alguns dos entrevistados como um aliado na comunicação da igreja.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/user/emcristovidarenovada>

<sup>6</sup> <http://www.vidarenovada.com.br/>

As informações coletadas no espaço virtual e no material institucional, aliadas às observações de campo e às entrevistas, somam-se ao referencial teórico lido e sistematizado para a construção deste texto e defesa do seguinte argumento central: há um estilo de vida renovado, marcado pela definição clara dos papéis exercidos pelo homem e pela mulher que se impõe como parte de um projeto ético-político pentecostal, representado aqui pela Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju.

O estilo de vida pentecostal entra como elemento de análise pela importância que assume dentro da comunidade a ser estudada. Este estilo de vida é colocado como padrão a ser seguido e é direcionado por aqueles que, de alguma forma, têm um domínio sobre certo grupo, detêm um capital social e, neste caso específico, um capital religioso. “O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimenta, linguagem, *hélix* corporal, a mesma intenção expressiva, um princípio de *unidade de estilo*” (BOURDIEU, 1983, p.83).

Este estilo de vida é reflexo de como a igreja vivencia as relações familiares e como trata o papel da mulher na igreja e na sociedade em geral. No decorrer deste trabalho, mostrarei que o sentido dado à família e às relações entre mulheres e homens são determinantes no estabelecimento deste estilo de vida.

E por projeto ético-político renovado, entende-se aqui como a construção de uma sociedade que tem princípios em uma interpretação das escrituras sagradas do cristianismo, onde a família é vista como centro da sociedade e, na centralidade da família, está o homem.

O texto é apresentado em quatro capítulos, além da introdução e das considerações finais. Em um capítulo (Capítulo II) vou apresentar a discussão que analisa o

pentecostalismo contemporâneo e situar a Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju no campo religioso brasileiro, através de um resgate histórico.

Em seguida (Capítulo III) se apresentará a família como a célula *mater* do projeto renovado. Já no capítulo quatro a discussão é sobre a relação entre homens e mulheres no pentecostalismo, a partir do uso de gênero como categoria analítica, para assim pontuar como os papéis de mulheres e homens são construídos e desenvolvidos neste estilo de vida aqui estudado. No quinto e último capítulo a reflexão é sobre o projeto ético-político proposto pelo pentecostalismo e quais as possíveis implicações deste na sociedade.

Em cada capítulo, além da análise pontual da literatura especializada, as falas dos personagens entrevistados e a leitura do que foi observado e pesquisado se apresentam como elementos de destaque. As discussões sobre o estilo de vida pentecostal e a renovação do discurso religioso, com a manutenção das estruturas de ascendência masculina, estão presentes em todo o texto. Esta pesquisa procurou entender, pela ótica da mulher e do homem pentecostal, na realidade da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju, o que é viver uma vida renovada. O capturar deste sentimento é fundamental para compreender a proposta deste trabalho.

Um trabalho que não extingue a discussão, mas apresenta de modo inovador como uma igreja que tem como público alvo famílias dos segmentos médios urbanos pode influenciar através do discurso e, de um modelo familiar hegemônico, muitas pessoas; a ponto de propor um estilo renovado de ser, uma *vida renovada*.

## **2 O PENTECOSTALISMO NEOCLÁSSICO – UMA ANÁLISE DA IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA**

Pensar religião é pensar no modo como o ser humano se relaciona com o sagrado, com o divino. Esta relação passa por alguns aspectos específicos em algumas religiões.

Pode-se pensar nos grandes sistemas religiosos (monoteístas e politeístas), nas grandes religiões universais ou também nas religiões mais específicas, pertencentes a grupos humanos particulares. Com o advento da globalização e a hegemonia da cultura ocidental, inclusive no que se refere a uma cultura religiosa, o cristianismo assumiu no ocidente um papel de religião dominante.

Entretanto esta religião, como posta por uma elite religiosa, não representa os anseios de todos os grupos sociais, principalmente no modo de relacionar-se com o sagrado e a divindade. Assim surgem variantes cristãs. No catolicismo romano, são as mais variadas ordens religiosas, no protestantismo são as denominações e suas ramificações. Entre estas ramificações aparece o pentecostalismo de onde deriva várias denominações.

No Brasil este segmento do cristianismo protestante vai se mostrar ambicioso ao estabelecer-se como padrão religioso a ser seguido. Diante disso é pensando e estabelecido, mesmo que de forma não institucionalizada, um projeto ético-político pentecostal que é aqui apresentado como perspectiva a médio e em longo prazo de um Estado evangélico, com valores baseados numa interpretação literal das escrituras sagradas do cristianismo (Bíblia); este projeto tem como elemento chave o estabelecimento de um estilo de vida próprio; estilo que se revela como prática religiosa e pode ser estudada a partir do conceito de fenômeno religioso.



Conceituar religião é uma tarefa que já foi bastante executada, tanto por autores clássicos como Simmel, Weber, Geertz, Bourdieu ou por estudiosos da temática que, partindo de conceitos oriundos destes autores, debruçaram-se neste estudo. Mendonça (1999) afirma que os estudos da religião há algum tempo abandonaram as definições exaustivas, bem como suas origens históricas.

Para Sousa (2011) é na perspectiva de um sistema social de valores que a religião assume um papel simbólico altamente representativo: “[...] a religião já é, em si mesma, uma perspectiva, um sistema social de valores que fornece bases ou subsídios para que homens e mulheres concebam o mundo e nele se posicionem” ( SOUSA, 2011, p. 245). Significando elementos que se apresentam diante do ser humano, e estabelecendo modos de existência, inclusive de estilos de vida de indivíduos e grupos sociais estabelecidos. Assim religião está ligada a cultura, que no pensar de Geertz (1989, p. 66)

[...] denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. É fora de dúvida que termos tais como ‘significado’, ‘símbolo’ e ‘concepção’ exigem uma explicação.

Cultura é, pois comunicação, desenvolvimento de atividades relacionadas com a vida, concepções herdadas. Religião é cultura, pois

[...] é: (1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações no homem através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções de tal aura de factibilidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 1989, p. 67).

É pelo símbolo que os grupos sociais estabelecem estilos de vida e se fortalecem enquanto grupo. Na teia de relações que os indivíduos vivem, suas ações acham referencial existencial que se justificam. O indivíduo encontra no outro a justificativa para sua ação. “Os símbolos são formulações plenas de significado porque remetem a experiências abstratas

materializadas ou a ideias, conceitos, sensações e atitudes que foram condensadas e concretizadas”. (PINEZI, 2010, p.35).

A partir desta concepção de religião que podemos pensar o pentecostalismo como cultura. Ele tem um conjunto de símbolos, é fator motivador da existência humana e é significativo para aqueles que o abraçam como expressão religiosa. “O pentecostalismo inscreve-se, [...] e vincula-se organicamente a ele em seus processos de produção e significados. Enquanto religião popular situa-se num campo de forças culturais tecido por hegemonias e hibridações [...]” (PASSOS, 2006, p. 4).

A religião no pensar de Geertz (1989) produz uma visão de mundo, visão que dá significado a existência humana. Dentro do campo dos significados, pode-se pensar o pentecostalismo pela perspectiva do fenômeno religioso, e para isso se é levado a outro conceito de religião, não antropológico, mas numa ótica da filosofia da religião.

Pretendo neste capítulo discutir a religião enquanto experiência da existência; e descrever o pentecostalismo não apenas como uma construção social, com implicações sociopolíticas, mas pensar a partir de uma fenomenologia da religião. Pensar o pentecostalismo como alternativa existencial a uma sociedade contemporânea em busca de um estilo de vida que esteja ao alcance de seus desejos. Pois é assim que ele se apresentou para os sujeitos da pesquisa. Uma proposta de renovação de vida, que na prática diária da experiência de fé de cada sujeito, apenas reproduzirá uma visão de mundo já bastante consolidada. O renovo se manifestará como reprodução de significados.

Neste capítulo também se analisa o pentecostalismo a partir da sua inserção no presbiterianismo brasileiro, tendo como foco a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, que é

fruto das experiências de homens e mulheres; experiências estas que se reproduzem na atualidade, na comunidade religiosa analisada.

## 2.1 Pentecostalismo: expressão religiosa ou fenomenologia da religião?

Para Simmel há uma diferença entre religiosidade e religião. A primeira precede à segunda, e está diretamente ligada à experiência humana (uma questão de experiência individual); a segunda tem a ver com o elemento histórico, organizacional. “[...] não é a religião que cria a religiosidade, mas a religiosidade que cria a religião” (SIMMEL apud CIPRIANI, 2007, p. 121).

A religião é vista por Simmel, como já foi afirmado, como o produto de uma cultura, criada a partir da interação de indivíduos com a sociedade que vai se manifestar no que ele denomina de *igreja-instituição*, mas sempre originado de uma disposição interior de indivíduos, a ideia de religiosidade. E cultura é entendida por Simmel (apud CIPRIANI, 2007, p. 123) como “energia ou disposição de natureza” que se aperfeiçoa, é uma disposição originária, uma atitude natural. Assim, religião é cultura, pois surge como sentimento natural de religiosidade.

Já Geertz (1989) vê como paradigmático os símbolos sagrados funcionarem como a síntese do *ethos* de um povo, entendendo este *ethos* como o conjunto de ações e comportamentos que se manifesta na “visão de mundo”. Assim o *ethos* em Geertz (1989, p. 104) resume-se “na crença e na prática religiosa, o ethos de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo oferece”.

Geertz confirma a ideia de que a religião parte de uma experiência humana ao afirmar que a religião “projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana” (GEERTZ, 1989, p. 104). Por ser esta experiência existencial, não há, por mais que se tenha literatura disponível, como demonstrá-la empiricamente. Não podendo dominá-la, cabe apenas conceituar. E no pensar de Geertz os conceitos e definições tem a missão de “fornecer orientação ou reorientação útil do pensamento” (GEERTZ, 1989, p.104). Religião é segundo a definição de Geertz (1989, p. 104-105)

um sistema de símbolos, que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções como tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.

Dentre estudiosos da religião que buscam nos clássicos estabelecer um conceito, Meneses (2008) traz a ideia de que religião é parte indissociável da sociedade onde esta atua, com um propósito claro para oferecer aos atores sociais sentido ao que se é experimentado. Questiona: “o que seria a religião experimentada no cotidiano das pessoas e que segundo os seus autores, têm proporcionado sentido à vida?” (MENESES, 2008, p. 48).

Meneses (2008) aponta o fenômeno religioso como parte da sociedade, e que os indivíduos que dela participam são “portadores de motivação, como participantes de um modelo” (MENESES, 2008, p. 52). O que faz da ação religiosa uma ação orientada e cheia de sentido. Motivação que aparece para Geertz (1989, p. 110) como “uma tendência persistente, uma inclinação crônica para executar certos tipos de atos e experimentar certas espécies de sentimento em determinadas situações”.

As ações religiosas são ações motivadas, por isso são direcionadas a fatores específicos, são duráveis no que se refere ao tempo e têm um significado (GEERTZ, 1989).

Conclui Meneses (2008) que a religião é decisão pessoal e ato de fé, experiências vividas por indivíduos e grupos de indivíduos. A religião é um fator motivador da existência humana.

No mesmo caminho, Bonome (2006, p. 22), nesta saga conceitual, afirma que “O ser religioso é parte individual e parte social. Se as manifestações religiosas são visíveis nos indivíduos, são indiscutivelmente projetadas nas sociedades, acontecem e se desenvolvem na sociedade de indivíduos”. E conclui que religião é tudo que vem antes do indivíduo e depois da história.

Ao trazer a religião como sistema cultural, Geertz (1989) a coloca no campo dos símbolos, das experiências, das vivências e da perpetuação de ações. Religião então é percebida como experiência vivida traduzida em ritos, símbolos, que transmitida e vivenciada por outras pessoas se perpetua no imaginário e na vida da sociedade; deixando de ser uma simples experiência para se tornar fato, fato social na perspectiva durkheimiana, inclusive com forte ação coercitiva.

Religião também é percebida como relações de poder. E há vários conceitos de poder, parto do conceito de que poder é o domínio sobre a natureza e sobre os homens e as mulheres. Daí a ideia de que poder é uma relação entre dois sujeitos, dos quais um impõe ao outro sua própria vontade; esta definição fica incompleta no momento em que aponta apenas para o meio e não à finalidade do poder. Complementa a definição a ideia de poder como sendo a posse dos meios que permitem alcançar vantagens e efeitos desejados (BOBBIO, 1998). Na atualidade, pode se definir poder como sendo os meios pelos quais se serve o sujeito ativo da relação (o que domina) para determinar o comportamento do sujeito passivo (dominado).

Quando esta relação de poder se faz presente envolvendo a religião, aqueles que detêm o domínio do sagrado exercem a função de dominadores. Exercem o poder sobre o outro. É a religião apresentada enquanto sistema simbólico, como discute Bourdieu (2007; 2001) no sentido de que exerce um poder estruturador. Como poder simbólico, a religião tem a força de construir a realidade e de estabelecer aquilo que Bourdieu (2001, p. 92) chama de “ordem gnosiológica”, o que dá sentido imediato ao mundo e, de forma especial, ao mundo social.

Os símbolos são por excelência os instrumentos de integração social, e o mundo social passa a ter sentido a partir deles enquanto instrumentos de comunicação e conhecimento; eles exercem o papel de elemento integrador entre os seres humanos.

No que se refere ao poder simbólico da religião, Bourdieu (2007, p. 32) afirma que ela “cumprir uma função de conservação da ordem social contribuindo, nos termos de sua própria linguagem, para ‘legitimação’ do poder dos ‘dominantes’ e para a ‘domesticação dos dominados’”. O que faz a religião “assumir função de instrumento de imposição e legitimação da dominação, contribuindo para assegurar a dominação de uma classe sobre outra” (NERIS, 2008, p. 11), mantendo assim as estruturas de poder, a violência simbólica.

Aqui já se pode então pensar em uma diferença entre o estudo da religião e o estudo do fenômeno religioso. Sendo o primeiro visto enquanto conjunto de símbolos, um sistema simbólico, que estabelece um capital religioso dominante, como fato social. Religião como expressão de cultura e das relações de poder. O estudo da religião enquanto projeção social. Como instituição, instituição de um grupo dominante que estabelece o estilo de vida de seus dominados.

Já o fenômeno religioso, passa pelo estudo da essência deste conjunto de símbolos. Estudar o fenômeno religioso é estudar a experiência, o sagrado. O fenômeno religioso é o objeto de estudo da fenomenologia da religião (GOTO, 2004), é a busca da compreensão do significado profundo da religiosidade. Piazza (apud GOTO, 2004, p. 59) descreve a religião fenomenologicamente, o que chamo de fenômeno religioso, da seguinte forma: “identificação com o culto religioso, porque este engloba e estrutura todas as ações que se dirigem ao Sagrado, quer este seja concebido como Ser transcendente, quer seja como um Deus antropomorfo quer como Absoluto impessoal”.

Pensar religião como fenômeno é perceber que tudo se inicia com a experiência, e estudar a religião é voltar a esta experiência e buscar ouvir e entender o fenômeno em si, entender a experiência vivida. O estudo da religião, quando feito a partir da experiência do indivíduo, torna-se uma fenomenologia da religião. É a análise do fenômeno religioso. Esta perspectiva fenomenológica nos leva a outros autores e outros conceitos de religião. Estes mais voltados para a religião como experiência.

Schleiermacher (2000) se empenhou em legitimar a religião na modernidade, entendendo ser elemento fundante da cultura e da humanidade. Nesta perspectiva, Schleiermacher apresenta como tese a ideia de que o humanismo sem religião é incompleto. Não a religião dogmática do Medievo, mas uma religião autêntica que leva ao completo desenvolvimento do ser humano, segundo Schleiermacher.

Na busca em responder a questão “o que é religião”, Schleiermacher a define como *coisa espiritual*, e afirma que o objeto da religião é o “Universo e a relação do homem com ela” (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 29). Estes, segundo ele, também são objetos da Metafísica e da Moral.

A partir daí, Schleiermacher passa a mostrar que existe uma diferença entre Metafísica, Moral e Religião. Afirmar que há uma tentativa de identificação da Religião com estas outras duas formas de relacionar o Universo e o homem. Parte do princípio de que a Metafísica classifica o Universo e o investiga. “Investiga as causas do que existe e deduz a necessidade do real, ela extrai de si mesma a realidade do mundo e suas leis” (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 29). Neste ponto ele é categórico em dizer que a religião não estabelece seres, não determina naturezas, nem investiga as causas últimas para formular verdades eternas.

Ao referir-se à moral, constata que ela desempenha uma função de (partindo da natureza do homem e da sua relação com o Universo) criar um sistema de deveres e de prescrição de normas. O que não é função da religião.

Oliveira (2011, p. 147), apresenta o conceito de religião em Schleiermacher ao afirmar que:

Schleiermacher desenvolve seu conceito de religião sob um duplo aspecto. Por um lado, a religião é uma manifestação interior, enquanto um produto da natureza humana – ela possui uma província própria no ânimo. Por outro lado, a religião se manifesta exteriormente, enquanto um resultado gerado pelo tempo e pela história (Schleiermacher, 1970, p. 12). Em outras palavras, a religião é um evento simultaneamente transcendental e histórico, de importância crucial para a plena formação das potencialidades individuais do homem e de sua época histórica.

Na contramão de uma abordagem advinda da antropologia, a religião é percebida na fenomenologia como uma manifestação da natureza do homem, Schleiermacher (2000) afirma que o homem tem uma disposição natural para a religião. A religião é, então, a experiência da existência humana na relação com o Universo que se manifesta na relação da mulher e do homem com outras mulheres e homens – uma dimensão histórica. A religião é também um evento histórico.



É desta perspectiva da religião, que “se detém nas experiências imediatas da existência e da atividade do Universo, nas instituições e sentimentos particulares” (SCHLEIERMACHER, 2000, p. 37), que se aborda o pentecostalismo neste trabalho. Uma religião que parte da experiência de mulheres e homens.

Segundo Piazza (1976, p 56), experiência é vivência, e a define como “toda a percepção simples produzida por uma expressão externa”. O que implica, segundo ele, em uma relação com o mundo sensível e uma “faculdade espiritual” (p. 57), que serve para libertar sensações vindas de fora em ideias claras e precisas. Daí Piazza (1976, p. 17) define “religião como uma atividade de submissão ao Absoluto, que se manifesta em crenças e ritos determinados”.

Como se busca olhar a religião (a experiência religiosa) enquanto experiência da existência muda-se a perspectiva do estado de Religião e conseqüentemente do pentecostalismo neste ponto do trabalho; ou melhor, não se pretende descrever o pentecostalismo como apenas uma construção social (que será feita e indicado quando necessário for), com implicações sociopolíticas; busca-se “descrever os possíveis fenômenos religiosos da vivência humana” (GOTO, 2004, p. 54). Daí pensar a partir de uma fenomenologia da religião. Piazza (1976, p. 15) define fenomenologia religiosa como “o estudo do fato religioso nas suas manifestações e expressões sensíveis, com a finalidade de apreender o seu significado último”.

Ir à busca de se entender o como e porque se dá a experiência religiosa, que leva a se viver um estilo de vida específico. Só se é possível a partir do ouvir os relatos de experiência vivida. Por isso se perguntar: o que é *vida renovada* para você?

Como a fenomenologia não é uma ciência que se baste a si mesma, pois ela “depende [...] de outras ciências, tanto sob o ponto de vista do conteúdo [...] como do método” (PIAZZA, 1976, p. 16), há a necessidade de se buscar nas ciências sociais outras dimensões para se entender o pentecostalismo. Neste caso, tem-se o conceito de religião como sistema simbólico. Símbolo em Geertz (1989, p. 105) será usado em “qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção – a concepção é o significado do símbolo”.

Na fenomenologia da religião há um senso da essência divina. O encontro com esta essência leva a sentimentos de espantos, êxtases, alegria e medo. É o que se revela na fala de alguns dos entrevistados. O toque da divindade, a conversão, o encontro com o Ser divino. “A fenomenologia ‘clássica’ da religião, portanto, parte do axioma antropológico de que o ser humano é equipado com uma faculdade específica, a qual o predispõe para a sensação da presença do sagrado” (USARSKI, 2006, p. 34). Esta experiência se transforma em saberes, em símbolos, em ritos, em arte; e se estabelece como cultura, como estilo de vida, como uma realidade vivida.

O que para os sujeitos da pesquisa se manifesta como *vida renovada*, é a manifestação de uma experiência vivida em um grupo social específico. O contato com o elemento simbólico da religião, e a experiência com estes elementos, traz ao membro da comunidade religiosa estudada o sentimento de se viver algo novo: uma experiência para ele única e real.

Ao pensar sobre a questão do sujeito humano, Bello (2007, p. 60) vai a Husserl buscar a ideia de que a finalidade histórica do ser humano é “estar inserido na comunidade a qual pertence, coincidente através de um progressivo alargamento de perspectiva, em última análise, com a humanidade”. Daí aponta para o significado do *mundo da vida* como o início

da reflexão husserliana, que é a constatação existencial por parte do ser humano, que vive e experimenta certo contexto. O objetivo, a finalidade do ser humano é compreender este mundo que é real, a partir de sua própria experiência. A busca por esta compreensão coloca o ser humano, sujeito de si mesmo, no mundo. “O mundo da vida é o mundo da experiência” (BELLO, 2007, p. 64-65). Diante desta realidade existencial, o ser humano é sujeito e objeto ao mesmo tempo.

Esta experiência é bem explícita na experiência pentecostal relatada pelos sujeitos da pesquisa. A experiência com o divino, a busca de uma vida renovada os faz sujeitos enquanto seres que vivem suas experiências, que estão em busca de um renovo de vida e encontram tal renovo, mudando radicalmente a própria percepção de vida. Ou melhor, se adequando a um modelo já existente e que reproduz sistemas de dominação.

Um casal de entrevistados (Priscila e Áquila), afirmaram que encontraram em Jesus e na Igreja a satisfação de suas vidas. A experiência que eles tiveram com o sagrado desenvolveu neles a necessidade de viver o coletivo. Tornaram-se sujeitos, enquanto seres de experiência, mas também objetos, enquanto seguidores de um modelo pré-estabelecido pela comunidade religiosa. Enquanto objetos, mulher e homens são levados a um estilo de vida que os remete à experiência alheia. É o que vou chamar de paradoxo existencial. Esta condição de dupla existência, sujeito e objeto ao mesmo tempo.

Esta situação paradoxal, segundo Bello (2007, p. 65) foi apontada por Husserl, quando coloca o ser humano como sujeito e objeto da investigação, como o “único ser vivente capaz de refletir sobre si mesmo”.

A experiência pentecostal é a ação do sujeito, a busca e o encontro com o renovo de vida, a “renovação do espírito” como afirmou Ana em seu depoimento. São ações do

sujeito, que aceita a reprodução de um estilo de vida próprio, um estilo renovado. A vida renovada pode ser então expressa a partir da realidade do sujeito e do objeto.

O mais impressionante neste paradoxo existencial é que não há consciência desta condição de vida que se encontra. Fala-se da experiência, de busca pelo encontro com o Criador e consigo próprio, e da necessidade de se estar na igreja ouvindo, sendo orientado. Maria, uma entrevistada, revelou que não perde as tardes de renovo<sup>7</sup>, pois lá aprende a ser uma cristã melhor, uma mulher mais sábia. Maria revela que não alcançou o modelo ideal proposto nas escrituras sagradas de mulher cristã, segundo a interpretação da igreja. A sabedoria almejada está em saber cuidar da casa e ser admirada pelo seu companheiro e filhos, sem deixar de se cuidar, de manter sua autoestima sempre elevada. Ser uma cristã melhor está diretamente ligado a viver uma vida de conformidade com os padrões morais estabelecidos pela igreja e apresentados como ensinamentos verdadeiramente bíblicos.

Uma fala constante entre todos os entrevistados é que todos os ensinamentos dos pastores são baseados na Bíblia. É a autoridade divina invocada sobre eles. Ser uma cristã melhor e sábia é viver sob estas orientações. Neste sentido, a esposa do Pastor é um modelo a ser seguido. No pensar de Bello (2007, p. 76), é a “atividade espiritual que precisa intervir no processo de formação do eu como pessoa espiritual e livre”.

O olhar para o pentecostalismo como expressão da experiência religiosa de mulheres e homens nos segmentos médios de Aracaju – SE, e de como esta experiência que é individual, se transforma em projeto ético-político de indivíduos (grupos); estabelecendo um

---

<sup>7</sup> Renovo de Vida é uma programação semanal, às quartas-feiras, às 15:00 horas, com a presença da pastora da Igreja e é direcionada apenas às mulheres.

estilo de vida próprio que se apresenta como símbolo do grupo, logo se manifesta como experiência cultural, é o que impulsiona este estudo.

O pentecostalismo ao ser analisado neste trabalho a partir da fenomenologia da religião, o é feito com o intuito de se entender o porquê da necessidade de uma experiência religiosa. Entretanto, quanto a esta experiência de mulheres e homens dos segmentos médios urbanos que se submetem a um modelo estabelecido pelos detentores de um capital religioso específico, o pentecostalismo torna-se expressão religiosa, é religião, é sistema simbólico.

## **2.2 A Igreja Presbiteriana Renovada e a sua inserção no campo religioso brasileiro**

A Igreja Presbiteriana Renovada é uma igreja evangélica de origem brasileira que surge da união de grupos dissidentes de duas igrejas protestantes históricas brasileiras: A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e a Igreja Presbiteriana do Brasil. Sua origem é do início da década de 1970, e está envolta em uma atmosfera de busca por um modelo de espiritualidade bastante difundida no meio das comunidades protestantes entre as décadas de 1960 e 1970, que foi o chamado movimento pentecostal que atingiu as igrejas históricas.

Com base na documentação histórica disponível em documentos publicados, bibliografia específica e em entrevista realizada com o Pastor da Igreja Presbiteriana Renovada em Aracaju<sup>8</sup>, proponho aqui descrever o cenário sócio-religioso em que a Igreja Presbiteriana Renovada (IPR) surge. E também buscar, no surgimento do presbiterianismo

---

<sup>8</sup> O Pastor de Aracaju é vice-presidente nacional da denominação.

brasileiro, tal como se apresentam nas fontes pesquisadas, os elementos fundamentais de sua existência; além de apontar como ela se estabelece no campo religioso brasileiro e especificamente na cidade de Aracaju, tornando-se referência de igreja evangélica à população aracajuana. E, a partir deste resgate histórico e da possibilidade aberta pela investigação, entender a construção de um projeto ético-político com base em um estilo de vida renovado, denominado de *vida renovada*. A inserção desta abordagem histórica neste trabalho justifica-se pelo fato de se perceber que desde a chegada do protestantismo no Brasil, há um desejo de se estabelecer um modelo de sociedade cristã de matriz não católica romana.

A Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB) é um dos ramos presbiterianos presentes em terras brasileiras. São seis as igrejas presbiterianas herdeiras da tradição calvinista no Brasil. A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), a Igreja-Mãe de todos os ramos do presbiterianismo brasileiro, com início das atividades no Rio de Janeiro em agosto de 1859. A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB), outra herdeira da tradição calvinista, com origem em 1903. A Igreja Presbiteriana Conservadora (IPC), fundada em 1940, a Igreja Presbiteriana Fundamentalista (IPF), que surgiu em 1956; a Igreja Presbiteriana Renovada (IPRB) com data de fundação em 1975; e a mais recente, a Igreja Presbiteriana Unida (IPU) fundada em 1978.

### 2.2.1 As Origens do Presbiterianismo Brasileiro

A origem do presbiterianismo brasileiro se dá em agosto de 1859, com a chegada do primeiro missionário presbiteriano em terras brasileiras. Oriundo dos Estados Unidos da América, o Rev. Ashbel Green Simonton que viveu no Brasil até 1867, ano de sua morte,

organizou a primeira Igreja Presbiteriana na cidade do Rio de Janeiro, capital do Império em 1862. Como estratégia de ação missionária procurou agir com parcimônia no que se refere à Igreja oficial do Império. Mendonça (1995, p. 83) afirma que em seus sermões Simonton

[...] nunca se refere explicitamente à Igreja Católica, mas “à religião de nossa sociedade” ou aos “costumes religiosos deste país”. [...] Os sermões de Simonton mostram um bom escritor, orador e ainda arguto observador da sociedade do Rio de Janeiro de seu tempo.

Na implementação do presbiterianismo brasileiro, Simonton busca convencer seus fiéis de que a religião oficial do Império trazia uma falsa segurança, pois não estava baseada nos fundamentos da fé, mas na tradição e nos costumes. Segurança para ele estava ligada à questão da imortalidade e do consolo, na esperança de uma vida futura. Já um indício de que o modelo daquela sociedade não era o ideal

Simonton mostra uma grande preocupação com a religião interior, com a vida íntima, pessoal, e por esse prisma, critica o “deísmo” dos estrangeiros protestantes no Brasil, principalmente ingleses e americanos com quais teve maior contato, assim como o “sensualismo” da religião dos naturais da terra. [...] Após passar pela crítica experiência da perda de sua mulher, aparentemente vítima de complicações puerperais, registra Simonton: “O céu é o lar dos crentes. Tudo o que é mais caro se encontra lá: pai, mãe, irmã e esposa. Jesus está lá”. (MENDONÇA, 1995, p. 182).

O Presbiterianismo brasileiro recebe desde sua implantação forte influência das questões sociopolíticas norte-americanas. A Igreja Presbiteriana Americana em 1857 passou por uma divisão devido aos conflitos (questão escravagista) que culminaram na Guerra da Secessão (1861-1865). A Igreja Americana foi dividida em Igreja do Norte e Igreja do Sul. Simonton foi enviado ao Brasil pela Igreja do Norte, o chamado *Board* de Nova Iorque (MENDONÇA, 1995).

A crise vivida pelo presbiterianismo norte-americano foi por uma luta ideológica, que transitou pela chamada Nova Escola Teológica, mais liberal, com a defesa pela igualdade racial e por uma igreja mais envolvida com os problemas da sociedade. E uma Velha Escola, ligada à chamada Teologia da Igreja Espiritual. Segundo Mendonça (1995), Simonton

humanamente tendia para a Nova Escola corroborando com a tendência da missão que o enviou ao Brasil, sendo contra uma sociedade escravocrata.

A religião oficial brasileira na perspectiva de Simonton não logrou êxitos em desenvolver na população valores compatíveis com os do evangelho. Entretanto a religião dos norte-americanos poderia através de *seu evangelho* e de seus valores, somados aos seus métodos educacionais cumprir este papel. Esta crença levava Simonton em sua prática pastoral tender para a outra escola. Diz Mendonça (1995, p. 182):

A preferência de Simonton pela Teologia da Igreja Espiritual e sua carreira ligada institucionalmente à “Velha Escola” parecem confirmar a tendência conservadora registrada precocemente em seu diário. Seu antiescravismo mais coerente com a “Nova Escola” pode ser levado à conta de seus sentimentos humanos, mas não a de uma rigorosa coerência teológica. Daí, aquela ambiguidade de pensamento que parece situar Simonton como que suspenso entre céu e terra.

O início do protestantismo no Brasil passou por algumas fases. Os franceses e holandeses identificados como invasores pela história oficial brasileira foram os primeiros a tentarem uma ação missionária nas terras dos tupiniquins. Os franceses na Baía de Guanabara, em 1555, com o envio de leigos e pastores calvinistas, e mais tarde no século XVII (1624 e 1630), com os holandeses, primeiramente na Bahia (expulsos em 1625) e em Pernambuco (durando até 1654). Na expedição holandesa, que tinha como principal objetivo a exploração da cana-de-açúcar, vieram pastores reformados que chegaram a implantar igrejas reformadas holandesas, de orientação calvinista no Nordeste Brasileiro (SCHALKWIJK, 1986, SANTOS, 1999).

Com a invasão dos holandeses chegou a igreja reformada. Ela não nasceu da sementeira da pregação, mas foi transplantada como uma muda. À semelhança de todos os outros aspectos da vida holandesa, também a igreja foi transplantada para o Brasil. Inicialmente seriam igrejas da conquista, como as implantadas pelos conquistadores ibéricos na América do Sul, cem anos antes, para depois se transformarem em igrejas de imigrantes, que cresceriam também como igrejas missionárias. Basicamente, todavia, seriam também *igrejas da conquista*. (SCHALKWIJK, 1986, p. 99)



A colonização portuguesa de orientação católica romana impediu quaisquer tentativas posteriores de estabelecimento de igrejas protestantes. A ação dos jesuítas, em obediência à estratégia adotada pela Contrarreforma de incentivar a pregação católica nas terras recém-conquistadas, foi bastante profícua. “Através dessa estratégia aplicada à educação, a Igreja Católica conseguiu grande difusão de sua fé, recuperando espaços que havia perdido na Europa por causa da reforma religiosa iniciada por Lutero” (SANTOS, 1999, p.16).

Com a chegada da Família Real Portuguesa em terras brasileiras, houve uma alteração na política externa do Reino, permitindo que estrangeiros protestantes (sua maioria inglesa anglicana) viessem para o Brasil. Os tratados feitos com a Inglaterra em 1810 previam que os ingleses que aportassem aqui não seriam atingidos pela Inquisição, no entanto ficariam proibidos de construir templos que fossem semelhantes aos católicos (SANTOS, 1999). Estes tratados e a liderança política da Inglaterra no Século XIX favoreceram a transferência de outros imigrantes protestantes para o Brasil.

Este é o segundo momento do protestantismo no Brasil, marcado pelo chamado protestantismo de imigração (CAMARGO apud SANTOS, 1999); e seu interesse não era fazer prosélitos, nem divulgar a fé. O foco era a preservação da religião de origem, inclusive como resistência cultural.

Ainda de acordo com a classificação de Cândido Procópio, o outro momento do protestantismo brasileiro é chamado de protestantismo de conversão, resultante do esforço missionário de igrejas estrangeiras, em sua maioria norte-americanas. Esse trabalho, de cunho proselitista, aberto, de vanguarda, foi basicamente empreendido pelas sociedades bíblicas inglesas e norte-americana, bem como por sociedades missionárias vinculadas às chamadas denominações históricas (batistas, metodistas, presbiterianas, congregacionais). (SANTOS, 1999, p. 18).

É neste contexto que Ashbel Green Simonton chega ao Brasil. E, após o sucesso de sua vinda, outros missionários são enviados pelas Igrejas Presbiterianas Norte Americana

(do Norte e do Sul), para cidades como São Paulo, Campinas, Recife e Salvador, dando continuidade ao projeto missionário presbiteriano.

Este protestantismo que se estabelece de forma plena no Brasil tem como característica básica o conservadorismo e o proselitismo, no dizer de Santos (1999, p.22): “portava uma teologia conservadora e alienante”. O que reflete o individualismo teológico difundido pela igreja norte-americana.

Essa mentalidade religiosa pragmática, que acreditava no progresso individual e moral de indivíduos regenerados e, por dedução, da sociedade em geral, foi fonte de energia para o avanço econômico-social da nação norte-americana, e as igrejas se sentiam responsáveis por isso. Ainda, por decorrência, cresceu a ideia de que, com o progresso moral da sociedade, caminhava-se na direção do reino de Deus pregado nos Evangelhos. (MENDONÇA, 2007, p. 169).

O presbiterianismo no Brasil vai seguir esta tendência, dando mais ênfase à Teologia da Igreja Espiritual. Os missionários americanos apresentavam um discurso conversionista, com base na emoção e na experiência religiosa, levando o prosélito a adotar um estilo de vida pautado na moral vitoriana e numa ética calvinista, além de influenciados “pela doutrina da Igreja Espiritual que buscava distinguir a fé dos negócios humanos” (MENDONÇA, 2007, 171). O que mantinha o crente distante das questões políticas presentes no final do Século XIX (abolicionismo e republicanismo).

No final do Século XIX, o presbiterianismo brasileiro, já com a presença de pastores brasileiros, enfrenta algumas crises internas como reflexo da crise vivida nos Estados Unidos. Santos (1999, p. 22) relata a crise da seguinte forma:

[...] o protestantismo brasileiro enfrentou algumas crises internas resultantes de conflitos das igrejas e missionários estrangeiros com as igrejas e pastores nacionais. A primeira crise, causada, entre outros fatores, por conflitos de poder, ocorreu em 1903 no presbiterianismo, dela resultando o surgimento do ramo presbiteriano independente. Também os batistas enfrentaram crises semelhantes por volta de 1922.

Este episódio vai levar o presbiterianismo para dois caminhos distintos, no entanto com propostas semelhantes no que se refere à questão do conservadorismo teológico. O que impede que os ventos do movimento pentecostal emergente no início do Século XX atinja de imediato o ramo presbiteriano no Brasil.

### 2.2.2 O Presbiterianismo no Século XX – a independência, o conservadorismo e a renovação carismática.

Émile Léonard (2002, p. 145) descreve o momento da independência do presbiterianismo da seguinte maneira:

Dentre estes problemas há um que nos parece o principal: o das relações entre igrejas protestantes brasileiras e seus missionários estrangeiros. Apresentou-se primeiramente à Igreja Presbiteriana quando era, já no fim do Império, com vinte e cinco anos de existência e com extraordinário desenvolvimento já assinalado, alcançou o que poderia chamar de maioria eclesiástica. Já se encontrava então suficientemente amadurecida para conduzir-se dignamente, sem a tutela que os missionários americanos haviam, até aquele tempo, exercido sobre ela.

O presbiterianismo brasileiro alcança esta *maioridade eclesiástica* em um período de furor patriótico, com os ventos republicanos soprando em terras tropicais. Seria natural que em um país livre, democrata e republicano, as igrejas também desejassem esta liberdade em relação às igrejas-mães. Pensar uma igreja de nativos, feita para nativos, era o caminho natural de uma sociedade que respirava ideais de liberdade.

Segundo Léonard (2002), houve uma queda na qualidade dos missionários americanos, não de ordem religiosa, mas no que se refere às perspectivas teológicas e intelectuais. Com um ensino religioso rígido, o ensinamento se limitava aos sermões e à vida prática, cheia de moralismos. A igreja, como já afirmado por Mendonça (2007), tornou-se pragmática.

No que se refere às igrejas protestantes latinas, em especial as presbiterianas, elas, por terem líderes nacionais com uma boa formação intelectual, “se decepcionaram com o pragmatismo e a fraqueza teológica de um certo ministério norte-americano” (LÉONARD, 2002, p.147). E passaram a confrontar esta fraqueza intelectual dos missionários com sermões, textos escritos em jornais e debates em reuniões oficiais das igrejas, demonstrando uma “superioridade intelectual às demonstrações que acreditavam traduzir um complexo de superioridade étnica dos missionários” (LÉONARD, 2002, p.147).

Aliada a este despreparo dos missionários de segunda geração, a Igreja Americana passou a investir na construção de escolas, atuando na chamada evangelização indireta. Além do anúncio da fé protestante, havia um interesse de alcançar as elites brasileiras com o estilo de vida americano. Uma forma de propaganda ideológica pelo viés da educação. Os primeiros colégios partiram de iniciativas pessoais, não ligadas diretamente às instituições missionárias. A participação das igrejas-mães na implementação de escolas desagradou alguns dos líderes nacionais, que viram investimentos que poderiam ir para a abertura de novas igrejas serem redirecionados para a construção de grandes colégios.

Referindo-se a como alguns missionários americanos percebiam esta nova estratégia missionária, escreve Léonard (2002, p.151): “[...] alguns deles acreditaram que o êxito da evangelização dependeria em parte da criação de uma atmosfera e de uma mentalidade estrangeira nos estabelecimentos de ensino, em que as qualidades pedagógicas tomaram logo o primeiro plano”.

No entanto, o presbiterianismo nacional já se arvorava de ter seus próprios líderes. Mineiro de nascença, Eduardo Carlos Pereira (1855-1923) foi professor desde muito cedo. Entrou para a Igreja Presbiteriana em 1875, sendo ordenado ministro presbiteriano em 1881, com vinte e seis anos de idade. Logo no início de seu trabalho como pastor protestante,

Eduardo Carlos Pereira mostrou-se preocupado com a evangelização das terras brasileiras. Cada vez mais alcançando espaço nas reuniões conciliares, demonstra o interesse pela pregação do Evangelho, passando a questionar a liderança norte-americana no que se referia ao redirecionamento de verbas para a educação secular, e não no investimento na formação de pastores brasileiros (MENDONÇA, 1995).

a) O Movimento de independência – Surgimento da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

Eduardo Carlos Pereira tinha forte posição proselitista, buscava em seus sermões e textos publicados a conversão de católicos à fé protestante. Fundou, em 1883, a Sociedade Brasileira de Tratados Evangélicos “com o objetivo de produzir literatura evangélica em linguagem bem trabalhada e acessível ao povo dentro do contexto nacional” (MENDONÇA, 1995, p. 87).

Com a visão de uma autonomia para a Igreja Presbiteriana brasileira, Pereira concebe o que foi chamado de Plano de Missões Nacionais, que tinha como objetivo acelerar o processo de independência financeira para sustentar pastores, missionários e professores brasileiros. Em 1893, juntamente com outros pastores presbiterianos nacionais, funda o jornal *O Estandarte* (ainda em circulação). Para divulgar suas ideias, lança em 1887 a Revista de Missões Nacionais.

Vê-se, portanto, a grande preocupação de Eduardo Carlos Pereira em libertar o presbiterianismo brasileiro da tutela norte-americana, ao seu ver enviesada, com o sentido de direcioná-lo à evangelização protestante exclusivamente. Esta preocupação vai orientar a ação ministerial de Eduardo Carlos Pereira (MENDONÇA, 1995, p.88)

Duas grandes lutas foram travadas por Eduardo Carlos Pereira. Uma com os missionários americanos, no que diz respeito à necessidade de se evangelizar o Brasil, e que todos os esforços da igreja deviam ser direcionados para esta ação. E outra foi com a Igreja Católica, onde Pereira saiu em defesa do protestantismo, refutando ideias que surgiram

tentando desestabilizar a igreja protestante que se consolidava no Brasil. Pereira escreveu nas páginas de *O Estandarte* duas séries de artigos mostrando haver uma superioridade civilizatória protestante em relação aos povos colonizados por católicos romanos, no que se refere principalmente ao progresso material e moral do povo. (MENDONÇA, 1995).

Eduardo Carlos Pereira entendia que a América Latina continuava pagã, para ele a mensagem católica romana havia distorcido a verdadeira mensagem do Evangelho, ideia também presente em Simonton. O fato de ter sido colonizada por países cristãos não fazia dela um continente cristão. Esta perspectiva de Pereira fez dele um líder a ser ouvido e respeitado pelos pastores brasileiros. (CARVALHO, 1985).

Depois de pastorear igrejas em Minas Gerais, a Igreja Presbiteriana de São Paulo o elegeu em 1888 como seu pastor e passou a mantê-lo com recursos próprios. É o primeiro pastor brasileiro eleito e sustentado integralmente com recursos nacionais.

Em 1888, as duas missões presbiterianas no Brasil, o *Board* de Nova Iorque (Igreja do Norte) e o *Committee* de Nashville (Igreja do Sul) estabeleceram o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil. Era o início da autonomia administrativa do presbiterianismo brasileiro. Mas isto não significava independência financeira.

Segundo Léonard (2002), o Sínodo fora organizado com dez missionários da Igreja do Norte, seis pastores brasileiros, oito missionários da Igreja do Sul e mais três pastores brasileiros que dependiam do sustento do *Committee*.

O prenúncio de uma independência presbiteriana foi à votação do Plano de Missões Nacionais, em 1896. O Plano apresentado por Pereira tinha como objetivo despertar as comunidades presbiterianas para a responsabilidade na manutenção financeira da evangelização em terras brasileiras, sem a necessidade de sustento estrangeiro.

[...] tinha por alvo despertar nas igrejas o sentimento de responsabilidade na evangelização, promovendo sustento dos obreiros nacionais por meio de compromissos, ofertas e coletas. O fundo arrecadado, dizia o artigo 5º, seria aplicado na seguinte ordem: 1º sustentação de pastores; 2º de evangelistas; 3º de professores e estudantes para o ministério ou qualquer outro trabalho de evangelização. (LESSA apud CARVALHO, 1985, p. 32).

Aliado à questão da evangelização do território nacional mais duas grandes questões foram levantadas por Pereira e que serviram de estopim para o cisma presbiteriano, que veio a ocorrer em julho de 1903: a questão dos seminários e a questão maçônica.

Esta autonomia administrativa estava aquém dos ideais de independência imaginados por Pereira. Mesmo havendo um bom número de pastores nacionais, a dependência econômica da Igreja Americana ainda era um diferencial. Neste contexto surgiu a questão do ensino teológico para a formação de pastores nacionais. No início do presbiterianismo no Brasil os pastores eram formados em uma pequena Escola Teológica, fundada por Simonton no Rio de Janeiro, mas que durou pouco tempo.

A partir do fechamento desta escola, os candidatos a pastores passaram a ser instruídos pelos missionários diretamente, estes assumiam a função de tutores eclesiásticos. “Deveria a educação teológica estar em mãos de brasileiros ou norte-americanos? Eis a importância do ‘Instituto Teológico’ que Pereira e seus adeptos fundaram em fins de 1892” (REILY, 1984, p. 165).

O Sínodo de 1888 recebeu uma proposta de implementar um ensino regular de teologia na Escola Americana em São Paulo (Futuro Colégio Mackenzie), proposta derrotada com a ajuda dos nacionais pelos membros da Igreja do Sul que mantinham uma escola em Campinas. Até 1891 a questão ainda não havia sido resolvida. Depois de tentativas frustradas de unidade entre os missionários estrangeiros e a crescente autonomia das igrejas brasileiras, em fevereiro de 1893, nas dependências da Igreja Presbiteriana de São Paulo, pastoreada por Eduardo Carlos Pereira, é fundado o Instituto Teológico, com quatro estudantes.

A partir de questões como essa, relacionadas com o ensino e a formação de ministros brasileiros, surgiram outras que, encabeçadas por um grupo dos chamados “nacionais”, buscaram a autonomia e liberdade nos ensinamentos de teologia e de outras disciplinas na formação de ministros. (CARVALHO, 1985, p. 34).

A questão dos seminários era uma questão de poder. Direcionar a educação teológica passava necessariamente por estabelecer um plano de uma igreja necessariamente nacional, onde “todos os seus elementos constitutivos e doutrinários ajustados às condições sociais, políticas, econômicas e culturais da jovem nação” (CARVALHO, 1985, p. 34-35).

A outra questão crucial que levou à independência da Igreja Presbiteriana foi à discussão sobre a incompatibilidade entre a fé cristã e a Maçonaria. “A busca do poder eclesiástico foi acompanhada pela discussão de incompatibilidade doutrinária com a Maçonaria” (CARVALHO, 1985, P. 39).

Esta discussão, no pensar de Léonard (2002), foi fruto de contendas pessoais entre Pereira e alguns missionários do *Board*. Diz Léonard (2002, p. 163):

Para agravar ainda mais esta situação, um novo problema se apresentou: a questão maçônica. E, através deste falso problema que se acrescia às questões e atitudes pessoais e que nele reapareciam de maneira desastrosa e circunstancial, a divisão inevitável e legítima da Igreja Presbiteriana haveria de processar-se em condições as mais infelizes.

A insatisfação de Pereira e dos outros nacionais levou à elaboração de um documento que foi apresentado no Sínodo seguinte em 1903. O documento denominado de Plataforma trazia como pontos para o debate:

1. Independência absoluta ou soberania espiritual da Igreja Presbiteriana do Brasil;
2. Desligamento dos missionários dos presbitérios nacionais;
3. Declaração oficial da incompatibilidade da maçonaria com o Evangelho do Nosso Senhor Jesus Cristo;
4. Conversão das missões nacionais em missões presbiteriais ou autonomia dos presbitérios na evangelização de seus territórios;
5. Educação sistemática da Igreja, pela Igreja e para a Igreja. (REILY, 1984, p. 166)

O protesto assinado pelos ministros e presbíteros faz referência apenas à questão maçônica, sendo que o próprio Eduardo Carlos Pereira declarou que: “As origens da



independência presbiteriana são os antecedentes históricos que, por mais de três lustros, vieram, de onda em onda, desdobrar-se no auspicioso movimento de 31 de julho de 1903”. (PEREIRA, apud REILY, 1984, p. 166).

A Igreja Presbiteriana Brasileira, tal qual a Igreja-mãe (norte americana) passou a ter dois segmentos presbiterianos: A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) e a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPIB). No começo, a Igreja Independente, impulsionada pelo discurso nacionalista e antimaçônico, desenvolveu-se bem, superando as expectativas.

No final da década de trinta do Século XX, a Igreja Presbiteriana Independente sofre uma crise, não de nacionalismos, mas doutrinária. Surgem discussões sobre elementos teológicos envolvendo professores do Seminário (Curso de formação de pastores). Algumas comunidades e pastores mais conservadores alegaram que o mesmo havia sido invadido por ideais liberais e deixaram a denominação, fundando a Igreja Presbiteriana Conservadora em fevereiro de 1940.

Semelhantemente, na década de 1950, a Primeira Igreja Presbiteriana de Recife, sob a liderança do Rev. Israel Furtado Gueiros, instituiu uma empreitada contrária ao Seminário Presbiteriano do Norte, acusando-o também de influência liberal. Após ser deposto pelo Presbitério de Pernambuco, o Rev. Israel fundou a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil.

As Igrejas Fundamentalista e Conservadora não alcançaram grande desenvolvimento, como suas igrejas de origem, mas causaram forte impacto nas suas comunidades, levando o Presbiterianismo brasileiro a um novo momento.

#### b) Pentecostalismo e a Renovação das Igrejas Presbiterianas

A expressão *renovada* está diretamente ligada a um novo modo de ver a espiritualidade cristã. Com base na experiência do dia de Pentecoste, relatada nos textos do Novo Testamento<sup>9</sup>, as pessoas que revivem tal momento são chamadas de renovadas ou cheias do Espírito Santo. A Igreja protestante, a partir do Século XIX, atravessou um momento chamado de Avivamento Espiritual que culminou em experiências de renovação espiritual. Esta renovação trouxe para a Igreja Protestante um impulso missionário, uma prática de vida mais piedosa e, conseqüentemente, um alinhamento com a política ocidental de obediência ao Estado.

O moderno movimento pentecostal é considerado por muitos estudiosos o fenômeno mais revolucionário da história do cristianismo no século 20, e talvez um dos mais marcantes de toda a história da igreja. Em relativamente poucas décadas, as igrejas pentecostais reuniram uma imensa quantidade de pessoas em praticamente todos os continentes, totalizando hoje, segundo cálculos de especialistas, cerca de meio bilhão de adeptos ao redor do mundo. Mais do que isso, o pentecostalismo acarretou mudanças profundas no panorama cristão, rompendo com uma série de padrões que caracterizavam as igrejas protestantes há alguns séculos e propondo reinterpretações muitas vezes bastante radicais da teologia, do culto e da experiência religiosa. (MATOS, 2006, p. 24)

Neste contexto dos Avivamentos, surge nos Estados Unidos da América surge o pentecostalismo. Campos (2005, p. 105) afirma que “No início do século XX, o campo religioso norte-americano estava carregado de forças centrífugas, que num curto período de três anos centenas de fiéis se transformaram em missionários pentecostais, que influenciados por Los Angeles se espalharam primeiro para todos os EUA, depois, para Europa, Ásia, América Latina e África”. Assim chega ao Brasil.

---

<sup>9</sup> No Novo Testamento, no livro dos Atos dos Apóstolos, no capítulo 2, é narrado um fenômeno espiritual, ocorrido no dia de Pentecoste, quando os seguidores de Jesus de Nazaré, após sua ascensão aos céus, receberam diretamente de Deus o Espírito Santo, que na teologia cristã é chamada de Terceira Pessoa da Trindade. Ao receberem o Espírito Santo, os seguidores de Jesus passaram a falar em outras línguas e reproduziram os sinais miraculosos que Jesus havia feito. Esta experiência, segundo os Pentecostais, é reproduzida nos dias atuais, e é chamada de Batismo no Espírito Santo. A Evidência deste batismo é o falar em línguas estranhas. Ser renovado significa ter passado pela experiência do Pentecoste.

O pentecostalismo é um movimento que se manifesta entre as igrejas protestantes dos Estados Unidos no século XIX e que aqui chegou no início do século XX, entre os anos de 1910 e 1911. Afirma Mendonça (2008, p. 135):

Gunnar Vingren e Daniel Berg fundaram as Assembleias de Deus no Brasil. Luigi Francescon fundou a Congregação Cristã no Brasil. Todos eles eram leigos e procedentes diretamente do movimento iniciado na Califórnia e, principalmente, estrangeiros nos Estados Unidos. Os primeiros introduziram o movimento numa congregação pobre de Belém do Pará [...], expandiu-se na direção da migração nordestina para o sul de País. O segundo, depois de não ter tido sucesso numa Igreja presbiteriana de classe média em São Paulo, teve de dirigir sua mensagem a imigrantes italianos e a nordestinos na mesma cidade.

Percebe-se na fala de Mendonça que o pentecostalismo encontra no Brasil um terreno fértil para seu crescimento. O sincretismo religioso, a grande massa de imigrantes europeus e migrantes nordestinos, distantes de seu universo religioso, sentiram-se atraídos pelo mágico, pelo extraordinário e pela nova perspectiva que a nova religião propunha.

O pentecostalismo chegou ao Brasil no início do século XX (1910), e desde então é objeto de estudo. Inicialmente no próprio meio religioso. Hahn (1989) cita o *The Republic of Brazil*, de autoria de Erasmo Braga e Kenneth Grubb, datado de 1932. Este documento é um relatório de 184 páginas, e nele há uma citação pequena de que a Assembleia de Deus de Belém do Pará contava naquele momento com aproximadamente cem mil membros. Hahn (1989) também relata que a preocupação com o pentecostalismo nascente ultrapassou as fronteiras do protestantismo. Em outro relatório citado, agora do Padre Agnelo Rossi, há a informação de pelo menos quatro grupos pentecostais em vários estados da federação.

O pentecostalismo nascente brasileiro foca numa espiritualidade mágica, com ênfase na glossolalia e na profecia. Estas características da sociedade brasileira permitiram o desenvolvimento deste segmento protestante que se desenvolveu a ponto de ser, no Brasil, em 2007, aproximadamente 17% da população se declarar evangélica; o que representa 22% da população brasileira (MARIANO, 2008).

No Brasil, a magnitude do pentecostalismo é evidente a todos os observadores. Há muitos anos esse segmento congrega a maioria dos protestantes. De acordo com o Censo de 2000, dos 26,2 milhões de evangélicos brasileiros, 17,7 milhões são pentecostais (67%). O espantoso crescimento que o protestantismo nacional tem experimentado em décadas recentes reflete principalmente o que ocorre nas igrejas pentecostais. Por causa dos seus pressupostos explícitos ou implícitos, esse movimento tem uma notável capacidade de reinventar-se a cada geração, assumindo formas novas e inusitadas. Isso já ocorreu no passado e ocorre novamente agora com o neopentecostalismo, um fenômeno nitidamente brasileiro. Assim como está se tornando comum falar em protestantismos, também se faz cada vez mais necessário falar em pentecostalismos, tal a diversidade do movimento. (MATOS, 2006, p. 24)

Em uma análise mais recente do número de evangélicos no Brasil, tendo como base o Censo de 2010, Mariano (2010) confirma o crescimento dos pentecostais, agora com um dado, que é a presença de *evangélicos não determinados*, que em seu entender apresenta um número significativo de seguidores deste estilo de vida:

O declínio católico e o crescimento evangélico mantiveram-se tão elevados entre 2000 e 2010 quanto na década anterior, que até então havia sido, de longe, a recordista nesses quesitos. Entre 1991 e 2000, a Igreja Católica perdeu 9,4 pontos percentuais e, na década seguinte, outros 9,3, enquanto os evangélicos mantiveram a expansão de 6,6 pontos percentuais nos dois recenseamentos. Resultado, a última década foi a primeira na história brasileira em que os católicos declinaram em números absolutos, caindo de 125,5 em 2000 para 123,3 milhões em 2010, perda de 2,2 milhões de adeptos. Já os evangélicos ampliaram seu rebanho em 16 milhões de adeptos, chegando a 42,3 milhões. [...] Os pentecostais, por sua vez, dobraram de tamanho entre 1980 e 2000, passando de 3,9 milhões em 1980 para 8,8 milhões em 1991 e para 17,7 milhões em 2000. Em 2010, porém, chegaram a “apenas” 25,4 milhões, performance bem inferior à obtida nos dois decênios anteriores. Eles cresceram 4,6 pontos percentuais entre 1991 e 2000. No último Censo, porém, aparecem com um crescimento de somente 2,7 pontos, algo improvável, dado que as igrejas pentecostais lideram largamente o trabalho proselitista no campo evangélico e colhem o grosso de seus resultados. [...] É provável que os pentecostais tenham crescido numa proporção bem maior do que aponta o Censo, uma vez que 9,2 milhões de evangélicos foram postos na categoria “evangélica não determinada”, por não terem sido identificados nem como pentecostais nem como protestantes de missão.

“Isso faz do Brasil o país com o maior número de pentecostais do mundo” (MARIANO, 2008, p. 69). O pentecostalismo encontra no campo religioso brasileiro espaço para desenvolver outras vertentes. O pentecostalismo que chega ao Brasil, chamado de clássico por Mendonça (2004) e por Freston (1996) de primeira onda, trazia como principal objetivo a evangelização a uma sociedade perdida e que necessitava desta graça reparadora do Espírito Santo, manifesta nas curas e dons extraordinários (ÁLVARES, 1996). É

marcadamente urbano e usou como panos de fundo a pregação escatológica e o juízo divino sobre a sociedade.

No dizer de Gutierrez (1996), alguns fatores justificam a fixação do pentecostalismo no Brasil. São eles: o fator sociológico com fundamento na crise socioeconômica vivida no Brasil; o aspecto psicológico, que aponta para a eliminação de barreiras sociais, políticas e religiosas, permitindo ao fiel pentecostal participar ativamente das práticas religiosas, sem distinção entre clero e laicato; isto somado ao aspecto pastoral, atendendo, com a presença marcante, junto ao povo e satisfazendo suas necessidades.

Mas é o pentecostalismo de segunda onda (FRESTON, 1996) ou de cura (MENDONÇA, 2008) que se fortalece e se expande no Brasil. Dentre os modelos de pentecostalismo que chegam ao Brasil em meados do século XX, encontra-se um grupo vindo para campanhas evangelísticas no hemisfério norte, principalmente dos Estados Unidos da América (FRESTON, 1996) que se apresentaram como proselitistas e de fácil adaptação às mudanças que a sociedade norte-americana vinha enfrentando. Houve um crescimento deste segmento devido ao uso de grandes campanhas evangelísticas e ao uso do rádio como meio de divulgação da fé. A influência deste novo ramo do pentecostalismo fez com que segmentos das igrejas protestantes históricas aderissem ao pentecostalismo, o que levou a cismas em algumas delas.

Foi no início da década de 1950 que o movimento de cura divina se instalou de modo claro no Brasil. Foi nesse período, após a Segunda Guerra Mundial e o fim da Era Vargas, que a industrialização tomou conta do Centro-Sul do País, provocando a expansão das grandes cidades por causa da intensa migração campo-cidade e, principalmente, no Norte-Nordeste para ali. (MENDONÇA, 2008, p. 135)

A ênfase do pentecostalismo sempre foi a manifestação dos chamados dons espirituais, em específico a cura de enfermidades (CAMPOS 1996). O crescimento junto à população de baixa renda foi imediato; entretanto, por usar meios eletrônicos de transmissão

de suas atividades, atingiu também parte da população economicamente favorecida. Principalmente por usar um linguajar menos agressivo do que os pentecostais históricos (MENDONÇA, 2004), além de ter um discurso mais brando no que se refere a usos e costumes. Essa estratégia possibilitou o crescimento do pentecostalismo entre algumas igrejas históricas (presbiterianas, batistas, metodistas).

A partir da segunda metade do século XX surge um segmento pentecostal com forte presença na mídia, com ênfase a uma moral pietista, mas com tolerância aos usos e costumes que serviriam de estratégia na aproximação das camadas com maior poder aquisitivo e de maior formação escolar. Deste segmento, surgem igrejas como a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Igreja O Brasil para Cristo (com foco em camadas mais populares da população) e denominações que vêm de cisões com grupos históricos (presbiterianos renovados, batistas renovados, Igreja do Avivamento Bíblico etc.).

O conceito de *pentecostalismo neoclássico* aparece em Mariano (1996), pois se apresenta como aquele que mantém características de um pentecostalismo clássico, chamado por Freston (1996) de pentecostalismo de primeira onda; mas que constrói novas temáticas socio-teológicas, com severa disciplina pessoal, e penetração mais ostensiva na sociedade, inclusive com presença nas camadas médias urbanas. É o grupo pentecostal de segunda onda (FRESTON, 1996), que penetra nas comunidades históricas com uma ênfase em renovação espiritual, que leva ao surgimento de novas denominações protestantes. É o caso das igrejas Batistas e Presbiterianas Renovadas.

Este pentecostalismo é a base para o que vai surgir no final do século XX, que ficou conhecido no estudo das religiões como neopentecostalismo ou de terceira onda (FRESTON, 1996). Para Mendonça (2004) é uma expressão do pentecostalismo que introduz, “de maneira clara, práticas sincréticas do catolicismo popular, das religiões afro-brasileiras,

do espiritismo, assim como de crenças arcaicas como, por exemplo, a amarração, o ‘deus do nó’, da corda e assim por diante” (MENDONÇA, 2004, p. 75).

Zabatiero (2007, p. 135), apresentando uma tipologia histórico-social do protestantismo brasileiro, traz a seguinte conceituação:

(1) protestantismo de imigração – PI; [...] (2) protestantismos de missão; (3) pentecostalismo clássico, cujas denominações principais são a Assembleia de Deus – AD e a Congregação Cristã do Brasil – CCB; (4) pentecostalismo carismático – PC, cujas as denominações principais são a Igreja do Evangelho Quadrangular – IEQ e as versões carismáticas das denominações do protestantismo de missão – PM – batista renovada, presbiteriana renovada, batista nacional, batista independente e outras; (5) pentecostalismo autônomo – PA, ou neopentecostalismo – NP [...]. Até hoje não se propôs uma tipologia das inúmeras igrejas independentes, conhecidas como comunidades, que eu chamaria de pós-denominacionais.

O pentecostalismo brasileiro estabelece-se de tal forma no campo religioso brasileiro que passou a ser referência para outros países. Tornando-se inclusive modelo para igrejas protestantes históricas, que muitas vezes reproduzem práticas pentecostais.

Meneses (2008) identificou em sua pesquisa personagens no interior das igrejas protestantes históricas praticantes de comportamentos pentecostais que fazem questão de assim se identificarem, confirmando a ideia da influência do modelo pentecostal no campo religioso brasileiro.

Neste contexto de surgimento do Pentecostalismo no Brasil, as Igrejas Presbiterianas foram também atingidas. Segundo Lima (1996), a Igreja Presbiteriana Independente foi a mais atingida pelo pentecostalismo no ramo presbiteriano. Segundo ele, o primeiro conflito se deu ainda nos primeiros anos da Igreja Independente.

Foi em 1910 que Daniel Berg e Gunnar Vinggren, suecos provenientes do EUA, chegaram a Belém do Pará, extremo norte do país, para implantar as primeiras igrejas pentecostais no Brasil. Tais missionários foram responsáveis por implantar a Assembleia de Deus no Brasil. [...] O desenvolvimento da obra pentecostal na região, nos primeiros anos, baseou-se na evangelização de católicos, mas não deixou de ter como mola propulsora o proselitismo entre os outros grupos evangélicos. A IPI estava plantada em Belém desde 1902. [...] Os poucos recursos da denominação no Norte do País impediam que as igrejas dessem ao luxo de ter um pastor exclusivo

para si. Neste contexto deu-se o primeiro contato entre os missionários suecos e a IPI de Belém, com os missionários pentecostais assediando crentes ligados à Igreja Presbiteriana Independente. (LIMA, 1996, p. 246).

Este primeiro contato dos independentes com o pentecostalismo deixou um saldo negativo, não em números, mas na relação entre a igreja e o movimento pentecostal. O Pastor da IPI de Belém, na época o Rev. Manoel Machado, sem conhecer o que seria o movimento pentecostal e, após visitas à igreja, percebeu o interesse do movimento em levar toda a IPI para a prática pentecostal. Isso impulsionou o Rev. Machado a escrever uma série de artigos no jornal da denominação (*O Estandarte*) sobre a *Invasão Pentecostista* (LIMA 1996), onde condena e aponta para os perigos de tal prática.

Já na segunda onda pentecostal a IPIB tem outra experiência marcante com o movimento. A Igreja do Evangelho Quadrangular chega ao Brasil em 1953<sup>10</sup>. Neste período, membros da Igreja Presbiteriana Independente do Cambuci, na capital paulista, tiveram contato com a missão recém-chegada. Houve por parte do pastor, de líderes e da membresia em geral, um encanto com a mensagem de renovação e práticas de cura divina. O líder quadrangular foi convidado a pregar na Igreja do Cambuci e a igreja tornou-se muito próxima da Missão Quadrangular. Esta presença de missionários americanos ligados à missão da Igreja Quadrangular levou, na década de 1950, a divisão da Igreja do Cambuci. Saindo o pastor e a maioria da liderança, permanecendo fiel à Igreja Presbiteriana Independente apenas treze membros. A IPIB passa a tratar o pentecostalismo como um inimigo, e “sua doutrina como uma heresia. Aqueles que se ligassem deveriam abandonar a IPI ou dela serem desligados” (LIMA, 1996, p. 247).

---

<sup>10</sup> “Em 1º de março de 1953 foi realizada a 1ª reunião denominada: Movimento da Cura Divina, mais tarde conhecido como Cruzada Nacional de Evangelização”. (TURECK, 2009, p. 20).



A Igreja Presbiteriana do Brasil também sofreu com divisões locais, devido ao assédio pentecostal em seu meio. Entretanto com menor intensidade que os independentes. A passagem do missionário italiano Luigi Francescon (1866-1964), fundador da Congregação Cristã no Brasil em 1910, “resultou em parte de um cisma na Igreja Presbiteriana do Brás, constituída em boa parte de italianos” (MATOS, 2006, p. 40).

O duro golpe no presbiterianismo brasileiro se deu na década de 1960, quando, tanto a IPB quanto a IPIB passaram por divisões ligadas diretamente à renovação carismática. É a partir da experiência de renovação espiritual em igrejas locais (no Paraná e em São Paulo) destas denominações que surge a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil em 1972.

### **2.3 A Igreja Presbiteriana Renovada: uma esperança para o presbiterianismo brasileiro?**

Simonton, mesmo ligado ao *Board* de Nova Iorque, trazia consigo uma forte influência da teologia conservadora presente na Igreja do Sul. Seu discurso era polido em relação à Igreja Católica Romana, entretanto carregado de um pietismo, fruto do avivamento que ocorrera nos Estados Unidos no Século XVIII<sup>11</sup>; ele chega a escrever no seu diário: “O mundo apela para o que é sensual... Para viver é necessário elevar-se a outra atmosfera, absorvendo todo o poder de um mundo desconhecido da vista, e de Jesus, o Salvador invisível”. (SIMONTON, apud MENDONÇA 1995, p. 180).

---

<sup>11</sup> Durante o Século XVIII ocorreu na América do Norte um despertar espiritual, chamado de reavivamento. Segundo Walker (1967, p. 216): “O Despertamento não só levou à tremenda ativação da vida cristã, mas ainda transformou os conceitos sobre a maneira de entrar nessa vida, e de tal modo que afetou profundamente a maioria das igrejas americanas”.

A chegada de ventos renovados no Brasil, a partir da segunda metade do Século XX, foi suficiente para animar os protestantes históricos, em especial os presbiterianos. Lima (1996), ao se referir ao cisma renovado na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, diz que o movimento não sofreu um assédio externo, de algum grupo pentecostal, mas havia um “crescimento da população simpática ao pentecostalismo dentro da própria IPI” (LIMA, 1996, p. 247). Ele justifica este crescimento à formação dos pastores que, devido a sucessivas crises institucionais, o Seminário da denominação não possibilitou o devido preparo a sua liderança, que possibilitasse uma compreensão do fenômeno pentecostal que ganhara força no Brasil, a partir de 1950.

Além deste despreparo denominacional, Lima (1996, p. 248) diz que “a própria linguagem pietista e avivalista corrente na Igreja favorecia uma aproximação com a pregação pentecostal, especialmente no que toca à santidade cristã”.

Este misto de avivamento nos moldes norte-americanos, que enfatizava a “moralidade estrita e ardente piedade” (WALKER, 1967, 216), chegara ao Brasil. E o pentecostalismo foi confundido com avivamento. Como na prática diária, os pentecostais tinham comportamento e mensagem que condiziam com o discurso avivalista; a confusão entre avivamento e prática pentecostal foi inevitável.

Carvalho (1985) demonstra que, mesmo com as orientações da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, através de seus concílios (Supremo Concílio e Sínodos), que buscaram alertar a liderança da igreja para os perigos da “penetração do ideário pentecostal nos arraiais independentes” (CARVALHO, 1985, p. 67), a igreja, em alguns lugares do Brasil, deixou-se levar pelo anseio de uma vida avivada.

Alguns líderes, pastores e leigos procuraram se organizar para ocuparem cargos de destaque na Igreja Presbiteriana Independente, com o objetivo de direcionar as decisões conciliares favoráveis ao movimento avivalista. O que gerou uma divisão interna entre os *tradicionais* (defensores da ordem da Igreja) e os *avivados* (desejosos de mudanças).

Os defensores de uma renovação espiritual propunham uma nova prática no dia-a-dia da igreja. Práticas que influenciavam na vida pessoal dos cristãos das comunidades locais. Carvalho (1985), em seu trabalho que discute o movimento divisionista na Igreja Presbiteriana Independente de Assis (SP), diz que esta influência

[...] se caracterizava pelo controle e combate a algumas condutas externas, que eram consideradas como influenciadas pelos “modismos” da época, tais como cabelos curtos para as mulheres, pinturas pronunciadas nos olhos, lábios e unhas das mãos, vestidos decotados e curtos, “que tiram a naturalidade e os movimentos comuns e naturais à mulher, bem como o uso de calças compridas no recinto do templo”. Quanto aos homens, combatia-se o uso de cabelos compridos e “roupas não condizentes com a sobriedade própria do cristão”, controle e combate ao uso de bebidas alcoólicas, do cigarro e “outros vícios condenados pela moral cristã”. (CARVALHO, 1985, p. 82-83).

As celebrações passaram a ter um caráter mais informal, com a introdução na prática litúrgica de cânticos de fácil assimilação e que traziam letras que apontavam para elementos doutrinários do movimento pentecostal. Outra mudança na prática litúrgica adotada por igrejas locais favoráveis ao avivamento eram as orações. Segundo Carvalho (1985), os crentes eram orientados a fazerem orações rápidas, objetivas, que falassem diretamente de suas necessidades imediatas. Aceitou-se a prática das palmas durante as celebrações e a introdução de testemunhos de vida, intercalados com expressões: aleluia, glória a Deus, amém, típicos das igrejas pentecostais.

Carvalho (1985) afirma ainda que, quando os membros da igreja de Assis tomaram conhecimento de que práticas semelhantes também ocorreram em igrejas presbiterianas do norte do Paraná, e que as mesmas tiveram um nível de mudança no que se

referia à dinâmica da igreja e da participação dos crentes na vida da comunidade, a busca pela implementação destas práticas aumentou na vida daquela igreja.

O impulso tomado pelo movimento de “Renovação Espiritual” foi tão forte, com um envolvimento tão incomum da comunidade, que posições contrárias a ele se diluíam, controladas ou ignoradas pelos líderes, de forma que não chegaram a provocar uma reação a ponto de por em risco o movimento.

Os valores adotados do pentecostalismo de certa forma preenchiam os espaços vazios entre o crente e a “posse” e o “exercício” das tarefas sagradas que, em uma organização tradicional, ficam restritas aos seus dirigentes, personificados pela autoridade do pastor. Essas “funções”, desenvolvidas pelos valores pentecostais, não criaram obstáculos, ou melhor, até proporcionaram uma participação mais intensa dos membros da comunidade. A simplificação da liturgia dos cultos, o uso de instrumentos musicais mais populares, a linguagem direta das pregações e das orações em público, colaboraram sobremaneira para tal participação, elevando as pessoas frente à comunidade, obtendo esta última um prestígio nunca tido antes. (CARVALHO, 1985, p. 89-90).

Era a busca por uma prática cristã realmente renovada, não só no sentido de renovação espiritual, considerando a doutrina pentecostal do Batismo com o Espírito Santo e a evidência de falar em línguas estranhas, mas, acima de tudo, de uma vida cristã renovada, no que se refere à piedade cristã. “Os crentes, através de uma diligente e diária busca de ‘renovação’ de suas atitudes, procuravam atingir o modelo perfeito, Jesus Cristo, configurando-se assim uma das únicas formas que a comunidade poderia se apropriar de uma posição no todo da sociedade” (CARVALHO, 1985, p. 95). Desta forma, os crentes se sentiam verdadeiramente cidadãos, no entanto separados para uma ação específica; e para isso não poderiam medir esforços.

Entretanto esta, que na visão dos renovados deveria ser o verdadeiro caminho da igreja, sofreu por parte da instituição maior retaliação e censura. A confusão entre avivamento e pentecostalismo e a busca dos renovados de levar a renovação pelo viés político foram os vilões de sua derrota institucional. Na reunião do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, em 1972, o grupo não alcançou êxito. “Além de não conseguir fazer o presidente, [...] foram tolhidos oficialmente por decisões do próprio Supremo Concílio, que resolveu agir duramente para coibir o avanço pentecostal na Igreja”. (LIMA, 1996, p. 248).

Gini (2010) relata a decisão do Supremo Concílio da IPIB e a reação imediata dos renovados:

O Supremo Concílio, por votação unânime, condenou todas as práticas consideradas pentecostais, como unção com óleo, ósculo santo, cumprimentos com a Paz do Senhor, manifestação de línguas estranhas, profecias, atividades de curas divinas, acompanhamento de palmas nos cânticos, entre outras. Também deu plenos poderes à Mesa Administrativa para funcionar como Assembleia Geral, no sentido de advertir, disciplinar e tomar todas as medidas necessárias à manutenção da ordem e fidelidade à IPI do Brasil em todas as suas igrejas. [...]

Cerca de duas semanas depois da reunião de Brasília, pastores e igrejas começaram a receber um documento, espécie de carta-aberta, intitulado Manifesto à Igreja Presbiteriana Independente, assinado por seis presbíteros da 1ª IPI de Bauru. [...] A Mesa havia recebido, além do Manifesto de Bauru, documentos para revisão da matéria e protestos por partes das seguintes igrejas: 1ª, 2ª, 3ª e 4ª de Assis (SP), 1ª de Maringá, Arapongas, Campo Mourão, Paranavaí, Canaã, Itambé, Faxinal, Jaguapitã, 2ª e 3ª de Londrina e de Campina da Lagoa, estas todas do Paraná. (GINI, 2010, p. 154-155).

Os renovados ainda encaminham à Mesa Administrativa o chamado *Documento de Arapongas*, que tem como base uma reunião ocorrida nesta cidade do Paraná, onde funcionava um Instituto Bíblico da denominação. No documento, os signatários não aceitavam serem chamados de praticantes de doutrina pentecostal e afirmavam que o grupo iria descumprir a decisão conciliar, por entender que suas práticas condiziam com as Escrituras Sagradas.

Até junho de 1972, pelo menos 10 pastores haviam deixado a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (GINI, 2010) na cidade de Assis – SP e no dia 8 de julho organizaram a Igreja Presbiteriana Independente Renovada – IPIR. “Respeitando como limite cronológico o ano de 1975 quando se dá a constituição da Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil - IPR, fruto da união da IPIR com dois presbitérios da Igreja Cristã Presbiteriana (Brasil Central e Cianorte)”. (GINI, 2010, p. 158-159).

Assim, em 08 de janeiro de 1975, é oficialmente organizada a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil (IPRB), com 34 pastores oriundos da IPIB e 25 da Igreja Cristã

Presbiteriana. A IPRB, na atualidade, é a segunda maior denominação presbiteriana do Brasil, com 131.972, segundo dados de 2011<sup>12</sup>.

Em abril de 2005, na celebração dos trinta anos da IPRB, o presidente, Rev. Advanir Alves Ferreira, em fala na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, afirmou:

A Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil, que ora completa trinta anos, conta hoje com mais de 800 pastores trabalhando de uma maneira efetiva e realizando o seu trabalho com ardor. Temos quase 1.500 trabalhos neste país, entre igrejas e congregações. Estamos em todos os estados desta nação. Temos chegado a cada Estado para realizar a obra que o Senhor nos tem ordenado e Deus tem sido fiel para conosco.

.....  
Então a nossa Igreja tem crescido, tem tido grande desenvolvimento e glorificamos ao Senhor por isso. Deus tem sido maravilhoso, Deus tem sido fiel para conosco, como Ele sempre foi. É um Deus de poder, é um Deus que faz acontecer. Assim, a Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil veio para marcar uma presença importante nesta nação e em outras. Tudo isso realmente é motivo para glorificarmos o nome do Senhor. A IPRB é uma igreja que começou pequena e hoje já tem quase cem mil membros, o que não é um número pequeno, é significativo. E temos crido que o Senhor haverá de multiplicar essa Igreja, tudo com o objetivo de fazer com que o Evangelho alcance multidões. (FERREIRA, 2005, s/p)

O ramo presbiteriano brasileiro sofre mais uma divisão. A Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil surgia então como uma retomada de ideais pietistas, presentes no fundador do presbiterianismo brasileiro. Mas com um novo elemento, a doutrina pentecostal como fonte inspiradora da renovação espiritual proposta pelos membros fundadores da denominação.

Nos domínios da religião, bem como nos da história, mais notadamente nos da religião, várias vezes o homem se defrontou com situações semelhantes. A crença, somada à confiança nas lideranças, leva o adepto a seguir inovações propostas, provocando muitas vezes rupturas e modificações nas instituições. Se por um lado o movimento de “Renovação Espiritual” cindiu o presbiterianismo independente e fundou para si uma nova organização com características próprias e fins precisos, não menos marcada ficou a instituição de origem. Esta guardaria para si as lições aprendidas de “duras provações”, de ver a comunidade dividida e com ela um certo esvaziamento de todo um trabalho [...].(CARVALHO, 1985, p. 166)

---

<sup>12</sup> Disponível em: [http://www.iprb.org.br/estatistica/2011/estat\\_geral2011.htm](http://www.iprb.org.br/estatistica/2011/estat_geral2011.htm)

O que se percebe em toda a discussão sobre o avivamento e as práticas pentecostais na IPIB é a busca pela manutenção ou pela ascensão ao poder. Líderes que, desejosos de verem suas ideias sobressaírem, constroem em volta de si mesmos todo um aparato que justifica o surgimento de novos grupos, em nome da verdade por eles defendida. Foi assim com os independentes em 1903, com os conservadores em 1940 e com os renovados em 1972.

#### **2.4 A Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju – o início de um projeto ético-político.**

Após o nascimento do novo ramo presbiteriano e o fim das adesões em 1975, a IPRB procurou desenvolver seu próprio projeto de crescimento. Ao relatar o histórico do movimento de expansão da Igreja Renovada, Camargo (2004), expõe como surge a ideia de se organizar uma sociedade missionária na nova denominação:

Era o início do ano de 1975 quando o Pr. Altair Batista Linhares, desenvolvendo seu ministério em Minas Gerais, movido de compaixão, visualiza a fundação de uma frente missionária para atuar no interior do Estado da Bahia. Mas não ficou no projeto. Passou à ação. Em julho, ele segue com Ugolino Jorge e com o filho Esdras para Jequié. Espionando a terra, confirmou a carência do Evangelho. Dias depois, uma equipe com cinco integrantes retorna à Bahia e planta o primeiro campo missionário na cidade. Mas era preciso uma retaguarda missionária para os futuros trabalhos. Três meses mais tarde, num Encontro de Avivamento em Medina, MG, surge a ideia da formação de uma Junta de Missões. (CAMARGO, 2004, s/p).

Em outubro de 1975 é fundada a Missão Priscila e Áquila (MISPA), sendo posteriormente referendada pelo Presbitério de Governador Valadares da IPRB. E transformada, em 1979, em Junta Missionária da denominação. “Poucos meses depois, a Mispa já alcançava Fortaleza-CE, Maceió-AL, Natal-RN, Vitória-ES, Florianópolis-SC e Aracaju-SE” (CAMARGO, 2004, s/p).

O trabalho em Aracaju iniciou-se entre 1979 e 1980 com o Pastor Darci da Silva Lima e logo depois o Pr. Amauri Santana. Este momento de início do trabalho em Aracaju foi relatado pelo atual pastor da Igreja da seguinte forma:

Construímos um templo que foi uma obra que já tinha sido iniciada pelo pastor Darci da Silva Lima, [ele] foi o primeiro missionário da IPR a vir para Aracaju por volta de 1979, ficou quatro anos e por um problema de saúde, esgotamento físico, teve que voltar para o sul com sua família, não suportou e aí foi quando nós viemos para cá. Antes, porém, da minha chegada veio o pastor Amauri Gomes de Santana, ficou cinco meses a frente da igreja e por motivos especiais teve de se afastar, foi quando nós assumimos, outubro de 1985, assumimos o campo missionário da Missão Priscila e Áquila em Aracaju. (ANDRADE, 2012)

Esta chegada aconteceu em 1985, 10 anos após o nascimento da Igreja. O jovem casal de missionários, o Pastor Marcos Andrade e sua Esposa Cláudia são enviados para reforçar o trabalho, ainda muito jovens. Na época ele tinha 22 anos e ela 19. “Com o ardor missionário e o coração no avivamento”, segundo as palavras do próprio Pastor Marcos, iniciaram suas atividades em Aracaju. No seu relato, o Pastor afirmou que, em uma cidade distante da família, com recursos oriundos da missão reduzidos, o casal teve de exercer, além do trabalho religioso, outras funções que possibilitassem o sustento familiar. A dificuldade do começo foi a mola propulsora para fortalecer o casal no objetivo primeiro, que era o desenvolvimento do trabalho renovado em Aracaju. E após 28 anos de atividades ininterruptas do casal, a Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju conta hoje com 04 igrejas na cidade de Aracaju e duas no interior.

A pesquisa foi focada na Igreja pastoreada pelo Pastor Marcos. Na sede foram feitas a maioria das entrevistas (algumas em domicílio) e as observações. As demais comunidades, segundo uma entrevistada, que é membro de uma igreja em um bairro mais periférico tem um grande número de jovens. Pela fala de Ana, o discurso da sede é reproduzido nas outras igrejas. Em uma das observações em campo, enquanto aguardava



Priscila e Áquila para entrevistá-los, percebi a presença de outra pastora e de outros pastores que não os da igreja- mãe.

A Igreja Presbiteriana Renovada em Aracaju (IPR) – SE tem um perfil socioeconômico interessante. Não é uma igreja de famílias tradicionais da cidade, tem alguns membros com uma condição financeira estável e de certa projeção na cidade, mas a grande maioria é composta de trabalhadores. Entretanto trabalhadores que tem emergido socialmente e adquirido um padrão de comportamento e consumo típico dos segmentos médios urbanos, que passam pelo processo de aburguesamento.

Nas observações à Igreja Sede, em conversas informais na espera para se começar os cultos ou no encerramento dos mesmos, identifiquei assistentes sociais, enfermeiros, professores, advogados, comerciários, dentre outros profissionais. Alguns destes ex-alunos meus, conhecidos de outros espaços.

Este comportamento, aliado ao crescimento da igreja, foi um dos fatores motivadores para a recente mudança de endereço. Saiu de um pequeno templo no centro da cidade para um espaço maior, numa região de expansão da cidade, ao lado de um Shopping Center. O que revela o espaço midiático que a mesma vem alcançando na cidade. Há aproximadamente três anos que ocupa este espaço de aproximadamente 1500 m<sup>2</sup> e o denominou de Espaço Família Renovada.

A ideia de um espaço com características de um centro de convenções, confortável e sem as características de um templo religioso clássico tem sido uma prática constante entre os evangélicos, e usado como estratégia de *marketing* religioso. O modelo adotado pela IPR de Aracaju se assemelha ao relatado por Pérez (apud PALOMINO, 2004, p. 12):

No momento que você entra numa igreja, especialmente aquelas de classe média e média-alta, a aparência física do local mostra uma significativa adaptação da estrutura estética televisiva. [...] Na própria igreja a decoração, a localização dos equipamentos eletrônicos, o som equalizado é controlado por uma sala eletrônica, o uso de instrumentos musicais elétricos, são não apenas adaptações diretas da tecnologia da mídia, como também dos códigos da cultura de massa.[...] Junto com isso, acreditam que painéis chamativos, a maneira como o pastor dirige a congregação, o culto e seus movimentos cuidadosamente ensaiados, refletem mais uma função do teatro do que uma cerimônia do culto tradicional. Os cultos solenes e os pregadores cerimoniosos, têm sido trocados pelo pastor-animador, pela voz bem entonada, pelo aplauso e pela música extremamente rítmica.

A estratégia adotada deu mais notoriedade à igreja, que conta com um grande número de jovens e muitas famílias. Mas há nos cultos (celebrações) ainda uma predominância de mulheres desacompanhadas.

Ao chegar ao *Espaço Família Renovada*, o visitante é recepcionado por homens ou mulheres que, de modo alegre, informal e educado, o acompanham até o local indicado por eles ou escolhido pelo próprio visitante. Esta recepção alegre e aconchegante é relatada por alguns membros em vídeos que são constantemente passados em alguns momentos do culto.

Uma das observações se deu em um culto de batismo, onde novos membros seriam recebidos na Igreja. Durante 10 minutos foi mostrado um vídeo com entrevistas de alguns destes novos membros e um dos destaques era a receptividade da igreja, logo que se chega pela primeira vez. Os vídeos são bem produzidos. Os depoimentos gravados em um parque da cidade procuram mostrar a integração da igreja com a comunidade. Vive-se a *vida renovada* em todos os espaços. A todos os entrevistados (neste vídeo uma média de 5 pessoas) a pergunta era: *como foi que chegou a Família Renovada*. Na resposta, o destaque para a recepção calorosa, amigável, alegre. É neste espaço que as pessoas querem viver suas experiências. É esta a ideia bem presente passada pelos depoimentos gravados e transmitidos durante o culto.

Os cultos seguem o padrão comum dos cultos evangélicos contemporâneos. Música, centralidade da direção na figura do pastor titular da igreja, pregação (homilia), palavras de incentivo, avisos etc.

Em entrevista realizada com um dos membros da IPRA (Paulo), o mesmo afirma que a igreja, através das palestras, das celebrações ele chama de “liturgia do culto”, apresenta uma proposta de vida que leva a pessoa a “buscar Deus”. Nesta liturgia, Paulo destaca a organização e fidelidade às escrituras sagradas, e foi isso que o fez ficar na igreja: “Primeiro a organização, tanto da igreja como dos cultos. A palavra ministrada, essa foi impactante, os cânticos têm a presença de Deus e a transparência que a igreja transmite. A palavra de Deus fala em Ordem e decência, isso é levado a sério” (PAULO).

Na fala é revelado que, para participar efetivamente na igreja, é necessário frequentar os estudos específicos, que são ministrados nas *Academias Bíblicas*, que são cursos oferecidos regulamente pela igreja, sempre dado por casais voluntários, chamados de líderes. Priscila e Áquila (casal entrevistado) são professores em um desses cursos oferecidos. São nestas *Academias* que se realizam os estudos preparatórios para se tornar membros da igreja. Isto, segundo Paulo, revela organização. Um dos detalhes que apontam já para um projeto ético-político é a presença de uma liderança específica. Esta liderança é salientada por Paulo como algo bom, são “pessoas disponíveis e comprometidas”. Estar sob a liderança de alguém é importante para uma sociedade organizada. E traz esta fala no contexto do ensino. O que revela como a igreja se preocupa em doutrinar seus membros, pois os mesmos precisam se adequar a um estilo de vida próprio, denominado de vida renovada.

Percebe-se nos vídeos transmitidos na igreja, durante algumas celebrações e nos testemunhos dados nos dias de batismo, um destaque aos líderes das turmas de estudos (as *academias*); bem como dos membros que acompanham os que irão se batizar. Esta

perspectiva hierárquica aponta para um princípio claro dentro do projeto ético-político: a obediência.

Retomando o conceito de projeto ético-político renovado, ele aparece como a construção de uma sociedade que tem princípios em uma interpretação das escrituras sagradas do cristianismo, onde a família é vista como centro da sociedade e, na centralidade da família, está o homem. A mulher não aparece como figura central neste modelo; mesmo que ela desempenhe função importante, não há uma centralidade nela. Segundo um dos entrevistados, o tema família é tratado com seriedade pelos pastores da igreja, não aceitando como membros efetivos da igreja pessoas que não tenham sua vida conjugal regularizada civilmente, com o estabelecimento do casamento civil formal. Nas palavras de Paulo,

eles são muito fieis, ele [o pastor] não dá vazão para casais que vivem juntos, mas no papel não são casados. Não participa de nenhum grupo, não participa da ceia. [...] ele coloca isso, o homem é o chefe da família [...] o homem tem que viver para a mulher e a mulher para o homem. [...] como a Bíblia fala.

No ordenamento religioso-jurídico da IPRB (2002, p. 51) encontram-se algumas regras referentes ao testemunho dos membros da igreja:

Art. 72. No ato de admissão, o novo membro deverá afirmar que: I . obedece a Deus e sujeita-se à Igreja, enquanto esta for fiel à Bíblia; II . mantém sua vida em estado de santificação, conforme os ensinamentos bíblicos de Hb 12: 14; 1 Pe 1: 15, 16; João 17: 17 e 1 Ts 5: 23; III . busca com interesse o batismo com o Espírito Santo e os dons espirituais, conforme Lc 11: 9-13; Ef 5: 18 e 1 Co 14: 1; IV . acha-se liberto de todos os vícios e de tudo que provoque sensualismo (Sl 1: 1; 101: 3, 7; Ef 4: 29); V . abstém-se de todos os negócios inconvenientes especialmente os relacionados a vícios, a loterias, a rifas etc. (Hc 2: 6-16 e 2 Tm 3: 13); VI . abstém-se das coisas sacrificadas a ídolos, do sangue, da carne sufocada e da fornicção (At 15: 28-29); VII . acata as deliberações da IPRB, tomadas por seus órgãos administrativos.

Cabe à liderança da igreja, pastores e aqueles que ensinam, doutrinar os membros segundo este ordenamento religioso oficial. No projeto ético-político deste modelo de pentecostalismo há espaço para a família, para uma família que vive um estilo de vida específico. Uma família conjugal (ou matrimonial), monogâmica, heterossexual. Estabelecido a partir de um discurso individualizante que aponta para uma sociedade melhor de se viver.

Uma grande família, liderada por pessoas sábias e preparadas para tal ação. Esta liderança, escolhida por Deus, é quem pode orientar todos no caminho da felicidade. Um projeto arriscado, mas que vem ganhando adeptos. Não só de pessoas não oriundas de igrejas evangélicas, mas também da presença de cristãos evangélicos que têm migrado para a Igreja Presbiteriana Renovada, em busca da chamada *vida renovada*.

Nos capítulos seguintes, mostrarei como este projeto ético-político renovado vem se implantando a partir da ação de uma comunidade que usa a experiência de sujeitos de fé como combustível para o estabelecimento de um estilo de vida. Estilo de vida este que tem como fundamento o discurso de dominação masculina, reproduzindo assim uma sociedade de valores bem demarcados e essenciais.

### 3 FAMÍLIA COMO A CÉLULA *MATER* DO PROJETO RENOVADO.

Família é uma das bandeiras da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju, a ponto de estabelecer um nome fantasia para o templo religioso, que serve de espaço às celebrações da igreja: Espaço Família Renovada.

A importância é revelada na própria identidade visual da Igreja. São *banners*, faixas, chamada na internet etc. O ano de 2011 foi escolhido para ser o *Ano da Excelência*<sup>13</sup>, indicando a necessidade de se dar o melhor para Deus e para a Igreja; e na imagem central presente durante todo o ano, havia uma fotografia da família pastoral (pastor, esposa e filhos) e a frase: *2011 o ano da Excelência!*

Qual o significado desta imagem? Como posso interpretar, na concepção de Geertz (1989), esta realidade vivida pelos membros da igreja? A família pastoral é simbólica para as pessoas que participam deste grupo. O Pastor Marcos afirmou na sua entrevista que a imagem da família do pastor era para mostrar que mesmo com problemas, como todas as famílias, mas eles juntos buscavam dar o melhor deles para Deus. E isso deveria servir de exemplo para as outras famílias. Ver aquela família é estar se vendo no amanhã. Como disse Áquila “A gente tem realmente eles como referencial de família. Ele vive o que prega ele prega o que vive, a gente quer imitar ele. A gente quer fazer o que eles fazem [...]”.

Este foco na família pastoral, bem como as programações e as falas sobre família, demonstram que o foco de atuação da igreja são as famílias. Para isso todo um discurso vai

---

<sup>13</sup> As imagens dos *banners* estão nos anexos.

ser desenvolvido, toda uma prática é estabelecida e uma estratégia aplicada para que mais e mais famílias se aproximem e se firmem na igreja. Em sua entrevista, o pastor deixou claro que o objetivo primeiro da igreja são as famílias. O arranjo familiar entendido pela IPRA como bíblico e que deve nortear a vida das pessoas, não só os membros daquela igreja é o modelo defendido por Petrini (2009, p. 116):

A família, constituída por um homem e uma mulher e eventuais filhos, tem sido o lugar fundamental da socialização, da educação das novas gerações. Na família é transmitida não apenas a vida, mas o seu significado, o conjunto de valores e critérios de orientação da conduta, que fazem perceber a existência como digna de ser vivida.

Isto significa que o único arranjo familiar aceito pela igreja é o da família monogâmica, heterossexual e habilitada pelo casamento civil. Arranjos familiares que não se enquadrem neste perfil, como: famílias homoafetivas e uniões estáveis (sem casamento civil), ou famílias reconstituídas sem que tenha havido motivo (traição de um dos cônjuges), não são considerados família. Há casos de arranjos, como a de famílias monoparentais que são aceitos desde que sejam devido a fatalidades como a viuvez ou divórcio por adultério.

Este capítulo busca entender o conceito de família a partir de representações, práticas e conteúdos que, na experiência religiosa, vão delinear o que se entende como família na relação discurso-prática da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju; bem como discutir este conceito comparando-o com as análises feitas sobre a família por autores com Parry Scott, Petrini e Bello. E da análise comparativa feita, buscar situar a chamada família renovada em um contexto próprio, que busca se estabelecer como agente divulgador e implementador de um projeto mais amplo e audacioso, que é o que denominei de projeto ético-político.

Com o uso das entrevistas, da literatura disponível e da observação feita durante o período da pesquisa, este capítulo pretende também ser a ponte que liga a ideia de família a

ação prática da igreja. Podendo afirmar que a família percorre da subjetividade a objetividade na vida diária da igreja.

### **3.1 Família: conceitos, composições e relações – O *ethos*-familiar como elemento constituinte de uma cultura.**

#### 3.1.1 Família – conceitos sociológicos

Família enquanto objeto de estudo aponta para as mais variadas conceituações. As mais diversas abordagens podem ser feita, e pelas diferentes ciências. Na sociologia a predominância de uma leitura funcionalista da família a faz uma agência socializadora e tem como uma das principais funções a formação da personalidade dos indivíduos (BRUSCHINI, 1989).

Segalen (1999) demonstra a necessidade de se aliar a sociologia e a história e propõe uma análise histórico-social da família. Em sua análise a sociologia deve “dar contas das relações complexas entre mudança social e mudança familiar” (SEGALEN, 1999, p. 19), e define família como “um termo polissêmico: designa tanto indivíduos ligados pelo sangue e pela aliança como a instituição que rege esses laços.” (SEGALEN, 1999, p. 20).

A partir desta definição apresenta a ideia de família nuclear e daquilo que ela designa como *grupo doméstico*, referindo-se a divisão domiciliar. Entretanto ela amplia este conceito quando inclui no termo família os grupos de parentes e aliados que não partilham a mesma unidade doméstica. Assim Segalen (1999) demonstra que há na sociedade usos metafóricos para a palavra família, todos ligados a ideia de vínculos de afetividade. Neste contexto se enquadra a *família renovada*.



Dentro desta perspectiva funcionalista apresentada anteriormente, o papel da família é de socialização, e esta se dá pela “mediação dos grupos de pertença e de referência de cada um, portanto como um elo entre a sociedade e os indivíduos, empregando um conjunto de valores que ligam a ‘pessoa social’ a um ‘círculo social’.” (LIMA DOS SANTOS, 1969, p. 72). Com base no ideal funcionalista o conceito de família apresentado pela IPRA é de que a família tem sim este papel socializador e mais ainda, de instaladora de padrões morais que se adéquam ao modelo judaico-cristão abacado pela comunidade religiosa.

A igreja aparece como uma espécie de grupo doméstico, não no sentido de residência na mesma unidade doméstica, mas de convivência em um mesmo espaço religioso.

Aos se referir aos vários grupos familiares, Segalen (1999) demonstra que a variedade destes se dá de acordo com a dinâmica social. Há agrupamentos por necessidades geográficas, econômicas, políticas. Estes grupos dividem o mesmo espaço buscando segurança. A ideia de associar-se em grupos domésticos é antiga, afirma a autora.

Sendo a igreja vista como família da fé, coabitar no mesmo espaço religioso faz deste fiel, membro de um grupo doméstico. A parentalidade está não nos laços sanguíneos, mas nos laços afetivos que os aproximam, estabelecendo valores que unem pessoas que buscam algo comum.

Este grupo doméstico chamo de *ethos*-familiar, e daí parto do conceito de *ethos* como morada dos costumes, conceito que traz o *ethos*<sup>14</sup> para um lugar comum, o lugar da

---

<sup>14</sup> “O termo *ethos* é uma transliteração dos dois vocábulos gregos *ethos* (com *eta* inicial) e *ethos* (com *épsilon* inicial). É importante distinguir com exatidão os matizes peculiares a cada um dos termos. [...] A primeira acepção de *ethos* (com *eta*) designa a morada do homem. O *ethos* é a casa do homem. O homem habita sobre a

morada, do *oikos*. Isto se refere não só ao ambiente como situação territorial, mas à própria morada do ser humano, espaço de convivência, espaço de criação de vínculos, de proteção e cuidado mútuo. *Oikos* como interpretação da realidade, lugar no qual a cultura surge. *Ethos*, morada do ser humano, lugar de manifestação da vida humana e familiar por ser família compreendida como “associação de pessoas que escolhem conviver por razões afetivas e assumem um compromisso de cuidado mútuo” (SZIMANSKI, 2002, p. 9).

Scott P. (2002, p. 3) referindo-se à família, diz que:

[...] a família precisa ser abordada por pelo menos duas perspectivas – como um grupo solidário, de aliança e de reciprocidade que procura abrigar todos os seus membros, e, simultaneamente, como uma malha de poder onde se realizam constantes subordinações no empenho da construção da vida social cotidiana. Esta relação entre “reciprocidade” e “hierarquia” se resolve, em termos globais, muito de acordo com a própria envergadura e complexidade das relações sociais mais amplas de cada sociedade na qual as famílias se inserem.

Esta ideia trazida por Parry Scott, na primeira perspectiva de família, se alinha ao que estou chamando de *ethos*-familiar. Assim o *ethos*-familiar aparece como um conceito de família. O lugar onde indivíduos criam vínculos, se cuidam mutuamente, fazem alianças, vivem reciprocamente e preparam-se para a construção de novos vínculos, novos *ethos*-familiares. Lugar da formação de identidade do sujeito.

Além deste conceito aqui apresentado, há outros conceitos de família presentes na sociedade atualmente que precisam ser revisitados ou refeitos, reconceituados ou, até mesmo, reafirmados. Aqui serão expostos alguns dos conceitos mais presentes na sociedade brasileira

---

terra acolhendo-se ao recesso seguro do *ethos* [...]. A metáfora da morada e de abrigo indica justamente que, a partir do *ethos*, o espaço do mundo torna-se habitável – para o homem [...]. O *ethos* é regido pelo logos e é nessa obediência ao logos que se dão os primeiros passos em direção à ética. [...] A segunda acepção de *ethos* (com *épsilon* inicial) diz respeito ao comportamento que resulta de um constante repetir-se dos mesmos atos. O *ethos*, nesse caso, denota uma Constância no agir”. (VAZ, 1988, p 25). Aqui uso *ethos* como morada do ser. Do ser-que-está-no-mundo, e se relaciona com outros seres.

e que, de alguma forma, se relacionam com os pentecostais que fazem parte daquilo que estou chamando de segmentos médios urbanos<sup>15</sup>. São outros olhares sobre a temática família.

E aí, dois conceitos chamam a atenção neste momento. Um conceito vindo do ordenamento jurídico brasileiro e um conceito religioso, de base cristã, com fundamento na doutrina católica romana e que, de alguma forma, gerencia não oficialmente o conceito de família entre outros segmentos cristãos.

A escolha destes conceitos aponta necessariamente para um conflito. A perspectiva jurídica de família caminha na direção de uma racionalização enquanto a visão religiosa de família aponta para uma tradição presente em uma sociedade juridicamente laica, mas religiosa em suas ações. É neste campo de interesses que pensar família é aqui apresentado.

### 3.1.2 Família e ordenamento jurídico brasileiro

Genofre (2000) afirma que as Constituições brasileiras sempre cuidaram de proteger a família dita legítima. Ele faz um pequeno histórico mostrando como foi se ampliando o conceito de família, a ponto de se suprimir do parágrafo 3º, do artigo 226 da Constituição Federal, a expressão “constituída pelo casamento” no reconhecimento da união

---

<sup>15</sup> “Estes segmentos médios se caracterizam por diferenciações internas complexas de pertencimentos a redes de interesse e grupos morais diversos cuja imagem mais generalizadora pode definir um pertencimento à classe-média “baixa”, “média” e “alta” conforme a renda salarial capaz de sustentar uma qualidade de vida que permita a execução de projetos familiares de modernização e ascensão sócio-cultural bem delineados, que vão desde a educação base até uma capacidade de financiar hábitos de consumo para além da cesta básica; diferenciando-se, neste sentido, de uma grande maioria de baixa renda. Tal diferença não se vislumbra apenas na renda, mas também nos papéis sociais de autoridade, influência e poder, em geral conquistados a partir de um capital cultural.” (ECKERT, 2002, p. 5)

estável como entidade familiar. O que é referendado pelo Código Civil Brasileiro (Lei 10.406/2002), em sua Parte Especial – Livro IV – Do Direito de Família estabelece no Artigo 1.723, diz o seguinte: “É reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”. (BRASIL, 2002). No comparativo com o Código de 1916, não há correspondente.

No mesmo Código, o artigo 1514, referindo-se ao casamento afirma que: “O casamento se realiza no momento em que um homem e uma mulher manifestam, perante o juiz, a sua vontade de estabelecer vínculo conjugal e o juiz os declara casados”. (BRASIL, 2002). Elemento que corresponde ao Artigo 194 do Código Civil de 1916: “Presentes os contraentes, em pessoa ou por procurador especial, juntamente com as testemunhas [...], ouvida aos nubentes a afirmação de que persistem no propósito de casar por livre espontânea vontade, declarará efetuado o casamento.” (BRASIL, 1916).

Ainda é afirmado que “pelo casamento, homem e mulher assumem mutuamente a condição de consortes, companheiros e responsáveis pelos encargos da família.” (BRASIL, 2002).

Pelo Código Civil Brasileiro, o casamento ou a união estável são heterossexuais, de livre vontade dos indivíduos e geram responsabilidades mútuas. Este casamento constitui a família. É uma lei de 2002 e estabelece de modo claro a entidade familiar. Mas como conceitos são revisitados e mudados quando necessários, em 2006, com a promulgação da Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, um novo conceito de entidade familiar passa a vigorar no Brasil: “No âmbito da família, compreendida como comunidade formada por indivíduos que são ou se consideram aparentados, unidos por laços naturais, afinidade ou

vontade expressa. [...] As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual” (BRASIL, 2006).

Esta amplitude do conceito de família trazida pela Lei Maria da Penha avança (na perspectiva social) em relação ao Código Civil Brasileiro. Sai a heterossexualidade, mas se mantém a questão da individualidade. É devido à necessidade de adequação à ordem social contemporânea e também pela pressão de setores não conservadores da sociedade que este novo conceito passa a direcionar as novas leituras jurídicas sobre família: o conceito de afetividade. No pensar de Sá Neto (2013, p. 26):

O afeto, segundo Sérgio Resende Barros, não é somente um laço que envolve os integrantes de uma família, é mais, é um viés externo que põe mais humanidade em cada família, compondo o que ele chama de família universal, cujo lar é a aldeia global, mas cuja origem sempre será, como sempre foi, a família.

Na mesma linha de raciocínio, o STF (Supremo Tribunal Federal), em maio de 2011, reconhece a União Estável entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar. Diz o parecer do Relator da ADI 1427 (Ação Direta de Inconstitucionalidade), proposta pela Procuradoria da República: “[...] entendida esta como ‘família’, reconhecimento que é de ser feito seguindo as mesmas regras e com as mesmas consequências de união estável homoafetiva”. (BRITO, 2011, p. 49). Esta decisão vem ampliar consideravelmente o conceito de família no ordenamento jurídico brasileiro, com grande influência na sociedade.

A família é sempre percebida no ordenamento jurídico pelo viés do Direito<sup>16</sup>, isto é, na perspectiva da proteção e do aperfeiçoamento do ser humano. E, para poder atender a esta finalidade, não considera a pessoa isoladamente, mas sempre em estado de comunhão com outras pessoas (semelhantes), como parte de um todo social. (RÁO, 2004).

---

<sup>16</sup> Direito vem do latim *directum* – o que está conforme a regra. *Rectrum* traz um sentido mais moral que jurídico. (RÁO, 2004)

Assim o chamado Direito de Família acompanha o desenvolvimento da sociedade, e necessita ser revisto a partir das demandas sociais que surgem de tempos em tempos. É neste sentido que O Código Civil de 1916, com sua regulação da família pelo matrimônio, com impedimento inclusive de sua dissolução, refletia o sentimento patriarcal presente no Brasil do início do Séc. XX. É o mesmo sentimento que leva o Legislador quase 50 anos depois (1962) perceber a necessidade de rever a condição da mulher casada, criando o Estatuto da Mulher Casada (Lei 4.121/62); uma legislação para um país de matriz cristã ibérica e patriarcal, um avanço. (SÁ NETO, 2013).

É com base no princípio de afetividade que a jurisprudência brasileira tem construído um novo perfil no Direito de Família. O casamento, anteriormente único meio de constituir família, não é mais assim visto. A família, como aqui já definida, é uma associação livre de pessoas que se cuidam mutuamente (SZIMANSKI, 2002). Esta perspectiva abre espaço para uma série de arranjos familiares, antes não bem quistos na sociedade e não reconhecidas pelo Estado. Lôbo (apud SÁ NETO, 2013, p. 26) afirma que:

O modelo tradicional e o modelo científico partem de um equívoco de base: a família atual não é mais, exclusivamente, a biológica. A origem biológica era indispensável à família patriarcal, para cumprir suas funções tradicionais. Contudo, o modelo patriarcal desapareceu nas relações sociais brasileiras, após a urbanização crescente e a emancipação feminina, na segunda metade deste século. No âmbito jurídico, encerrou definitivamente seu ciclo após o advento da Constituição de 1988. O modelo científico é inadequado, pois a certeza absoluta da origem genética não é suficiente para fundamentar a filiação, uma vez que outros são os valores que passaram a dominar esse campo das relações humanas.

Assim, pode se pensar em arranjos familiares os mais diversos possíveis. A família tradicional (também chamada de matrimonial), que se funda na realização do casamento civil e é heterossexual é que é posta com destaque no ordenamento jurídico brasileiro, e traz a seguinte redação (BRASIL, 2002):

Art. 1.565. Pelo casamento, homem e mulher assumem mutuamente a condição de consortes, companheiros e responsáveis pelos encargos da família.  
.....

Art. 1.566. São deveres de ambos os cônjuges:

I – fidelidade recíproca;

II – vida em comum, no domicílio conjugal;

III – mútua assistência;

IV – sustento, guarda e educação dos filhos;

V – respeito e consideração mútuos.

Nas questões referentes ao respeito mútuo, a igualdade entre os cônjuges, chamados à condição de consortes, a responsabilidade partilhada, encontram-se no texto jurídico uma evolução em relação ao Código de 1916. Entretanto, a legislação de um arranjo familiar de base judaico-cristão revela como a laicidade do Estado ainda é uma realidade distante.

Além deste arranjo tradicional, o princípio de afetividade tenta romper com esta influência e abre espaço para as chamadas famílias monoparentais, para a União Estável e para as famílias substitutas (estes arranjos contemplados na Constituição Federal de 1988, na Lei 8.069/90 – Estatuto da Criança e do Adolescente e no C.C.B. de 2002); mas também para outros tipos de arranjos como as: famílias anaparentais, com base apenas no afeto, sem laços de parentesco; famílias pluriparentais, resultado da dissolução e associação de vários relacionamentos, estabelecendo laços de pluralidade; e a família homoafetiva, já presente na legislação como apontado acima.

Pensar família pelo prisma da afetividade é necessário em um Estado laico, de fundamento democrático-liberal. Daí a necessidade de se ampliar o conceito de família para que o Estado-Nação garanta, de modo igualitário, direitos a todos os seus cidadãos.

Mas há um crescimento vertiginoso da população evangélica no Brasil. E estes têm um pensar diferente sobre a questão da família e conseqüentemente das relações dela decorrente. A população evangélica tem ocupado os mais variados espaços, que passam pelos poderes judiciário e legislativo. É esta penetração que chamo de projeto ético-político, e que

se inicia na base, nos membros das igrejas, estabelecendo um padrão de relacionamento familiar de base judaico-cristão e que caminha na contramão dos avanços jurídicos aqui apresentados. Questões como aborto, união homoafetiva, redução da menoridade penal, educação para a sexualidade não estão na pauta dos legisladores evangélicos.

A postura conservadora dos legisladores e juristas ligados às comunidades evangélicas, em especial os pentecostais, vem impedindo a efetivação de direitos das chamadas minorias, em especial mulheres e homossexuais.

Pensar família no pentecostalismo, tendo como base o atual ordenamento jurídico brasileiro, é algo, se não impossível, pelo menos inviável; pois se mantém viva a ideia de um *pátrio poder*, recolocado no Código Civil como *poder familiar*. No tocante ao cuidado mútuo, aos vínculos afetivos, não há problema de aceitação, desde que se mantenha claramente a posição da heterossexualidade e da autoridade masculina, que são elementos indiscutíveis nos segmentos pentecostais. É a presença de um pensamento conservador como será apontado no Capítulo V.

### 3.1.3 Família pela ótica do cristianismo

Entretanto, uma sociedade como a brasileira, marcadamente religiosa e de fundamento cristão<sup>17</sup> traz no seu imaginário um conceito de família oriundo do catolicismo romano; o que, de certa forma, orientou o legislador no momento da redação e aprovação do Código Civil em 2002. Diz Scolla (2003, p. 211) que “Família é uma dimensão fundamental

---

<sup>17</sup> Segundo Sanchis (2008), podemos afirmar que há uma cultura religiosa no Brasil, uma cultura sincrética; não há uma identidade religiosa, mas uma cultura religiosa, marcada profundamente, mas não exclusivamente pelo catolicismo romano.



da sociedade. A família – hoje é necessário precisá-lo – é entendida como união entre um homem e uma mulher, necessariamente referida à geração de filhos, e publicamente reconhecida pelo contrato matrimonial”.

Petrini (2003, p. 66) afirma que “a família constitui uma realidade simples na articulação das relações entre mulher e homem e entre pais e filhos”. Fica claro que a família é o espaço de se viver as diferenças de gênero, e a essa diferenciação entre homem e mulher é “expressão de uma originária unidade dual, que implica e valoriza simultaneamente a diferença.” (PETRINI, 2003, p. 66).

Em outra afirmação sobre família, Petrini (2003) diz que a família constitui uma relação social que está entre o público e o privado. O que implica que as transformações que são observadas e concretizadas na sociedade têm reflexo nas relações familiares, e vice-versa. Estas mudanças estão em todos os segmentos societários.

Da igualdade de direitos entre mulheres e homens, passando pela relação entre pais e filhos com o abandono de um modelo centrado na disciplina e na autoridade, e também a partilha do sustento do grupo familiar, bem como a convivência de múltiplas gerações ao mesmo tempo e no mesmo espaço. É uma nova realidade de convívio familiar que, mesmo sendo portadora de satisfação e valorização do indivíduo, provoca, na leitura de Petrini (2004), a perda da importância de funções “tradicionalmente atribuídas à família, bem como os papéis de paternidade e maternidade socialmente definidos”. (PETRINI, 2004, p. 19).

Nesta leitura, a família sai de uma objetividade para uma subjetividade que é naturalmente mais flutuante e instável. Os novos valores, próprios de uma sociedade liberal, onde a satisfação do indivíduo é exaltada, são aqueles que redefiniram as ações de mulheres e homens no que se refere à família.

A família moderna vê-se permanentemente desafiada pela variação, às vezes, vertiginosa dos limites propostos, das aspirações de consumo pretendidas e das experiências perseguidas, devendo-se reconquistar a cada dia as razões para conviver, a consciência do bem que os membros da família têm em comum, isto é, dos bens relacionais cujo valor, considerando no tempo, ultrapassa eventuais desacordos e conflitos. (PETRINI, 2005, p. 29).

Família é percebida em uma perspectiva religiosa, de matriz cristã- evangélica, como um lugar de bênção, um lugar onde o próprio Deus se faz presente. É interessante notar como, na fala de alguns membros da IPRA, este conceito de família se faz presente, e é incorporado em seus discursos. Referindo-se à comunidade religiosa, certo membro da igreja postou assim no mural de recados da igreja<sup>18</sup>: “Obrigado, Família Renovada, pela preciosa oportunidade de fortalecermos [...]. Foi maravilhoso tudo o que aconteceu neste evento, e estamos certos que muitas famílias ainda vivem abençoadas hoje pelo que foi ensinado naquele dia”.

A família é vista como uma unidade orgânica, que é o espaço de formação ético-moral-religiosa dos filhos, onde as relações são direcionadas pelas Escrituras Sagradas do cristianismo, que indica papéis bem definidos na estrutura familiar. Mas também é o meio pelo qual a sociedade não cristã poderá conhecer a melhor maneira de se viver, pois leva a felicidade e a harmonia. Este é um sentimento presente em todas as falas dos entrevistados, bem como daqueles que, nos dias de batismo, têm seus depoimentos transmitidos durante a celebração<sup>19</sup>.

A ideia de família cristã é representada no grande modelo que é a *família renovada*, pessoas que se reúnem semanalmente, que são dirigidas por pastores (o casal Priscila e Áquila chegou a identificá-los como Pais); estes tem autoridade para direcionar o

---

<sup>18</sup> Fala de um membro no mural de recados da Igreja que está disponível no sítio <http://www.vidarenovada.com.br>. Acesso em 30 de abril de 2013.

<sup>19</sup> Mais à frente, relato, de forma detalhada, como se deram estes depoimentos e o significado do batismo para estas pessoas.

comportamento dos membros desta *família* e são respeitados. Um casal, modelo de monogamia e heterossexualidade, pautado na autoridade e no exemplo. A família cristã ora apresentada se confronta com os modelos anteriormente apresentados. Se o fundamento da família, na perspectiva do direito contemporâneo, é o respeito e o cuidado mútuo, abrindo espaço para os mais variados arranjos familiares, a *família renovada* apresenta um arranjo único. A família cristã tem base nas Escrituras Sagradas do cristianismo e, segundo uma hermenêutica fundamentalista, é este o padrão que deve ser seguido. Qualquer outro não é considerado bíblico, logo rejeitado pela igreja.

Em uma postagem no sítio da igreja na *internet*, o casal de pastores da IPRA assim escreveu:

De uma coisa temos certeza: que separar algumas horas para ouvir, aprender e pôr em prática ocasionará transformações em muitos casais e nossos corações serão moldados pela Palavra para valorizar ainda mais nossa família, pois como está escrito, queremos mudar o foco e tornar nossas famílias o nosso tesouro. E se ela já ocupa essa posição, que este tesouro seja ainda mais enriquecido com a Graça de Deus. Que o Espírito Santo te faça entender a necessidade de investir na sua família, pois sua família é seu tesouro. Abraço, Prs. Marcos e Claudia Andrade<sup>20</sup>.

A palavra dos pastores é direcionada, serve para orientar as pessoas. E a IPRA é proclamada por eles como o lugar onde este modelo familiar é anunciado e exemplificado. Em outra postagem, que relatava um evento para casais que ocorreu em novembro de 2013, com aproximadamente 700 casais, segundo a informação disponibilizada e que infelizmente não pude participar, se lê:

Dentro do nosso coração está uma alegria que só podemos descrevê-la da seguinte forma: Deus faz sempre mais do que pedimos ou pensamos!” – afirmam os organizadores do evento, pastores Marcos e Claudia – “a Igreja Presbiteriana Renovada tem sido referencial nesta cidade por ser uma igreja de famílias, esse é o

---

<sup>20</sup> Disponível em: <http://vidarenovada.com.br/>

desejo de Deus e o foco de nosso trabalho.<sup>21</sup>

Sendo o foco da igreja famílias, procurar adequar estas ao modelo percebido como o único a ser seguido é algo que se faz presente no discurso dos pastores da IPRA. Ao aparecerem na comunidade religiosa pessoas que têm outro arranjo familiar, são direcionadas a adequarem-se ao modelo proposto, como foi relatado pelo entrevistado Paulo, ao referir-se à condição de uma de suas cunhadas que vivia uma relação não regularizada civilmente; e, para poder se tornar membro da igreja, precisaria antes adequar-se ao modelo proposto. Jovens solteiros, ao buscarem um relacionamento, devem fazê-lo visando o casamento<sup>22</sup>; mulheres divorciadas, quando abandonadas pelo marido e sem possibilidade de volta, são direcionadas a “esperarem no Senhor” uma nova chance; viúvas, quando desejosas de um novo relacionamento, têm a mesma orientação. O mesmo acontece com os homens, o divórcio por adultério da mulher é aceito e há orientação de novo casamento, desde que seja feito “no Senhor”, isto é, com um membro de uma igreja evangélica. Da mesma forma se procede em caso de viuvez de homens.

Isto está posto no ordenamento jurídico da IPR. No capítulo sobre os deveres dos membros está explícito:

**Art. 73.** São deveres do membro da Igreja Local: [...] IX . só contrair núpcias com pessoa que seja membro de igreja evangélica e que esteja em plena comunhão com a mesma (2 Co 6: 14 a 7: 1); X . não se divorciar, exceto se o motivo do divórcio for o não cumprimento dos deveres conjugais. **Parágrafo único.** Se o membro da Igreja Local divorciar-se pelo motivo previsto no inciso X e desejar contrair novas núpcias, deverá requerer ao Conselho que, após analisar e julgar os fatos relativos ao divórcio, emita parecer sobre o novo casamento. (IPRB, 2002, p. 51-52).

---

<sup>21</sup> IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DE ARACAJU. Minha Família, Meu Tesouro com Larry e Devi Titus. Disponível em: <<http://vidarenovada.com.br/>>. Acesso em 08 de jan. 2014.

<sup>22</sup> O Pastor Marcos Andrade, (pastor da IPRA) em vídeo direcionado para os pais, orienta sobre a necessidade de relacionamentos. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=tLVeI7tPpfs>

Estas afirmações citadas acima revelam como o cristianismo e, em especial, este ramo, vê a família: heterossexual, monoparental e patriarcal. Tureck (2009, p. 45), ao se referir à família dentro de um contexto pentecostal, afirma: “Por isso, a visão da igreja é, sem dúvidas, promover a edificação da família, considerando primeiramente o homem como mentor e patriarca, a esposa, como companheira e auxiliadora, e os filhos, eterna herança do Senhor”.

Isto demonstra que, pela ótica do cristianismo de orientação pentecostal neoclássica, a família é muito mais do que uma instituição qualquer. Família remete as relações mais íntimas e traz consigo as mais variadas lembranças. Quando o objeto de estudo é a família dentro do campo religioso, faz-se necessária a abordagem da temática, de outra perspectiva.

Como fiz com o pentecostalismo, onde busquei diferenciar o pentecostalismo enquanto religião e enquanto fenômeno religioso, este mais ligado à questão da experiência do sujeito que encontra nesta expressão religiosa respostas para seus anseios e abraça-o como estilo de vida, desejo pensar a família. Isto é, família a partir das relações intersubjetivas, pois é este tipo de relação que observei durante a pesquisa. Pessoas desejosas de se relacionarem com outras pessoas, e que pensem como elas pensam e que tenham os mesmos propósitos que elas têm. Aqui aparece claramente a ideia de grupo doméstico. A necessidade desta vida de relação é exposta em expressões como a da entrevistada Priscila:

Por exemplo, hoje, foi um dia de trabalho, dia cheio. Mas graças a Deus que estamos aqui. Por que aqui a gente renova nossas forças,então eu sou muito grata a Deus por ter entrado nessa igreja por ter conhecido Jesus aqui,então é uma igreja completa. E como o Pastor mesmo fala, eu fico parafraseando ele, que a igreja é uma Arca de Noé tudo, tudo dentro, todos os bichos, todos os problemas. Jesus disse que não veio pros sãos Ele veio pros doentes. Então aqui tem todo tipo de bichinho e disse que o pessoal não saia da Arca de Noé porque era muito fedido lá dentro, mas o pessoal não saia por causa da tempestade é a mesma coisa, a gente prefere estar. Porque é o melhor lugar pra estar ainda é a casa de Deus. Porque tem essas pessoas esses bichinhos esses mais ou menos ou doidinhos. Mas aqui é o melhor lugar, por que lá fora a tempestade tá muito grande,então quem tá no mundo tende a morrer então é

melhor estar aqui dentro. (PRISCILA).

Bello<sup>23</sup> (2007b, p. 84), referindo-se a família nesta perspectiva da intersubjetividade, afirma que:

Como todos os fenômenos, este possui uma estrutura básica, em outros termos, características que consentem definir uma associação humana “família”. Trata-se, com efeito, de estabelecer o que significa família, partindo da realidade existente, mas procurando captar seus traços principais e, portanto, comparar os resultados de tal análise essencial com os que foram evidenciados numa investigação puramente descritiva da situação de fato existente.

Família nesta visão tem uma estrutura básica, que passa nesta análise pela questão do cuidado, da troca, do aprendizado, da proteção. A partir desta colocação se é levado a olhar para as relações familiares e só então estabelecer o elemento estruturante. Bello (2007b) parte de características humanas para estabelecer o conceito de família e traz, como principal elemento, a ideia de “reconhecimento recíproco” (BELLO, 2007b, p. 85) que, para ela, se funda no conceito de empatia. Que, na fala de Priscila (a entrevistada citada), é o reconhecimento de que ela e os outros precisam de ajuda; e a Igreja, vista como grande *família renovada* é este lugar.

O conceito de empatia Bello vai buscar na fenomenologia de Edmund Husserl e Edith Stein. E neste itinerário conceitual, Bello (2007b) aponta empatia como o modo de se estabelecer uma relação de reciprocidade entre seres humanos, o que coloca cada um na condição de reconhecimento do outro como sujeito semelhante a si mesmo. O ser humano é um sujeito empático. O ser empático está em posição paradoxal de ser sujeito e objeto de sua própria análise.

---

<sup>23</sup> Ângela Ales Bello é filósofa e professora da Pontifícia Universidade Larianense de Roma e é especialista na Fenomenologia de Edmund Husserl (1859-1938) e uma das mais renomadas pesquisadoras do pensamento de Edith Stein (1891-1941). É pesquisadora católica e fala a partir de uma abordagem fenomenológica, buscando sempre apontar a necessidade de se entender o ser humano enquanto sujeito. Os textos dela, aqui apresentados são artigos publicados em uma coleção do Mestrado em Família Contemporânea da Universidade Católica de Salvador, daí uma orientação claramente cristã em suas abordagens.

Nas palavras de Bello (2007b, p. 87 ), “[...] cada um cumpre sua análise a partir de si mesmo e sobre si mesmo, tendo, porém, os outros como ponto de referência”. A vida de relação nos une a outros semelhantes a nós, esta unidade leva a percepção do outro e a uma “comunhão entre a sua vida e a nossa vida; é a possibilidade de colocar-se em relação com o outro para compreender o que está vivendo, porque, no que se refere à estrutura, somos iguais, mesmo se os conteúdos do que vivemos forem diversos”. (BELLO, 2007b, p. 87-88).

Esta concepção de ato empático se revela como um instrumento de utilidade para o desenvolvimento de uma vida de relação com base na singularidade de cada sujeito. É este o caminho percorrido por Bello (2007b) para pensar a família.

Em sua jornada conceitual, apresenta outro conceito: o de antropologia dual. Onde procura demonstrar diferenças significativas entre masculino e feminino, vindo afirmar que “o ser humano é articulado no masculino e no feminino e uma análise correta nos obriga a ter presentes tais aspectos” (BELLO, 2007b, p. 92). Passa a argumentar que a diferença de gênero está presente na interioridade humana, o que marca profundamente mulher e homem. Buscando fundamentar-se nos escritos de Edith Stein, mostra diferenças de ordem ontológica entre mulheres e homens. O que aponta para outro elemento estruturante, neste modelo de família cristã, que se indica aqui: a dominação masculina e a definição de papéis.

Esta caminhada demonstra como Bello pensa a família: uma relação intersubjetiva, onde mulheres e homens desempenham funções específicas que complementam a existência um do outro, e que desempenham um papel na sociedade de formadora de sujeitos que buscam desenvolver uma vida de relação, na perspectiva da empatia. A família aparece como realidade fenomênica enquanto ato empático, mas também como instituição com a função social de preservar uma vida ética, sendo a primeira instituição a partir de uma visão cristã, que permitirá o desenvolver uma vida de relação.

O momento intersubjetivo, ou melhor, interpessoal, é particularmente importante, como se pode constatar. Retorna-se, assim, ao tema da empatia evidenciado antes; de fato, pode-se constatar que a compreensão recíproca se baseia na capacidade de captar a vida do outro por meio das estruturas comuns das vivências e na atenção aos modos peculiares presentes em cada um. Se todos experimentarmos alegria por um acontecimento, a alegria vai nos congregar; mas cada um a vive, como já se notou, com particular intensidade e qualidade, que deve ser compreendida e respeitada. (BELLO, 2007b, p. 108).

Este conceito abordado por Bello é o mesmo que se encontra no meio pentecostal, e em especial na IPRA, nem sempre tão refinado e embasado em autores clássicos, mas firme em suas posições. A pastora da IPRA, em entrevista cedida a um programa de televisão local<sup>24</sup> em março de 2010, afirma que a família precisa entender o papel que Deus instituiu para ela. Estes papéis que Bello (2007b) chamou de antropologia dual. A concepção e interpretação feitas pelos pentecostais neoclássicos são de que há sim papéis definidos. Isto é ligado à natureza humana. Isto aponta para uma questão: como isso é ensinado e assimilado na comunidade religiosa? Numa sociedade cheia de informações, em um grupo social tão heterogêneo, com pessoas das mais variadas formações como já foi descrito, qual penetração este discurso de uma antropologia dual tem?

Ao ser questionada na entrevista citada sobre como a mulher atual pode conciliar o trabalho com a vida conjugal, a pastora da IPRA discorre sobre o que ela chama de “a grande questão familiar da atualidade”, que na sua interpretação tem sido de que a saída da mulher para os afazeres não domésticos tem gerado, nas palavras dela, um “choque para o homem e para os filhos.” (JOSEPETTI ANDRADE, 2010). E respondendo como a mulher deve agir para conciliar esta e outras questões similares, ela traz no seu discurso a necessidade de se “colocar Deus no centro da relação familiar.” (JOSEPETTI ANDRADE, 2010).

---

<sup>24</sup> Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=kYnbZRUuv9s&feature=related>. Nesta entrevista, a Pastora Cláudia Josepetti de Andrade, esposa do Pastor Marcos Andrade, é identificada como pastora e conferencista para casais. A entrevista foi concedida a um programa matinal em Aracaju por ocasião das comemorações do Dia Internacional da Mulher do ano de 2010.



Na leitura da pastora, deixar-se orientar pelos princípios bíblicos, interpretados a partir de uma hermenêutica pentecostal é o significado do “colocar Deus no centro”. Esta interpretação da Bíblia é pautada na construção de uma doutrina tida como reta e na “formulação de uma ética pessoal distintiva dos protestantes em relação a denominada ‘frouxidão’ ética dos brasileiros”. (ZABATIERO, 2010, p. 144-145). Toda a fala que traga uma justificativa com argumentos e fundamentos nas Escrituras Sagradas do cristianismo tem autoridade para os membros das igrejas evangélicas em geral. E quando se fala do lugar que a pastora e seu esposo estão, lugar de destaque, chamados e dirigidos por Deus, segundo o depoimento do próprio pastor (em entrevista ele afirmou que o casal foi “chamado por Deus”), o poder de influenciar o membro da igreja é muito grande.

É clara a posição da pastora no que se refere a esta definição de papéis na vida conjugal. A mulher deve cuidar da vida conjugal, “a mulher sábia edifica tudo”. É dela o papel de manter a unidade conjugal, pois assim está colocando Deus no centro da família. Na conversa com o casal Priscila e Áquila, eles afirmaram:

É tratado que a mulher sábia edifica tudo, mas não de uma forma assim...as pessoas pensam assim que o homem manda e a mulher fica calada não, ele prega o respeito mutuo que o outro que o homem deve respeitar e a mulher respeitar, tudo dentro dos ensinamentos bíblicos. (PRISCILA)

E eu tenho que amar minha esposa, como Jesus amou a igreja e ela me amar da mesma forma, então a gente tendo esse respeito um com o outro e amando um ao outro e entendendo, a gente com certeza vive feliz. (ÁQUILA)

Em duas oportunidades, Paulo, um dos entrevistados como apontado anteriormente, afirmou, categoricamente, que as falas do casal de pastores da igreja são todas baseadas na Bíblia. Referindo-se especificamente à pastora, ele afirmou que ela é: “Mulher íntegra, leva a sério o chamado de Deus (a ideia de autoridade porque foi Deus quem a chamou) em sua vida, zelosa, organizada e simples. Maneja bem a Palavra e [é] cheia do Espírito Santo” (PAULO). Da mesma forma, Maria afirmou que o apego à Palavra de Deus

foi o que mais chamou a atenção dela na IPRA. E este sentimento é frequente nos depoimentos projetados nas celebrações que acontecem nos dias de batismo.

Em uma das minhas observações no *Espaço Família Renovada*, um depoimento projetado no telão me chamou à atenção. Uma postulante ao batismo com o seu esposo (os dois se batizaram), afirmando que, ao frequentar as reuniões semanais para mulheres, denominadas de *Renovo de Vida*, “parecia que ela falava para mim, sentia que era a resposta do Senhor”. Esta identificação da vida em família, com o exposto nas Escrituras Sagradas do cristianismo e interpretado por uma hermenêutica própria, é o elemento norteador do sentido de ser família. Como já afirmei anteriormente, a família que se reúne no Espaço Família Renovada para uma adoração ao Deus cristão, segue as orientações dos pastores da igreja e que tem como valores os mesmos expostos nos escritos sagrados do cristianismo, sentem-se no centro da vontade do Deus anunciado pela IPRA. Este fator na perspectiva da subjetividade é muito importante para as pessoas, e isso é revelado no depoimento citado acima.

Nas observações que ocorreram no dia do batismo percebi que este culto é um momento especial na vida da IPRA. É quando pessoas que aderiram à igreja e já passaram por uma preparação específica em uma das turmas do curso de *verdades básicas* (parte da *Academia Bíblica*, já explicada anteriormente) se apresentam para um rito de passagem. É o momento de deixar de ser um frequentador para se tornar um membro. É a entrada oficial na *Família Renovada*. O reconhecimento do grupo de que agora é de fato alguém *renovado*.

O ordenamento jurídico da IPR afirma que “o batismo é o ato de iniciação na igreja visível” (IPRB, 2002, p. 49). O culto inicia-se como os demais, com músicas, leituras de passagens bíblicas, orações, avisos. Em determinado momento se avisou que alguns depoimentos (chamados de testemunhos) seriam exibidos nos telões disponibilizados bem à

frente da plateia. Enquanto os depoimentos eram exibidos, o palco (altar) era preparado para a cerimônia do batismo.

Após os vídeos serem exibidos, cerca de 10 minutos, no fundo do altar uma piscina foi descoberta e o pastor já apareceu dentro da mesma, vestido com uma camisa de malha que expunha a logomarca da igreja. Os postulantes ao batismo eram anunciados pela pastora Cláudia, que estava no altar numa condição de *mestre de cerimônia*, já que a mesma não pode batizar por não ser reconhecida institucionalmente (como afirmado, a IPRB não tem pastoras como ofício na igreja). Ao se anunciar cada um dos postulantes, era lido um pequeno resumo biográfico enfatizando o que era para aquela pessoa o significado de receber o batismo. Após o anúncio, o batizando se dirigia à piscina e era imerso pelo pastor, sendo recebido no lado oposto pelo casal que o acompanhou durante a preparação para este momento.

Fazer parte de uma família, que tem um modelo determinado, que vem ao encontro do anseio destas pessoas, é um fator intrigante. Em pleno Século XXI, onde há discussões sobre igualdade de direitos, reconhecimento do outro enquanto pessoa, valorização da individualidade. O que faz pessoas aderirem a um modelo social que estabelece regras específicas e diz como devem ser as relações conjugais, além de determinar o modo em que devem criar os filhos? Seria uma forma de resistência a um estilo de vida em que as regras são mais soltas?

Isto remete novamente a Petrini (2005) quando afirma que, para minimizar os efeitos nefastos que a família tem passado, faz-se necessário retomar o conceito de nupcialidade, que pode ser expresso pela a unidade intrínseca de amor, sexualidade e procriação e respeito mútuo. (SCOLA, 2003; PETRINI, 2005). A nupcialidade traz de volta a discussão de afetividade, mas agora dentro de uma relação de um homem e uma mulher que

têm um projeto comum de vida. Projeto partilhado desde o início de um relacionamento e que leva a um projeto de vida contínuo, incluindo a preparação para o matrimônio e a criação dos filhos. (PETRINI, 2005; SCOLA, 2003).

O conceito de nupcialidade em Petrini (2005) e Scola (2003) é semelhante ao de antropologia dual em Bello (2007b). E se percebe neles não só um caráter privado nas relações familiares, mas a presença de uma dimensão pública, pois esta instituição social – família – relaciona-se com outras instituições, se expondo a valores alheios aos seus e expondo os seus próprios valores; e exige nesta inter-relação proteção legal.

A persistência em um conceito de família diferente do posto na sociedade contemporânea, e que tem sido reafirmado pelo Estado através dos poderes Legislativo e Judiciário, é um indicativo de que esta parcela crescente da população tem um projeto muito maior do que apenas difundir sua fé. Um projeto de resistência, como afirmado acima. Resistência a uma proposta de sexualidade sem os limites das diferenças biológicas, uma reação a arranjos familiares que põem em risco uma autoridade masculina.

O conservadorismo que se estabelece a partir do modelo de família propagado e vivido dentro da IPRA (e de outros grupos pentecostais) não pode ser desprezado. Se pessoas, indivíduos e famílias inteiras passam a aderir este modelo proposto, é porque há interesse nele. Uma insatisfação com as variedades de arranjos familiares e de estilos de vida não têm agradado uma parcela da população, que já alcança no Brasil algo em torno 13,3% da população, segundo dados do Censo 2010<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Distribuição percentual da população residente, por Grandes Regiões, segundo os grupos de religião - 2000/2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000009352506122012255229285110.pdf>

### 3.1.4 A família como cultura

Já abordar a cultura como lugar de relação é abrir as portas para a discussão do *ethos*-familiar como espaço de formação do ser. A família aparece neste bojo como o espaço de formação de indivíduos, formação de vontades, visões de mundo, de lugar onde se aprende sobre diferenças e como lidar com estas. A casa (o *oikos*) é espaço de cultura. A concepção de família como cultura aparece devido a cultura ser percebida como totalidade de comportamentos de indivíduos. Geertz (1989, p. 66) diz que a cultura

denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”, imputando à cultura um caráter público e compartilhado.

Desta forma, as expressões humanas como a família e a religião, que trazem significado à existência humana, são percebidas como expressões culturais. “O estudo da cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, é, portanto, o estudo da maquinaria que os indivíduos ou grupo de indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que, de outra forma, seria obscuro” (GEERTZ, 1989, p. 150). Entender a cultura é interpretá-la de modo a ler a realidade que está expressa nos sujeitos, nas suas relações e interpretações que fazem a realidade que vivem.

Daí gostaria de pensar cultura a partir da ideia de espaço de relação, onde o ser humano passa a existir como ser-para-o-mundo. Para isso vou buscar suporte em dois autores: Simmel (1998) e Buber (2004).

Para Simmel (1998), a ideia de cultura é expressa no dualismo entre a vida subjetiva e os conteúdos por ela criados. Uma relação sujeito-objeto. Nesta relação estão presentes tanto elementos vivenciados (passado do sujeito) como o que ainda não fora vivido

(futuro), mas que se apresenta como elemento motivador para a construção do sujeito. Para Simmel (1998), esta relação entre sujeito-objeto é a relação entre homem e natureza.

Esta relação dual (sujeito-objeto) faz surgir o que chamo de cultura aqui. Em um conceito trazido por Simmel (1998, [s.p]) “cultura é o caminho que sai da unidade fechada, passando pela pluralidade desenvolvida, chegando à unidade desenvolvida”. É neste caminho de passagem pela “pluralidade desenvolvida” que os objetos se autonomizam e se desenvolvem. “A arte e os costumes, a ciência e os objetos formados de acordo com um fim, a religião e o direito, a técnica e as normas sociais” (SIMMEL apud WAIZBORT, 2000, p. 117). Esta “pluralidade desenvolvida” é o processo que permite ao sujeito desenvolver sua própria ideia de cultura.

É a cultura aparecendo como espaço de relação entre dois elementos que se interceptam. “A cultura origina-se – e isto é simplesmente o essencial para seu entendimento – na medida em que se reúnem dois elementos que ela não contém por si mesma: a alma subjetiva e o produto objetivamente espiritual” (SIMMEL apud WAIZBORT, 2000, p. 117).

Assim, a partir do conceito de cultura trazida por Simmel (1998), percebe-se que ela está em meio ao dualismo, entre o sujeito e o objeto (vida e forma). Sendo o melhor lugar para se analisar o ser humano. “As formações de que Simmel fala constituíram-se no curso da história, e isso garante ao conceito de cultura uma dimensão histórica que lhe é essencial” (WAIZBORT, 2000, p. 117).

Esta relação com o espaço de formação da cultura, no dizer simmeleano: “pluralidade desenvolvida” é, no pensar de Martin Buber, o lugar da existência humana (BUBER, 2004), pois para ele mulheres e homens são seres de relação. Para Buber (2004), o mundo da relação se realiza em três etapas: na vida com a natureza, na vida com os homens e

na vida com seres espirituais. É na relação com a natureza e com o outro que se dá o lugar da criação, se dá a existência e a realização humana. É o *lócus* da cultura.

O *ethos*-familiar é o espaço em que sujeitos se relacionam, onde há este desenvolvimento da pluralidade e onde o ser humano se realiza enquanto sujeito de relação. Lugar de compromisso, intimidade e cuidado mútuo e de construção de significados. Este espaço torna-se ampliado quando o sujeito-indivíduo se sente participante de um grupo maior, que fortalece e reintera seus valores. O *ethos*-familiar renovado ultrapassa os limites da família matrimonial, o *Espaço Família Renovada* passa a ser o *oikos* daqueles que se achegam a IPRA.

Em uma das chamadas para a participação das mulheres na tarde de *Renovo de Vida*, a pastora afirma que, naquela tarde específica (como em todas as quartas), “você, mulher, receberá uma unção especial para sua alma”. Em outro momento, chama as telespectadoras para um “papo de mulher”, pois o “coração feminino precisa ser tratado por Deus”<sup>26</sup>. É no espaço da família, na casa que Deus trata as pessoas. Não tive oportunidade de participar de uma destas reuniões, mas Maria (uma das entrevistadas) relatou que, nestes encontros, a presença é exclusiva de mulheres, e que elas vão lá para receber uma palavra de ânimo, de orientação para suas vidas. Maria é frequentadora assídua.

Em um dos programas de televisão da IPRA<sup>27</sup>, transmitido pela Igreja, o pastor aparece sentado no palco central do templo, chamado por ele de “altar”, convidando as pessoas a ouvirem a mensagem que eles têm a transmitir. O interessante é a afirmação de que a experiência será melhor e mais marcante quando o telespectador for ao *Espaço Família*

---

<sup>26</sup> Chamada para a reunião disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=E\\_aob4SToDo](http://www.youtube.com/watch?v=E_aob4SToDo)

<sup>27</sup> A Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju mantém programas diários em uma Televisão a Cabo na cidade de Aracaju – SE.

*Renovada* (que, como foi relatado antes, é o nome dado ao local onde a IPRA se reúne). É em casa que se estabelecem as relações.

Quando Velho (2004, p. 106) situa o conceito de cultura “ao nível da experiência particular de setores das camadas médias brasileiras”, ele traz, para o campo das relações, a cultura. E passa a “tentar ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado” (GEERTZ, 1989, p. 26).

É a partir deste conceito de cultura que se desenvolve, na relação entre sujeito e objeto, no espaço da existência humana, que surge o lugar da morada – o *ethos*. É neste *locus* que se pode entender o porquê de certas atitudes humanas. Pensar nestas relações, “tentar ler” estes “manuscritos estranhos”, é desvelar, é trazer mais informações para a difícil tarefa de entendimento do ser humano e de suas relações.

O ser humano é um ser de relação, como já afirmei (BUBER, 2004). É nesta perspectiva relacional que o *eu* se percebe como indivíduo. A presença do outro estabelece a subjetividade. Ao visualizar o outro, concebe-se a própria subjetividade, princípio básico para se exercer a intersubjetividade (a vida relacional). A identidade do sujeito é construída na vida de relação. Faz-se necessário que o indivíduo se perceba como sujeito (subjetividade) para poder, ao sair de si mesmo (individualização), ir para o encontro com o outro (intersubjetividade).

A Família como lugar de criação e vínculos aponta para a ideia de confiança, significando que, ao perceber o outro como sujeito, abre-se um canal de relacionamento. Ele é



idêntico, tem-se uma natureza compartilhada. A identidade é construída no coletivo. Inicia-se com a percepção da subjetividade e manifesta-se em uma vida de relação.

A família passa a ser objeto de ações planejadas por parte do pentecostalismo neoclássico aracajuano. São encontros de casais, encontro de mulheres, palestras para jovens, eventos como o *Eu escolhi esperar*<sup>28</sup> etc. Na vida da comunidade religiosa há uma série de ações para manter os vínculos afetivos dentro do *ethos*-familiar, e sempre dependente da comunidade religiosa. É a igreja que aparece como grupo doméstico ampliado.

Conforme indicado anteriormente, todas estas ações desenvolvem na comunidade religiosa um sentimento de resistência diante da noção de família que é proposto pelo mundo não religioso. O embate entre conservadores religiosos e grupos de defesa das liberdades individuais tem sido cada vez mais explícito na sociedade brasileira. Os grupos religiosos tem procurado, através de ações que envolvam as famílias, demonstrar que a ideia de liberdade não é agir como se deseja, independente das tradições sociais. Mas ser livre, na concepção conservadora defendida pelo pentecostalismo praticado pela IPRA, é poder escolher inclusive cumprir regras que limitam os desejos humanos.

### **3.2 Família Matrimonial Cristã: a definição de papéis.**

Dentro do conceito de família que é vivenciado na IPRA e, até aqui, apresentado, pode se perceber algumas coisas: o fundamento são os escritos sagrados do cristianismo – A

---

<sup>28</sup> Evento promovido pela IPRA, com a presença de aproximadamente 1200 jovens, onde a tônica do evento foi a preservação da castidade como prova de fidelidade a Deus, em abril de 2013. Não participei desta atividade.

Bíblia – e é na vida em comunidade que se estabelece uma cultura específica, que vou chamar de cultura familiar.

Até aqui ficou claro que, mesmo as comunidades evangélicas tendo os mais variados arranjos familiares, o discurso é de constituição e manutenção da família matrimonial, pois este arranjo que tem respaldo nas Escrituras, segundo estas comunidades. É o modelo monogâmico, heterossexual, de parceria entre homem e mulher no que se refere às atividades com a manutenção da casa e criação de filhos, mas com papéis bem definidos na execução destas tarefas partilhadas. Desenvolvendo uma estrutura própria. De arranjo familiar, a família matrimonial cristã se estabelece como modelo. E na IPRA este modelo tem uma representação simbólica concreta: a família pastoral.

Vou abordar a questão dos papéis sociais a partir da questão do sujeito-indivíduo, pois entendo ser este resultado de processos sociais e que, o itinerário que leva o indivíduo a tornar-se sujeito, passa necessariamente pelo chamado por Berger e Berger (1977) de socialização<sup>29</sup>. Os papéis sociais são definidos e, conseqüentemente, assimilados pelo indivíduo nesta interação com a sociedade. A tomada de consciência destes papéis e a sua conseqüente mudança são ações do sujeito. Berger (1985, p. 31) afirma:

[...] uma vez formado o indivíduo como pessoa, com uma identidade objetiva e subjetivamente reconhecível, ele deve continuar a participar da conversação que o sustenta como pessoa na sua biografia em marcha. Isto é, o indivíduo continua a ser *co-produtor* do mundo social, e assim de si mesmo.

A sociedade define os papéis dos homens e das mulheres de forma muito transparente. E falar da constituição destes é se referir ao estabelecimento de direitos e

---

<sup>29</sup> “O processo por meio do qual o indivíduo prende a ser membro da sociedade é designado pelo nome de socialização [...] A socialização é a imposição de padrões sociais à conduta individual” (BERGER; BERGER, 1977, p. 204). É o aprendizado de regras básicas do universo social, tomando para si o modo de vida de uma determinada sociedade.

deveres. “Os papéis masculino e feminino configurariam tipificações do que seria pertinente ao homem e à mulher num dado contexto.” (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004, p. 34). No processo de socialização, os papéis são definidos. Os meninos são fortes, agressivos, independentes, dominantes e as meninas dependentes, organizadas, sensíveis. (NEGREIROS; FÉRES-CARNEIRO, 2004). Este modelo de socialização está presente não só na população pobre, mas também nas camadas médias. As propagandas para crianças ou que mostram crianças, em rede de televisão fechada e aberta, demonstram que a estrutura familiar e o modelo comportamental que se deseja definir são os dos papéis acima descritos.

Numa perspectiva funcionalista, a família é um dos agentes socializadores, pois aparece como intermediária entre o sujeito-indivíduo e a coletividade. “A família é um veículo de *modelos sociais*, um instrumento de ‘socialização’ pelo qual os indivíduos se inserem no meio que os rodeia.” (LIMA DOS SANTOS, 1969, p. 67-68). Na execução da função socializadora da família, mulher e homem assumem papéis distintos, como acima indicados.

As mulheres sempre estiveram, nas sociedades patriarcais, “silenciosas e silenciadas no exercício de seus papéis [...] reconhecidas apenas como mães, esposas, filhas e trabalhadoras” (GOUVEIA, 1999, p. 118). O caráter dual de papéis sociais e sexuais direciona a sociedade até os dias atuais. A luta desenvolvida por movimentos de emancipação da mulher e a dinâmica da sociedade que exigiu a presença maciça desta no mercado produtivo e consumidor, têm levado a uma “(re) descoberta de novos códigos e identidades posicionais.” (TAVARES, 2010, p. 122).

Na leitura de Tavares (2010), o padrão de conduta que estabelece relações igualitárias entre os sexos se faz presente nas camadas médias da população, onde

“apreenderam mais fortemente o viés psicologizante das ideologias individualistas.” (TAVARES, 2010, p. 123).

É no campo do funcionalismo que o estabelecimento dos papéis sociais se fundamenta, buscando legitimar a subordinação da mulher, limitando-a ao espaço privado. Ou, ainda analisando o desempenho de seus afazeres não domésticos pelo viés do naturalismo (sua condição de mulher), mesmo em uma sociedade marcada pelo individualismo liberal, encontra-se eco para tais práticas e interpretações não só nas populações pobres.

A família nuclear burguesa, nascente na Revolução Industrial e consolidada pelo estilo de vida americano dos meados do Século XX, construiu o imaginário de mulher presa aos afazeres domésticos, cuidadora da casa, do esposo e dos filhos e sacralizada pelo cristianismo ocidental. Esta condição de mulher se contrapunha à população pobre, em que ela precisara desde cedo deixar a casa para produzir seu próprio sustento. Mesmo em profissões ligadas ao serviço doméstico e marcadamente feminino.

Em pesquisa realizada com mulheres das camadas populares “na faixa etária de 20 a 52 anos, mães de crianças e adolescentes inseridos no Programa de Erradicação do Trabalho Infantil — PETI, residentes no bairro Santos Dumont, localizado na periferia de Aracaju (SE), que participavam de um curso de culinária regional, promovido pela Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania” (TAVARES, 2010, p. 125), é demonstrado que a sociedade de consumo manteve as mulheres pobres nos serviços domésticos, mas também despertou nelas o desejo do consumo; só que sem nenhum poder decisório. Na dependência moral e econômica dos homens, estas mulheres esperam exercer domínio sobre suas vidas e seus corpos. (TAVARES, 2010).

Retomando o conceito de antropologia dual de Bello (2007b), se é confrontado com a ideia de um elemento característico em todas as mulheres, mesmo entendendo a questão da singularidade de cada ser humano; a condição de mulher é destaque na abordagem de família apresentada por Bello (2007b). Traz a discussão da percepção de vida a partir da relação corpo/alma/psique e afirma que a mulher tem uma percepção mais harmônica de suas potencialidades, enquanto o homem um desempenho mais presente, mais forte.

Coloca assim a mulher no campo do intuitivo, da sensibilidade, da dedicação ao outro, na busca do serviço. O que justifica a presença da mulher nas profissões domésticas e do cuidado. Já o homem “possui o impulso do conhecer, do apossar-se do objeto conhecido para poder gozar dele e para plasmá-lo segundo seus desejos”. (BELLO, 2007b, p. 93). O processo de educação (tomada de consciência) leva a um reconhecimento, segundo Bello, (2007b) desta condição, e coloca homem e mulher numa relação de reciprocidade. Mas sempre com suas características bem definidas.

Na conversa com os entrevistados, nota-se a presença desta matriz funcionalista e naturalista, bem como no próprio discurso dos pastores da igreja. Ana afirmou: “elas [as mulheres] precisam cumprir mais seus papéis domésticos, de mãe [...]”. A concepção de uma dualidade é bem presente nas falas. Maria, que entrevistei em sua residência, num dia em que se preparava para ir à reunião, frequenta o *renovo de vida* as quartas, pois ali se “aprende a ser mulher”. Aí a identificação com a pastora é muito clara. Querer ser semelhante a ela, tê-la como exemplo a seguir. Numa das chamadas<sup>30</sup> para o encontro das quartas, a pastora diz que o objetivo do *renovo* é para a “mulher buscar sabedoria em Deus para edificar sua casa”; e mais, “o Renovo de Vida tem o propósito de fazer sua vida mais bela”. Este foi um dos pontos

---

<sup>30</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=IL25VpoR5pw>

que me chamou à atenção. A presença de pessoas inseridas em uma sociedade plural em que esta concepção já foi superada aceita não só o discurso, mas a prática de uma diferenciação não só de papéis sociais, mas acima de tudo de natureza e de funções predeterminadas.

A família matrimonial é o modelo a se implantar no projeto ético-político renovado. Mas ela por si só não subsiste, precisa de outros elementos para se fortalecer. Daí a necessidade de se pensar uma Família mais extensa.

### **3.3 Família Extensa Cristã**

A relação dos membros com a igreja e a identificação com os pastores levam a uma discussão necessária. A igreja, comunidade de fé, como família extensa. O discurso da manutenção da família matrimonial, como sendo aquele que mantém as características que Deus estabeleceu, precisa de um combustível, de um elemento de preservação, de um meio pelo qual se mantenha acesa a chama do matrimônio. Este é o papel da igreja, desta comunidade de fé, no caso da IPRA, é a missão da *Família Renovada*.

A igreja é a grande divulgadora de um estilo de vida renovado, e as mulheres desempenham um papel significativo de promotoras deste estilo de vida. O discurso de ascensão social, de reestruturação familiar, de agregação da família e do reestabelecimento de laços afetivos perdidos, aliado a uma proposta de igualdade horizontal, onde todos são filhos amados do Criador, faz da comunidade religiosa o espaço de refúgio e refrigério de mulheres e homens. Mais mulheres do que homens, observado durante a pesquisa.

É perceptível, na estrutura dos trabalhos da Igreja Renovada de Aracaju, a presença, em grande número, de mulheres, participando das programações ou desenvolvendo algum tipo de atividade. Bem como é notório que há um maior número de programações para as mulheres. O *renovo de vida*, programação para as mulheres, é semanal, onde há como já exposto, oração, palestras, orientações da pastora para as mulheres que se fazem presentes; enquanto o encontro de homens é mensal. As mulheres são chamadas à condição de guardiãs do lar. O que faz delas as grandes promotoras do estilo de vida renovado.

Os depoimentos que foram exibidos no dia do culto de batismo que relatei acima revelaram que a maioria dos casais que se batizou naquele dia, a iniciativa de frequentar foi da mulher, e as reuniões do *renovo de vida* foram à porta de entrada destas mulheres.

Duarte (2006) fala desta prática entre os protestantes no que se refere à primazia da vida congregacional, que vem sempre aliada a um controle direto e eficaz sobre a vida do fiel. No protestantismo, observa Duarte (2006), o controle social existe de modo mais concreto, levando os fiéis a aceitarem as orientações de seus líderes como palavra do próprio Deus. E esta é a tônica dos entrevistados. Paulo, Ana, Maria e o casal Priscila e Áquila foram categóricos em afirmar que a mensagem propagada pelo casal de pastores é “Bíblia pura”, “Deus fala através deles”, “são fiéis na Palavra”.

Em relação à vida da família pastoral como modelo a ser seguido, Duarte (2006, p. 29) diz: “A família do ministro é uma parte importante dessa configuração, contribuindo ainda mais fortemente para um vínculo imaginário ideal entre a família do crente e da

congregação”<sup>31</sup>. As chamadas publicitárias da IPRA têm sempre a presença da família pastoral. É um modelo a ser seguido. Priscila e Áquila, da mesma forma enxergam na família pastoral um padrão a ser seguido: “mesmo com seus problemas, eles são fiéis a Deus”, disse Áquila sobre o casal de pastores:

Eles são exemplo para nós em todos os sentidos, como marido e mulher, pastores, amigos, irmãos [nesta hora Priscila acrescentou: pais]. Eles vivem o pregam e pregam o que vivem. A gente os tem como referencial de família. A gente quer imitar isso. A gente quer fazer o que eles fazem. A gente quer passar para os nossos filhos o que recebe deles, que uma família feliz, onde o marido ama a esposa, a esposa o marido, ambas se respeitam. (ÁQUILA).

E Ana, em relação à família de seus pastores<sup>32</sup>, disse que “eles são modelo sim, os filhos todos em frente da igreja, todos os filhos à frente de ministérios”. Família é a que está unida, frequente na Igreja.

A igreja passa a ser o espaço onde os indivíduos-sujeitos vivem a continuidade do processo de socialização. Se a família é o primeiro espaço de criação de vínculos (*ethos-familiar*), a igreja é a grande mentora do conteúdo que será desenvolvido nas famílias. Estar presente na igreja é fortalecer a família. Para se ouvir o que Deus tem a dizer através dos pastores é fundamental estar no Espaço Família Renovada. Receber a orientação, mesmo que de forma massificada (nas celebrações), é fundamental para manter a família unida, revigorada, renovada. Ou para saber como restaurar os vínculos que foram rompidos

Através da manutenção e divulgação de um modelo de família, e como promotoras de suas crenças (conteúdo doutrinário), através não de uma divulgação persistente como feita por outras comunidades religiosas, mas de uma promoção baseada na

---

<sup>31</sup> Tradução minha da citação: “The minister’s family is an important part of this configuration, contributing even more strongly to an ideal imaginary link between the believer’s family and the congregation”.

<sup>32</sup> Ana frequentou a sede da IPRA quando criança, depois de jovem, seus pais deixaram a igreja, ela passou a frequentar a IPR em um bairro mais residencial. Lá os pastores são outros, mas seguem todas as orientações da Igreja Sede.



demonstração de um produto palpável: um estilo de vida e a própria família da promotora. Um modelo de sociedade vai sendo construído, difundido e experimentado. Nas falas, nas observações, nos depoimentos e na própria fala do pastor se percebe que o viver deste modo trouxe satisfação real.

Ao estudar a família pentecostal na IPRA, percebe-se um entrelaçamento dos conceitos aqui apresentados. A família é o lugar de formação da cultura do indivíduo e a família pentecostal tem reproduzido uma cultura de ascendência masculina. O padrão familiar apresentado é o padrão da liderança (pastor, pastora e filhos); o discurso e a prática de convivência familiar é posto como modelo a seguir.

Como tem sido observado, a construção do ideário de família entre os pentecostais e, de modo específico no grupo aqui pesquisado, tem não só um fundamento cristão, solidificado a partir de uma hermenêutica direcionada das Escrituras Sagradas do cristianismo, mas também em um modelo conservador de sociedade que não só determina papéis na entidade familiar, como também naturaliza as relações. É neste cenário de família que se apresentam as relações entre homens e mulheres dentro da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju.

Estas relações são paradigmáticas. Um modelo é apresentado como único tal qual se mostrou no modelo familiar. Qual paradigma apresentado? Como estas relações se estabelecem e são pensadas no contexto do pentecostalismo neoclássico? Esta é a discussão do capítulo seguinte.

## 4 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO PENTECOSTALISMO: UM OLHAR SOBRE A IPRA.

Algumas pistas se apresentam neste estudo. A crença de uma natureza feminina presente no discurso e na prática da Igreja Presbiteriana Renovada, o que demonstra claramente que, dentro do projeto ético-político, não há espaço para igualdade de gênero, mas para papéis distintos e definidos. Outro ponto que merece destaque é a centralidade na figura masculina que reforça o discurso e a prática de uma dominação masculina.

Entretanto, uma *dominação dominada*, isto é, as atitudes destas mulheres e a resistência que desenvolvem fazem delas peças fundamentais no estabelecimento de um projeto ético-político de construção de uma sociedade renovada. O papel da mulher é o de auxiliadora, de assistente, de coadjuvante, no discurso e na aparência, mas também de ação estratégica no processo de implantação desta sociedade. Sua importância no projeto supracitado é o de servir de exemplo para o modelo baseado na obediência. Daí seu protagonismo. De dominada, a mulher domina as estruturas desta sociedade. Sem aparecer, mas se fazendo presente. Sem destaque, mas se impondo como a verdadeira promotora de uma vida renovada. Guardiã fiel dos ensinamentos bíblicos, logo cumpridora de seus deveres.

Este capítulo se propõe a fazer estas leituras a partir da perspectiva das relações de gênero. E apresentar um conceito de gênero na segunda década do século XXI é, no mínimo, desnecessário, partindo-se do ponto que é um tema bastante discutido e debatido, não só na academia como na sociedade em geral. Por isso não cabe aqui historicizar ou apresentar argumentos para a necessidade do uso da categoria gênero. Isso já foi feito por autoras como Scott (1995), Saffioti (2007), Muraro (2001) e Louro (2010), dentre outras.

Segundo Muraro (2001, p. 8), “o mais revolucionário achado metodológico nesta área é, contudo, a inclusão da subjetividade e da concretude como categorias epistêmicas maiores”. Isto implica, segundo ela, na derrocada do dualismo platônico que foi a base para uma “racionalização do exercício do poder expresso nas relações senhor/escravo, homem/mulher, opressor/oprimido etc.” (MURARO, 2001, p.8).

Pensar num mundo a partir da subjetividade é repensar as relações sociais e perceber a sociedade de forma homogênea e não partilhada por grupos opostos que vivem em conflito. A ideia de ambivalência como rejeição a duas posições opostas fortalece a leitura do mundo e do ser humano numa perspectiva subjetiva.

O estabelecimento de uma categoria que ultrapassasse a dicotomia homem/mulher, mesmo diante de muitos conceitos elaborados, abre espaço para este tipo de leitura na sociedade. Mesmo que muitos segmentos desta mesma sociedade tentem perpetuar esta visão dicotômica tradicional. Daí a necessidade de demarcar conceitos neste trabalho.

#### **4.1 Gênero enquanto categoria de análise das relações entre homens e mulheres na IPRA.**

Insiro gênero na discussão tomando-o como instrumento de análise. Não concebendo teoria do gênero isoladamente, mas como numa concepção onde a categoria gênero dialoga com outras expressões da realidade vivida por mulheres e homens na IPRA.

Para problematizar a discussão de gênero neste trabalho, é necessário diferenciar gênero de mulher. Se em alguns momentos gênero e mulher foram usados como sinônimos, foi por uma necessidade histórica, com o objetivo de tornar o debate mais ameno no que se

refere às ações políticas oriundas do feminismo. Entretanto é preciso demarcar bem estes conceitos para não continuar usando-os como sinônimos. Mesmo porque na prática diária da IPRA, o uso da palavra mulher traz um sentido muito forte. Mulher no contexto dos sujeitos da pesquisa tende a referir-se a identidade sexual e social do ser feminino, levando a uma concepção dualista e até mesmo determinista do ser mulher.

Neuenfeldt (2007) afirma ser necessário desconstruir a significação que estes termos alcançaram, para que assim se pense gênero como categoria de análise que venha englobar mulheres e homens.

Almeida (2002, p. 91) afirma que

o conceito de gênero, usado para explicitar o elemento socialmente construído das relações entre homens e mulheres, passou a ser teorizado, através das críticas feministas que procuravam entender as causas da opressão feminina, como diretamente oposto ao de sexo, que retinha o referente biológico e determinista das relações de gênero.

Problematizando a discussão de gênero, Neuenfeldt (2007) faz uma leitura histórica, com base no texto de Nicholson (2000), onde apresenta como foco da discussão feminista a diferenciação entre sexo e gênero, demonstrando assim que esta perspectiva

[...] evita a fixação da diferenciação entre os gêneros, baseada no determinismo biológico. Contudo permite que se siga com impulsos dualistas na conceituação e definição da identidade da mulher, ao buscar características comuns a todas as mulheres, que atuariam como diferenciadoras do ser feminino” (NEUENFELDT, 2007, p. 49).

Neste resgate é mostrado que o termo gênero é utilizado como construção social que marca a diferença entre o feminino e o masculino (SCOTT, 1995), incluindo as questões corporais. Este uso do conceito de gênero revela que a sociedade age no comportamento (incluindo a personalidade) e no próprio modo de definir a corporeidade, que se conforma com o que é posto socialmente. Assim, o gênero é visto como “organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1995, p. 72). Ou como afirma Gouveia (1999, p. 117), “refiro-me a

uma construção histórico-cultural particular, onde as identidades masculino-feminino se formam em bases contrastivas”.

Ao se referir à questão de gênero, Torrão Filho (2005) vai buscar em Scott (1995) a ideia de gênero como uma categoria de análise enquanto proposta dos paradigmas do conhecimento tradicional, e afirma que o conceito trazido por Scott tem uma virtude, que é a

de conceituar o gênero enquanto uma categoria útil à história e não apenas à história das mulheres. Ele pode lançar luz sobre a história das mulheres, mas também a dos homens, das relações entre homens e mulheres, dos homens entre si e igualmente das mulheres entre si, além de propiciar um campo fértil de análise das desigualdades e das hierarquias sociais (TORRÃO FILHO, 2005, p. 129).

García (2006), seguindo também o pensamento de Scott (1995), coloca gênero como uma categoria explicativa desta construção social e simbólica de mulheres e homens; e afirma que uma das principais contribuições do gênero é o envolvimento com a questão relacional, as que ocorrem entre os sexos, extinguindo a ideia de que a experiência de um sexo não tem nada a ver com a outra. O que ocorre com as mulheres está profundamente conectado com o que ocorre com os homens.

Gênero enquanto categoria de análise traz para o centro da discussão o feminino e o masculino, e como estes dois elementos se relacionam entre si. Nesta ótica, se percebe que há, no uso da categoria, um elemento político no que se refere a uma ação humana na sociedade, uma ação de consciência participativa. “A partir do gênero pode-se perceber a organização concreta e simbólica da vida social e as conexões de poder nas relações entre os sexos” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 136).

Para entender como as relações entre homens e mulheres se estabelecem na IPRA, tendo como categoria de análise a questão de gênero, é necessário se reportar a como a instituição Igreja Presbiteriana Renovada pontua esta relação. Qual o lugar da mulher e do

homem nesta sociedade? A partir daí se perceber como isso se perpetua nas relações familiares.

A Igreja Presbiteriana Renovada, como uma representante do pentecostalismo neoclássico<sup>33</sup>, como já afirmado anteriormente, não tem no seu ordenamento religioso oficial mulheres *consagradas* pastoras. Entretanto mulheres de pastores assumem a nomenclatura de *pastoras*, mediante a condição do esposo. No caso da IPRA, a esposa do Pastor da igreja é tratada com este *status* em todas as celebrações e atividades oficiais da igreja. Em entrevista, o Pastor, ao se referir a esta questão do ordenamento jurídico da própria denominação, afirmou:

A questão de pastora é mais de reconhecimento da própria igreja local e da cidade pela função que ela exerce e pelo que ela realiza. Que é ser pastor senão cuidar da igreja, consolar exortar, ensinar e orientar. Embora a IPR não tenha em sua nomenclatura denominacional o termo pastora, há o entendimento a nível nacional de reconhecimento dessas mulheres que, esposas de pastores, exercem esse ministério pastoral mesmo. Em muitos lugares do Brasil essas esposas de pastores, pró-ativas, que prega, ensina são chamadas de pastoras. Não é um reconhecimento denominacional, mas, da própria igreja. Em regiões como Goiás, Paraná, Matogrosso praticamente todas as esposas de pastores são chamadas de pastoras, como quando um presbítero assume uma congregação, ninguém chama ele de presbítero, mas de pastor, e não há proibição de que se chame, assim é com evangelista, o pastor pode consagrar um evangelista local, ele pode ungir com óleo, dá a bênção apostólica, uma série de coisas, só que ele não pertence ao conselho da igreja, ele é o evangelista local. Quanto a pastora Cláudia, ela tem o título dado por esta denominação de missionária. São termos que são dados às mulheres que exerceram algum tipo de atividade missionária, quando nós viemos para Aracaju a 27 anos atrás nós fomos enviados pela missão, missionário Marcos e missionária Cláudia, então esse título é reconhecido, tem fundo de garantia, que a igreja recolhe, ela participa de seguros, como todos os pastores do Brasil. Mas essa questão é algo que está em estudo e será levada a assembleia geral. (ANDRADE, 2012)

---

<sup>33</sup> “O pentecostalismo clássico abrange as igrejas pioneiras: Congregação Cristã no Brasil e Assembleia de Deus [...] No plano teológico, enfatizaram o dom de línguas (glossolalia), seguindo a ênfase doutrinária primitiva dessa religião. [...] O segundo grupo de igrejas implantado no Brasil, que não obteve nomenclatura consensual na literatura acadêmica, começou na década de 1950 [...]” (MARIANO, 2004, p. 123). Aqui, vou me referir a este pentecostalismo como neoclássico. Historicamente ele se encontra entre o pentecostalismo clássico e o neopentecostalismo. Freston (1996) chama este grupo de “segunda onda pentecostal” e Mendonça (2004) chama de “pentecostalismo de cura”.

A presença da pastora (esposa do pastor titular) se dá sempre de modo coadjuvante. Ela só se pronuncia quando solicitada por ele. Para orar ou dar alguma palavra específica. O pastor, bem vestido, com uma oratória fluente, de fácil compreensão, mas sem linguajar vulgar, dita comandos que são seguidos pela plateia. A pastora, vestida de modo formal e elegante, aparece como a anfitriã da cerimônia, a *dona da casa* que cuida para que tudo esteja pronto para receber as visitas. Mas sempre dando a ele a primazia.

A ascendência masculina, ou como fala Bourdieu, a dominação masculina, (ou o poder do macho, como teria Saffiotti) permeia as formações domésticas. É identificado em todas as sociedades através de fortes indicações de subordinação feminina relacionadas com violência física, coerção de diversos tipos, controle sobre o corpo e a circulação social das mulheres, apropriação individual de benefícios coletivos e, até o emprego de elementos simbólicos e míticos associando mulheres à natureza e perigo e homens à cultura e à ordem (Balandier), mas isto não impede que haja uma resistência efetiva e tomada de espaços que permitam uma contra-ascendência feminina. (SCOTT P., 2002, p.3)

Em nenhum momento desta observação houve um discurso que mostrasse uma relação de igualdade entre homens e mulheres, ou que estabelecesse uma superioridade masculina de forma explícita, nas entrelinhas da mensagem se percebe a ideia de uma igualdade horizontal. Entretanto pude perceber, mesmo não havendo uma exposição específica, que gestos, atitudes, comportamentos, revelam uma mulher submissa, recatada, que espera ser chamada à cena para desempenhar seu papel.

No momento em que a família pastoral (pastor e pastora da IPRA) se apresenta como paradigma, seu comportamento em público é percebido pelos expectadores que buscam reproduzir de algum modo este comportamento<sup>34</sup>. O casal Priscila e Áquila afirmou que desejam ser como seus pastores, conforme afirmado anteriormente.

---

<sup>34</sup> No Anexo, há imagens da família pastoral que demonstram como eles se apresentam, estabelecendo visualmente um modelo a ser seguido.

Parry Scott (2002, p.4), falando de chefia na família ou em outra organização social, vai buscar na antropologia o conceito de figuras que se posicionam de forma hierarquicamente superiores aos outros, e que reproduzem esta ideia no grupo social. “Assim, a designação de ‘chefia’ – seja da família ou de uma organização social maior, é um ato que promove a noção de uma desigualdade duradoura e que esconde a complementaridade que continue sempre a coexistir com a chefia”. E ainda faz referência aos micropoderes relacionados aos espaços que a tradição estabeleceu para as mulheres, que exclui os homens deste espaço e facilita a construção de uma “identidade social masculina positiva” (SCOTT P., 2002, p.3).

Em um dos cultos que estive presente, o Pastor apresentou uma família que estava saindo de Aracaju, indo morar numa cidade da Bahia (Feira de Santana); a Pastora orou pela família. O foco da fala pastoral foi no trabalho do marido que iria sair da cidade, devido à mudança de emprego, para melhorar a condição de vida familiar. A esposa e os filhos apenas iriam acompanhá-lo como coadjuvantes da vida do marido e pai. São atitudes, gestos e palavras como as descritas acima que demonstram como se constroem os papéis dentro da igreja.

No uso do gênero como categoria de análise não se descarta o elemento político de uma relação. Tavares (2010) afirma que a dominação masculina, presente no interior dos lares, é fortemente marcada pela diferença biológica entre os sexos e que é manifesta nesta perspectiva das relações de gênero aqui abordado, ou melhor, “por meio de uma hierarquia/antagonismo de gênero, caracterizada por uma assimetria no que se refere a posições e espaços ocupados por homens e mulheres, tanto na esfera pública como privada.” (TAVARES, 2010, p. 123).



Ao ser atribuído o caráter político nas relações entre mulheres e homens, é preciso deixar claro o que entendo por relações políticas. O conceito de Política, percebida como forma de atividade ou prática humana, está diretamente ligado ao de poder<sup>35</sup>. Então pode se atribuir à política a definição de *exercício de poder*. E poder é o domínio sobre a natureza e sobre os homens. (BOBBIO, 1998).

O poder é a base que mantêm esta sociedade de desiguais em que se vive, isto é, uma sociedade dividida em ricos e pobres, homens e mulheres; onde o primeiro é sempre superior, em sábios e ignorantes etc. Como poder se alia à força, torna-se mais eficaz para condicionar (determinar) os comportamentos. Assim, na comunidade religiosa, a força presente nas Escrituras Sagradas do cristianismo determina quem deve exercer o poder. Esta perspectiva aparece ao analisar as relações entre mulheres e homens na IPRA.

No exercício do poder, pelo uso da força, uma liderança masculina determina os comportamentos das mulheres. Referindo-se ao processo de adequação da realidade com as práticas dos membros da igreja, o pastor afirmou:

[...] em termos de igreja houve uma mudança, mas não foi só na igreja de Aracaju, em todo Brasil. A igreja estava passando por uma transformação com relação aos usos e costumes, ou seja, a Igreja Renovada era uma igreja fechada em termos de usos e costumes que eram chamados de doutrinas, mas não eram na verdade usos e costumes. As mulheres não podiam usar joias, cortar o cabelo etc. [...] houve essa mudança, mas não foi uma mudança local e sim no Brasil todo. **A igreja tirou do estatuto essas coisas de que a mulher era proibida**<sup>36</sup> de usar joias, cortar cabelo, usar calça cumprida. (ANDRADE, 2012).

A superioridade masculina está tão presente no discurso e na prática da IPRA que a Assembleia Geral de Igreja Presbiteriana Renovada do Brasil é formada exclusivamente por homens (IPRB, 2002), e é ela que estabelece as normas na igreja instituição. Esta Assembleia

---

<sup>35</sup> Já conceituei poder no Capítulo 2.

<sup>36</sup> **Grifo meu.**

diz como as mulheres devem se comportar na igreja e na vida, enquanto mulher cristã. O interessante foi perceber a expressão do Pastor Marcos, a igreja estava igualando as mulheres aos homens. Um senso de igualdade longe daquele das lutas histórica das mulheres, mas dentro da perspectiva da dominação que é o que se espera das sociedades conservadoras.

Em setembro de 2010, a mensagem foi do Pastor A. J. – um dos pastores auxiliares da igreja. Jovem pastor que, segundo suas próprias palavras (durante a sua explanação), tem 5 anos de formado (creio ser em teologia). Foi quem “pregou” (expressão usada para se referir à pessoa que traz ao público a mensagem principal do culto) nesta noite. Em sua mensagem, algumas frases chamaram a minha atenção: “Eu não posso desistir da minha família”; “O que Deus planeja para sua família?”; “Você está disposto a fazer alguma coisa pela sua família?”.

Estas eram palavras direcionadas ao público em geral, mas percebi um direcionamento mais específico às mulheres, quando disse que elas deveriam: “Visualizar salvação do seu esposo e seus filhos”; e que a “Oração pela família é indispensável [...] Só através da oração famílias vivem sem ansiedade”.

Na mensagem do Pastor A.J., ficou implícito que, o fato de não orar, gera consequências desagradáveis para as pessoas e às famílias e, como houve um direcionamento para as mulheres, percebe-se que ele transferiu a culpa de situações diárias (medo, angústia, doenças como depressão, por exemplo) para a não prática da oração. Há uma ideia corrente entre os pentecostais de que a ação do divino está condicionada ao comportamento do ser humano; então, se o fiel não recebeu o que pediu a culpa não é de Deus, nem da igreja, mas do fiel que não confiou suficientemente no poder divino.

O discurso (homilia, mensagem, pregação) pastoral foi descritivo. Começou com algumas perguntas retóricas (“O que Deus planeja para sua família?”) e passou a descrever situações do dia-a-dia de pessoas comuns. Usou bastantes exemplos (inclusive pessoal). A linguagem usada foi simples, sem palavras difíceis e sem argumento, apenas descrição de fatos, exemplos e perguntas retóricas. No meio do discurso, algumas frases de efeito (incentivo) que eram respondidas pelo público com “améns e aleluias”. Usou exemplos de empresários: para focar um público específico e presente na reunião. Usou a leitura (exposta no telão) de algumas passagens bíblicas para supervalorizar a fé pessoal e dar autoridade a sua fala.

O público ouvinte era composto, na sua maioria, por mulheres. Como a igreja tem um trabalho voltado para as famílias, havia alguns homens, a maioria com as esposas (a demonstração de afetos demonstrava a intimidade). O culto dominical é um momento de encontro de pessoas das mais diferentes formações, e muitos vão em busca de orientação e conforto para as questões que vivem naquele momento. Daí as falas serem genéricas e sempre apresentam uma solução: a confiança no Deus cristão e no modelo proposto pela igreja.

Ao concluir, afirmando que era necessário ter fé para conquistar (saúde, família, sucesso profissional) e fé para suportar situações difíceis, se dirigiu de forma bem específica aos: homens e seus negócios, empresas, homens de fé (heróis da fé como chamou) que passaram e passam por dificuldades nas suas empresas; e as mulheres, que são mães - têm filhos nas drogas - e esposas - lares destruídos. As mulheres chamadas de heroínas da fé são aquelas que passam ou passaram por dificuldades (a fé faz suportar). Nesta dicotomia em que homens são associados à vitória, sempre com uma luta, e mulheres à questão da superação de dificuldade pela espera, pela dependência, a supremacia masculina vai se firmando e

estabelecendo paradigmas a serem seguidos. Assim, de modo bem demarcado, aparece a diferença: homens – empresas; mulheres: lar, família.

O lugar da mulher muito bem exposto. Após a mensagem, houve um cântico que o Pastor da igreja dirigiu diante da plateia e a letra era uma declaração afirmando ser a família protegida por Deus, e o diabo não ter domínio sobre a ela. Um cântico bem ritmado que afirmava que as pessoas eram de Deus. A autoridade de quem fala está à sombra da autoridade suprema; então, como questionar as afirmações feitas durante a celebração?

Souza (2009) coloca uma atitude como esta no campo da violência de gênero. “A prática da violência é um exercício de poder sobre o outro e, neste caso, do poder do homem sobre a mulher. [...] O universo simbólico que informa os sexos a respeito de seus papéis sociais se mostra uma importante chave interpretativa para essas questões.” (SOUZA, 2009, p. 28). Mas há outro modo de se analisar as relações de gênero, e também de ler os dados referentes a esta questão dentro do contexto de pentecostalismo neoclássico de Aracaju.

#### **4.2 Relação de gênero como relações sociais**

Vivemos em uma sociedade que se contradiz em vários dos seus comportamentos. Por vezes somos pegos enquanto sociedade lutando por liberdade de expressão política, por melhores condições de vida (salário, moradia, saúde, educação). Em outros momentos consumimos produtos de origem de trabalho escravo (logo não livre, sem condições de trabalho digno). Lutamos pela nossa individualidade, pelo nosso conforto, mas não percebemos que esta condição de liberdade está relacionada com a exploração de outro ser humano.

Esta contradição de comportamento revela uma posição histórica em que vive a sociedade humana. Herdeiros de uma modernidade, caracterizada pelo cientificismo e pelo fortalecimento do capitalismo, a sociedade contemporânea acredita naquilo que vê e que pode ser mensurado, ela crê na satisfação pessoal (fruto do individualismo liberal do século XIX). Esta sociedade necessita de demarcar seu lugar. O ser humano contemporâneo é *moderno* no que se refere a sua satisfação pessoal, ao conforto do lugar que ocupa. Este ser humano se fecha em si e no seu lugar (propriedade privada).

Por outro lado, a sociedade contemporânea passou por muitas experiências nas últimas décadas, tais como o fracasso da Guerra Fria, a vitória do Estado Capitalista sobre o Estado Socialista, o avanço do terrorismo, a crise energética, a cibernética, o surgimento de novos espaços de relacionamento (o ciberespaço), a crise ambiental. Todas estas experiências fez deste ser humano mais preocupado com o meio em que ele vive, e conseqüentemente com a sua relação com este meio e com os outros seres humanos.

Ser herdeiro de uma modernidade que apresentou um discurso progressista e otimista e ao mesmo tempo viver em um mundo tão cheio de elementos que contradizem este paradigma faz com que o ser humano, organizado politicamente – a sociedade – se comporte diante de algumas situações do dia-a-dia de modo confuso e incoerente com seu discurso.

No que se refere à ciência, o estatuto da modernidade que foi estabelecido, deu a razão o *status* de superioridade, e consagrou a supremacia da ciência sobre qualquer outra possibilidade de conhecimento. A ciência moderna fixou-se como verdade. Assim o *cogito* cartesiano se estabeleceu como verdade. O conhecer e o pensar colocaram o ser humano no limite do universo. Na superioridade da razão, o sujeito cognoscente sai em busca do que ele quer conhecer – o objeto. Assim a ciência tem como funções: classificar, generalizar, determinar leis, elaborar teorias, explicar e prever.

Lyotard (1998, p. 35) afirma que “o saber não é ciência, sobretudo em sua forma atual”. Desse modo ele vai de encontro ao ideal da modernidade que estabeleceu o conhecimento racional como o *saber*. Define então conhecimento como “conjunto de enunciados que denotam ou descrevem objetos” (LYOTARD, 1998, p. 35). O que leva a ciência a categoria de *subconjunto do conhecimento*.

Saber passa a ser entendido como contingente de informações que têm sentido em si mesmas. Assim, saber é: viver, fazer, escutar etc. Não implicando em critério único de verdade. Neste sentido, conhecimento, para Lyotard, está diretamente relacionado ao estatuto da pós-modernidade, que ele mesmo definiu como “incredulidade em relação aos metarrelatos” (LYOTARD, 1998, p. xvi). Saber tem a ver com costumes, com opiniões, com narrativas, com o que não é universalizável.

Conhecimento, nesta concepção, traz as mulheres à condição de sujeitos, o que não foi (e não é) suficiente para eliminar a referência masculina de dominação. Fazê-las cidadãs, incluindo-as nas análises, “bem como [*afirmar que*] a classe social, são compostas por homens e mulheres, ainda que essa ‘denúncia’ tenha tido grande importância” (MARIANO S. A, 2005, p. 484), não soluciona as questões tais como o universalismo, o essencialismo e o binarismo que fundamentam as hierarquizações e subordinações nas quais as mulheres são submetidas.

Flax (1991) procura conceituar a categoria *relações de gênero* de uma forma diferente daquela que assumiu papel universalizante: a relação de gêneros como dominação masculina, e mostra a necessidade de se ver relação de gênero como relações sociais; as relações de gênero não como relação de seres que culturalmente se excluem.

As relações de gênero são divisões e atribuições diferenciadas e (por enquanto) assimétricas de traços e capacidades humanos. Por meio das relações de gênero, dois tipos de pessoas são criados: homem e mulher. Homem e mulher são apresentados como categorias excludentes. Só se pode pertencer a um gênero, nunca ao outro ou a ambos. O conteúdo real de ser homem ou mulher e a rigidez das próprias categorias são altamente variáveis de acordo com épocas e culturas. Entretanto, as relações de gênero, tanto quanto temos sido capazes de entendê-las, têm sido (mais ou menos) Louro (apud MARIANO S. A, 2005) refere-se ao uso da categoria *gênero* como uma virada epistemológica. Entretanto, mesmo diante de uma nova categoria de análise, a discussão sobre gênero era marcada pela modernidade, que traz consigo a ideia de uma padronização de atitudes, certa normatização. No dizer de Mariano S. A. (2005, p. 487), “A normatização das identidades e sua consequente opressão definem padrões de comportamento e de conduta, rejeitando as diferenças dos sujeitos sociais.” Assim, pode se exemplificar esta *normatização* com os conceitos de heterossexualidade, de ser homem e ser mulher, com a ideia de um comportamento pré-definido pelas características biológicas.

### **4.3 Pentecostalismo e Relações de Gênero**

Podemos pensar nestes tempos de pós-modernidade que a grande crise vivida pela humanidade é a crise da ruptura. Rompeu-se com muitas coisas. E é necessário que este rompimento aconteça para que haja mudança e coisas novas aconteçam. Rompeu-se com o caráter gnosiológico da filosofia, trazendo a necessidade de um pensar ontológico. Nas ciências, de um modo geral, há um rompimento com a racionalidade, introduzindo novos modos de se perceber as variadas realidades.

No campo das relações de gênero, a era de rupturas não poderia ser diferente. Rompe-se com a militância feminista (uma luta política), trazendo a discussão para o campo da intelectualidade (MACHADO, 1994). A elaboração de novas terminologias que são incluídas na discussão de gênero possibilita que outros segmentos, também excluídos do processo de decisão da humanidade, sejam pensados. É a importância da ruptura pós-moderna.

Ao me referir à ruptura, não me refiro enquanto abandono de ideias ou troca de ideais. Penso a ruptura como penso o conceito de desconstrução, isto é, romper para se ver melhor, para compreender com mais clareza, possibilitar uma reflexão mais ampla (no sentido de variados saberes). Romper no sentido de abrir, descolar, para melhor visualizar.

É assim que entendo filosofia, como uma reflexão sobre a experiência vivida. E refletir sobre o que se vive e como se vive é atitude filosófica, logo possível a todo ser humano. Não exclusivo de uma classe específica de filósofos. E, para refletir, é necessário estar descolado de ideias universalizantes, polarizadas, unilaterais. É preciso romper com *metanarrativas*.

É necessário pensar e repensar a vida a partir do que é humanamente excelente, e ter cuidado para não “asseverar meramente a superioridade do oposto” (FLAX, 1991, p. 247). Falar de mulher é falar de um conjunto específico de relações, com os homens e com muitas outras mulheres.

A consciência da necessidade de pensar esta relação entre mulheres e homens é a ideia que se apresenta aqui e, aliada ao conceito de relações de gênero (FLAX, 1991), serve como base para se entender estas mulheres e estes homens dos segmentos médios da cidade de Aracaju e que frequentam a comunidade religiosa.



Entender estas mulheres que ainda buscam uma afirmação como sujeito de si, mas estão presas a ideais estabelecidos por uma sociedade ainda dominada por homens. Afirmar “eu sou uma mulher” (TOURAINÉ, 2007, p.41) e ainda viver em um mundo que reproduz um modelo ideologicamente marcado por padrões masculinos é não só um desafio; é, acima de tudo, uma necessidade existencial.

Mas também pensar estes homens que, no espaço religioso, consegue manter sua posição de superioridade e tem no discurso oficial da religião a sua autoridade ratificada, garantindo assim a manutenção do papel que historicamente vem desenvolvendo.

O pentecostalismo neoclássico que é o objeto de análise deste trabalho pode ser classificado como um movimento que se encontra na passagem da modernidade para a pós-modernidade. Enquanto racionalidade moderna, este pentecostalismo é herdeiro de um processo de modernização da sociedade que racionalizou, desmitologizou o sagrado. Do mito à razão, como a passagem da mitologia à razão; a religião tornou-se racional e, como se houvesse um *dés*-desencantamento (ou reencantamento), a sociedade reassume sua condição de sociedade religiosa. (WEBER, 1987; FERREIRA, 2004).

A sociedade ocidental privilegiou a razão, a ciência, a especialização de um corpo profissional. Esta racionalização da sociedade encontrou no protestantismo real herdeiro da razão moderna, conforme pensar weberiano, o parceiro ideal para implantar a ditadura da razão.

A ética protestante vista como vocação pelo protestantismo, levou indivíduos a produzirem uma nova dinâmica na sociedade, o que resultou na sociedade capitalista ocidental. Weber (1987, p.115) chega a afirmar que, para o puritano, “não é trabalho em si, mas um trabalho racional, uma vocação, que é pedida por Deus”. A análise weberiana não

descarta o papel do indivíduo como *ser-aí*. Para ele, o indivíduo é elemento participante da construção social. O afastamento da magia e a crença em um Deus transcendente fizeram do indivíduo protestante um ser-no-mundo; ser que não só se faz presente, mas que age na construção de sua própria realidade. É “ação” conforme conceito weberiano. O protestantismo, como todo o cristianismo é ocidental, logo racional, cheio de especialistas, que surgem para justificar o caráter racional deste que é mais que uma religião é um próprio modo de existência. Neste sentido de religião da modernidade, pensa em algo duradouro, longínquo. Um projeto ético-político com base na família.

Já como elemento de ruptura, de desconstrução de paradigmas, pode ser percebido como um fenômeno religioso da pós-modernidade. E, quando analisei anteriormente a fenomenologia do pentecostalismo, mostrei a necessidade de valorização da experiência do sujeito.

Esta mulher presente no discurso metanarrativo dominante do homem, tem seu lugar definido por ele, e o projeto ético-político renovado predefine estes lugares. É o homem que estabelece os estatutos que decidem o que ela pode ou não fazer na comunidade religiosa<sup>37</sup>, é o mesmo homem que chegou à igreja pelas mãos destas mulheres, demonstrando que no exercício de sua subjetividade estas mulheres desejam viver uma vida renovada e buscam afirmar um lugar de importância na esfera familiar e na comunidade religiosa.

Percebi na fala de Maria e de Ana que os encontros das quartas-feiras, chamados de *renovo de vida* são um espaço de resistência destas mulheres que buscam forças para

---

<sup>37</sup> No Título IX – Do Ministério Feminino, das Normas da IPR, encontra-se uma série de atribuições da mulher na Igreja. O interessante é notar que todas as ações que são permitidas ficam “a critério e sob a orientação do Conselho ou da liderança dessa igreja”. (IPRB, 2002, p. 68).

enfrentar a sociedade de desiguais. O discurso da “mulher sábia que edifica a casa”<sup>38</sup> coloca nestas mulheres o poder da decisão. A igreja necessita destas mulheres, como suas propagadoras, para divulgar o seu projeto ético-político. Não há uma fala explícita neste sentido, entretanto ao convocar as mulheres para se “renovarem” e este *renovo* acontecer em um momento exclusivo, sem a presença de homens aponta que este espaço que serve de fortalecimento e de conforto, também é de preparo para vencer as dificuldades e “aprender a ser mulher” (MARIA).

Quando Maria (pedagoga) afirmou em sua entrevista que fazia de tudo para não faltar a uma *tarde de renovo*, e ali ela se sentia revigorada para as atividades do dia-a-dia, estava reafirmando que há um lugar, uma hora em que se sente pessoa, se fortalece. Este é discurso feito pela pastora Cláudia nas chamadas para as reuniões de *renovo de vida*, que são exibidas no programa da IPRA, em um canal fechado da cidade de Aracaju e reproduzidas na internet<sup>39</sup>.

Maria na entrevista disse que está se preparando para se casar e, nas reuniões às tardes de quarta-feira, ela tem aprendido a “ser uma mulher cristã”. Ela entende ser isso fundamental para se ter sucesso na vida conjugal: “No renovo de vida aprendemos como ser sábias. E como diz a Bíblia: a mulher sábia edifica a sua casa. Eu quero saber cuidar da minha casa” (MARIA).

Todas as mulheres entrevistadas na pesquisa afirmaram que há uma identificação com o modelo de mulher que a pastora representa. Ana, que frequenta a Igreja Presbiteriana Renovada do bairro do Sol Nascente (uma das cinco IPR em Aracaju), e que tem como

---

<sup>38</sup> Referência à passagem bíblica no livro dos Provérbios 14,1 que é citado pela pastora em suas prédicas e por duas das entrevistadas, referindo-se ao papel da mulher dentro do casamento.

<sup>39</sup> Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=BUYy1mWdVtg>

pastora a esposa do seu pastor local, se refere a ela com uma satisfação muito grande. E diz que a pastora é para ela

Exemplo de tudo. De mulher, excelente pastora, esposa, mãe. Toma à frente da igreja, os ministérios, organiza, tudo é com ela [...] Está sempre com os jovens aconselhando sobre casamento, namoro, sexo antes do casamento. Ela acompanha os membros a cada dia. Faz questão de estar ligando, perguntando como está. [...] Principalmente as mulheres.

Percebe-se nas ações da referida pastora o controle que exerce sobre os membros, em especial à juventude, mais vulnerável às ações que podem afastá-los de uma prática religiosa. Mas também se observa que este cuidado está relacionado a papéis típicos de mulheres: mãe, cuidadora do lar, orientadora etc.

Esta outra pastora (da igreja de Ana), mesmo não estando à frente da igreja sede que é o *Espaço Família Renovada*, tem comportamentos e atitudes semelhantes ao da esposa do pastor Marcos Andrade. Ela, como a pastora Cláudia, tem sob a sua responsabilidade orientar mulheres sobre seu comportamento, sobre seu modo de como conquistar seu esposo, conforme o relato de Ana.

Na leitura pós-moderna destas relações, a mulher é sujeito sim, é agente transformador de uma sociedade, está a serviço de um novo modelo a ser seguido. Modelo que desconstrói a racionalidade de uma sociedade sociopolítica, e traz um modelo de liberdade horizontal, onde se é corresponsável pelo desenvolvimento da sociedade, mas nunca assumindo publicamente o poder decisório.

Perguntada sobre as relações de gênero na igreja, Priscila, que é pedagoga, pós-graduada e trabalha em uma grande instituição de ensino na cidade, desconversou em relação à temática e respondeu o questionamento da seguinte forma:

Nós temos algumas coisas que são assim, eu diria, que é tradicional, mas que é saudável. A Bíblia inclusive manda a gente vigiar. Se eu tenho alguma coisa e

preciso de um aconselhamento, procuro a pastora, se ele tem [procura] o pastor, não que eu não fale com o meu pastor [...]

Neste momento, Áquila, seu esposo, interferiu na conversa e disse que o ensinamento “não é submissão, é respeito, partindo dos ensinamentos bíblicos”. Esta autoridade evoca a Bíblia e transforma o conceito de respeito em submissão de vontade. Na prática, dizer que a mulher respeita o marido, é colocá-la na condição de acatar o que lhe é posto, como aconteceu no momento em que Áquila interferiu na fala de Priscila. Ela acatou seu comentário e inseriu o conceito em sua fala.

A mesma pergunta foi feita a Ana, jovem solteira e sem filhos, que afirmou que, em algumas reuniões, a pastora e o pastor da igreja que frequenta no Bairro do Sol Nascente estão

Sempre alertando. Que as mulheres... Às vezes chegam muitas reclamações na igreja dos maridos. Que as mulheres não honram com certos papéis aí eles [o pastor e a pastora] sempre comentam que as mulheres devem ouvir mais seus maridos, que é a cabeça da casa, que elas precisam cumprir mais seus papéis domésticos, de mãe, é bem focado na Bíblia. Assim o homem é a cabeça e a mulher tem que honrar o marido. É tudo muito bem focado, com está na Bíblia.

Estas falas revelam que a discussão de gênero não é prática na comunidade religiosa, e que o referencial de autoridade é a Bíblia que, na interpretação da igreja, define claramente os papéis. Mas é possível que o acatamento a esta condição de submissão (na palavra de Áquila, respeito) seja uma estratégia de resistência. Uma oportunidade de demarcar lugar, antes não percebido, sem possibilidade de ação, e agora, na igreja com destaque. O marido depende dela, os filhos dependem dela, a igreja depende dela. Esta é uma chave de leitura para se entender como as mulheres têm resistido à condição de submissão histórica: perceber o gênero como relação social. E, nesta ótica, as mulheres se percebem na relação com seus esposos.

Esta dependência dos homens em relação às mulheres é de ordem material e emocional. É a mulher no seu papel de esposa e mãe, que cuida no dia-a-dia dos horários, do alimento, dos estudos, enfim, de uma logística doméstica. E, ao mesmo tempo, é ela que socorre a família em oração, que partilha as necessidades familiares com outras mulheres nas tardes de renovo; é ela que serve de vínculo entre a Igreja (a família renovada) e a família matrimonial. Esta condição faz a mulher se sentir de alguma forma envolta de poder. Não um poder determinante de comportamentos, mas de poder como possibilidade de ação. O que a insere de forma importante no projeto da igreja de atingir as famílias. Está é a mulher sábia que acima Maria se referia desejar ser.

A ideia de empoderamento destas mulheres está presente na fala dos pastores. Em uma mensagem sobre o dia internacional da mulher<sup>40</sup>, o casal escreveu no sítio da igreja na *internet* uma mensagem com título sugestivo: mulheres em destaque. A mulher que segundo o texto é graciosa, virtuosa e sábia tem *poder* para estar sempre firme.

Toda mulher gosta de se destacar naquilo que se dedica: escola, trabalho, casa, como esposa, como mulher cristã, como profissional, e até com sua beleza. No reino dos céus também não é diferente, Deus procura mulheres que se destacam com suas virtudes quando servem ao Senhor: - Ester com seu reinado; Débora por ser um exemplo e a primeira juíza.; Ana por sua perseverança e confiança em Deus; e diversas outras mulheres, que a Bíblia registra, associando ao seu destaque. Hoje não é diferente, pelo contrário, as mulheres tem ganhado ainda mais destaques, mas a pergunta que surge é: o que realmente importa para Deus? Quais os destaques que Deus deseja encontrar em suas filhas?

#### **Graciosa**

*“A mulher graciosa guarda a honra como os violentos guardam as riquezas.”* Provérbios 11:16

A mulher cristã tem que ter esta qualidade de graciosa, amável para com outros, pois assim como Ester obteve destaque, nós teremos em nosso reinado de filha, esposa e profissional o destaque que Deus pede.

#### **Virtuosa**

*“Mulher virtuosa quem o achará? O seu valor muito excede o de rubis.”* Provérbios 31.10

Deus procura verdadeiras joias, que maneja bem tudo o que faz, por que a mulher de valor sabe portar e assim como Maria soube dar o melhor nos pés de Jesus (Um

---

<sup>40</sup> Disponível em < <http://2013.vidarenovada.com.br/mensagem-pastoral/mulheres-com-destaque/>> Acesso em 13 de mar. 2014.

perfume muito caro) e esse melhor é que fez com que ela se tornasse destaque.

#### **Sábria**

“*Toda Mulher sábia edifica sua casa*” (Provérbios 14.1)

O destaque que Deus procura em você amada leitora é o poder de edificar, manter-se firmes mesmo em momentos ruins. Ana obteve este destaque, quando estéril e mesmo não podendo ter filho, gerou um através de sua sabedoria usada em oração.

Muitas outras virtudes poderiam ser listadas aqui como destaques para a Mulher em nossos dias, mas deixamos essas como essenciais para uma cristã. E a certeza que temos, é que com o Espírito Santo, vocês mulheres, podem muito mais! Parabéns pelo Dia Internacional da Mulher. Prs. Marcos e Claudia Andrade

Como as falas dos pastores são sempre cheias de citações da Bíblia, isto para os seus ouvintes é sinônimo de autoridade. Sentir-se conforme orientado pelos pastores, sentir-se valorizada por eles, é alcançar um patamar de importância tal, que se disponibilizam para cumprir os papéis e funções pela igreja que foram estabelecidos.

#### **4.4 Gênero como elemento fundante de uma identidade**

Os três elementos apresentados até aqui (religião, família e relações de gênero) são elementos importantes na formação do estilo de vida renovado. Nas discussões que serão apresentadas daqui em diante, eles aparecerão como fundantes daquilo chamarei de identidade renovada.

No que se refere ao gênero como elemento constituinte da identidade, Louro (2010) parte do conceito de que os sujeitos têm identidades plurais. E afirma que “identidades se transformam, que não são fixas ou permanentes; que podem, até mesmo, ser contraditórias” (LOURO, 2010, p. 24). Perceber gênero como elemento de formação do sujeito é “perceber o gênero *fazendo parte* do sujeito, constituindo-o” (LOURO, 2010, p. 25). Abordar a temática como um dos elementos constitutivos do estilo de vida renovado é trazer, para esta discussão, como estas representações de gênero, que estão baseadas nas experiências e práticas de mulheres e homens, se estabelecem na comunidade religiosa.

Há necessidade de identificação com o público alvo, tanto por parte da pastora, quanto do pastor da IPRA. O público deve perceber que há na liderança um comportamento semelhante ao dele, comportamento de alegria e satisfação, pois isso também é doutrinador. É como se esta fosse uma mensagem silenciosa, mas enfaticamente comunicada neste momento.

Como já foi dito, a presença feminina durante os cultos é marcante. Tanto na recepção dos visitantes, como na própria plateia. Ao ouvir os depoimentos de pessoas que iriam se batizar no telão, e depois em vídeos postados na *internet*, percebi não só a presença feminina, como a influência delas no processo de captação de novos membros. Dois dos depoimentos observados no telão e apresentados no dia do culto de batismo em que estava presente mostraram que os maridos foram levados para a igreja pelas suas esposas, durante uma crise no casamento. É o foco na *reestruturação familiar*.

E esta é uma tônica muito forte no discurso da pastora da Igreja. Em entrevista cedida a um programa de televisão local<sup>41</sup>, ela fala da sabedoria da mulher em “construir sua casa”, colocando nas mãos da própria mulher a responsabilidade de manutenção do casamento. Ela afirma falando diretamente a mulheres: “Busque em Deus o seu bem estar, você está completa, por que aí você vai fazer do seu casamento não uma rotina, mas uma novidade diária” (JOSEPETTI ANDRADE, 2010).

Stein<sup>42</sup> (1999, p. 57) afirma que “o corpo e a alma da mulher foram formados para uma finalidade específica [...]. Cuidar, velar, conservar, alimentar e promover o crescimento; esse é seu desejo natural, genuinamente maternal”. É esta a concepção de mulher presente na IPR e, em específico, no desenvolver das atividades da pastora. Ainda Stein (1999, p. 58) diz

---

<sup>41</sup> Entrevista já citada no Capítulo 3.

<sup>42</sup> Edith Stein, com formação em filosofia, foi assistente de Husserl, converteu-se ao cristianismo, tornou-se irmã Camelita, morreu em Auschwitz e foi canonizada em 1998 pelo papa João Paulo II.



que “esta predisposição maternal se junta a de *companheira*. Seu dom e sua felicidade consistem em dividir a vida com outra pessoa”. O que referenda a fala de Áquila ao afirmar que se “ensina respeito”.

A presença nos cultos como auxiliar revela este lado “genuinamente maternal”. A atitude de *companheira* presente que está sempre disposta a servir seu marido. Como mulher, “serve por amor a ele, e assim é adequado que ela o faça sob a orientação dele” (STEIN, 1999, p. 58). A justificativa de Stein é de que a mulher tem uma *natureza*, uma vocação natural. Esta posição é assumida para justificar as chamadas profissões femininas.

O interessante é notar que, mesmo sendo a teoria defendida por Stein de base católica romana, e enquanto reflexão acadêmica desconhecida nas igrejas pentecostais, o exercício de sua prática é marcante nestas comunidades. Surge com Stein a concepção de um *ethos* profissional feminino, pois cabem à mulher devido a sua natureza, as profissões do cuidado. Na Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju a responsabilidade de coordenar o ensino é da pastora. Ela é a coordenadora dos cursos oferecidos pela igreja aos seus membros e simpatizantes (membros em potencial). Há pelo menos três cursos: o de *Verdades Bíblicas*, feito para iniciantes, que pretendem assumir um compromisso maior com a igreja e o curso *Agora sou Membro*, para os que já passaram pelo curso básico, já se batizaram e necessitam de uma maior compreensão da rotina da igreja. E os *grupos de comunhão*, estudos bíblicos regulares focados em interesses específicos: casais com e sem filhos, jovens e pessoas que querem se tornar líderes. Estes cursos são para aqueles que já passaram pelas etapas anteriores, e agora estudam a Bíblia para manutenção de sua fé e de vínculos afetivos com a comunidade religiosa. Estes cursos têm duração média de 5 meses e são ofertados uma vez por semana, em turmas variadas.

As chamadas em vídeo para a participação nos cursos, a fala da pastora durante os cultos, a indicação de que as pessoas devem procurá-la para ter maiores informações, revelam a vocação feminina para a educação. Mendonça (1995, p. 100), referindo-se à educação protestante, afirma que “o primeiro aspecto interessante dessa educação protestante é o caráter feminino. Os historiadores [...] registram a chegada anual de várias missionárias educadoras”. E fala do “aspecto naturalmente maternal desse magistério feminino”. As igrejas evangélicas mantêm esta concepção de que a educação dos filhos é de responsabilidade da mulher.

Além da educação há um discurso direcionado para a mulher como a cuidadora do lar. Não só no sentido de alguém que zela por uma organização doméstica, que inclui a limpeza da casa, o controle dos horários, da educação dos filhos, mas também da manutenção do vínculo matrimonial. Em entrevista já citada, a pastora, que também é identificada como *conferencista para casais*, afirma a necessidade de a mulher manter sua autoestima elevada para garantir a estabilidade do seu casamento.

Durante um dos cultos que assisti a pastora se aproximou do seu marido para arrumar a sua roupa (gravata). Confirmando, com sua ação, o que havia afirmado na entrevista dada a um programa local de televisão (entrevista citada anteriormente); que há uma necessidade da mulher cuidar da sua casa, o que a faz sábia; e cuidar da aparência do marido faz parte desta sabedoria. Foi uma manifestação de carinho e cuidado com o esposo em público, o que revela a “sabedoria da mulher”. Este modelo construído de mulher líder (ideia de chefia) passa a ser observado pela comunidade e, de alguma forma, é reproduzido por outras mulheres (SCOTT, p. 2002).

Rocha (2007, p. 61-62), ao se referir sobre a condição de *mulher de pastor*, diz: “as mulheres que não trabalham fora da igreja, mas que se dedicam exclusivamente ao

ministério integral juntamente com seus maridos, afirmam que o papel da mulher foi claramente instituído por Deus”.

Mesmo que a pastora da comunidade estudada tenha funções próprias dentro do ordenamento religioso da igreja, com atividades bem definidas, ela ainda é citada como *esposa do pastor*, o que a coloca numa condição de ser “construída pelo e para o outro” (ROCHA, 2007, p. 67). Isto significa que sua identidade enquanto mulher está condicionada a sua condição de esposa. As atividades desenvolvidas na comunidade são identificadas como da *esposa do pastor*. O modelo que ela representa é o modelo hegemônico da dominação masculina. Mas também de um lugar que se ocupa. Pois, ao lado do pastor, é ela que se faz presente, é ela que auxilia, cuida e possibilita que tudo esteja a contento para o seu sucesso; demarca seu espaço e sua função.

Deste modo, o papel é o de resistência e, seu lugar, ao lado do esposo, mantendo as estruturas de poder. Já o homem, na IPRA, mantém seu lugar de dominação e de agente perpetuador de uma estrutura eclesiástica e familiar que o põe (ou o mantém) no lugar central.

Perguntado sobre a questão da submissão da mulher, o Pastor da IPRA afirmou:

Um princípio cristão que é bíblico e que Paulo [referindo-se ao apóstolo em uma das suas cartas que se encontra no texto bíblico] coloca e que está associado ao princípio do amor. O homem é o cabeça[...] Essa submissão acontece naturalmente e é conhecimento. Quando o homem aprende a amar, ele também a respeita e ela se sente tão respeitada que não vê nenhuma dificuldade de ser submissa a este homem que a ama. [...] Quem ama não vai colocar jugo. A autoridade e o cabeça é o marido. Ele é o sacerdote de sua casa. Um sacerdote sábio jamais toma uma atitude de desrespeito. [...] Mas até a mulher se não tiver um homem ao lado que seja o seu cabeça, ela vai ser prejudicada. Ela precisa de alguém ao lado para ter voz de comando. (ANDRADE, 2012).

Fundamentados numa leitura bíblica direcionada, o discurso é que estes lugares são determinados pelo Deus que naturaliza as relações. O quê justifica, para os seguidores do pentecostalismo (o qual a IPRA se enquadra), que este modelo vai ser o norte para o

estabelecimento de um projeto ético-político, a ser discutido e apresentado no capítulo seguinte.

## 5 O ESTILO DE VIDA PENTECOSTAL E O PROJETO ÉTICO-POLÍTICO RENOVADO

*Vida renovada*, como já dito em outro momento, é uma expressão utilizada como elemento de *marketing* da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju. O próprio domínio virtual<sup>43</sup> traz a expressão supracitada. Muito mais do que um *slogan*, vida renovada é um conceito, uma ideia, um projeto a se realizar na vida de pessoas e de um grupo social e, de forma mais ambiciosa, na sociedade como um todo.

Neste capítulo se busca apresentar o significado deste conceito, que está diretamente ligado ao estabelecimento de um estilo de vida próprio, de um processo daquilo que vou chamar de aburguesamento e que tem a ver com o projeto ético-político do pentecostalismo neoclássico. E também investigar o sentido de *família renovada* no discurso; e material institucional da Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju – IPRA. Para tanto, parto do seguinte questionamento: existe um *estilo de vida renovado* que aponta para um projeto ético-político específico?

A resposta a esta pergunta passa pela leitura do que venha a ser estilo de vida e projeto ético-político. Concomitante a estas respostas que aparecem como conceitos fundantes, vou buscar entender o que é de fato estilo de vida renovado.

Em um culto que assisti a mensagem do pastor da igreja, toda apresentada em *slides* que são projetados nos telões que ficam ao lado do palco central (altar), teve como tema principal a força de Deus para o homem. Percebi que muitos levam Bíblias (costume das

---

<sup>43</sup> Endereço na rede mundial de computadores.

igrejas protestantes históricas), no entanto não abrem, pois os textos bíblicos mencionados são projetados nos telões. A mensagem não teve uma linguagem inclusiva (apenas homens, não homens e mulheres). Uma postura descontraída, sempre com bom humor, muito movimento durante o discurso. Muitas palavras de ânimo e durante a homilia, citou famílias pelo nome, demonstrando um conhecimento das pessoas, o que revela certa aproximação. Após a mensagem, música (letras no telão) que a plateia acompanhou com muito ânimo.

Ao analisar o discurso do pastor da igreja, em todas as observações, o que é reproduzido também nas músicas escolhidas, nas orações feitas e em outras falas, percebe-se a busca de uma palavra de incentivo no que se refere às práticas diárias. A confiança na divindade e a presença na igreja como prova desta confiança, palavras focadas no que *Deus disse*, chamando à atenção da plateia para a autoridade divina. Daí na fala dos entrevistados eles sempre se referirem à centralidade da pregação dos pastores na Bíblia.

Em outra observação, o pastor durante a mensagem (homilia) falou da necessidade de estar na “Casa do Senhor”, e neste dia havia uma presença maciça de jovens, pois uma semana antes houve um retiro espiritual para a juventude da igreja (programação voltada para os jovens, que se reuniram em um local afastado durante três dias). Foram palavras de incentivo e de alerta. Citou muitos exemplos pessoais, inclusive da sua experiência quando jovem. Ao final, o filho do pastor<sup>44</sup> apresentou de um vídeo sobre o encontro de jovens. No vídeo do evento, que foi projetado após a homilia, mostrou os jovens cantando, dançando, participando de brincadeiras e em momentos de oração.

---

<sup>44</sup> Em janeiro de 2012 o filho do pastor da IPR de Aracaju foi consagrado pastor. Na ocasião desta observação ele ainda não era.

As homilias (sermões) não trazem nenhuma profundidade no que se referem às questões religiosas, sociais, políticas. Não seguem o padrão de uma reflexão sobre um determinado assunto. São discursos informativos, com chamadas à obediência e a se viver um *estilo de vida renovado*. Este *estilo de vida renovado* é caracterizado pelo padrão que a igreja (os pastores) estabelece, justificando ser orientação bíblica.

Além dos discursos, as outras falas (cânticos, gestos, orações, avisos etc.) mantêm a mesma perspectiva. Sem uma reflexão, sem levar a questionamentos que possibilitem uma interação com a sociedade. Os discursos são personificados, pessoais. Tratam da relação individual com o divino, com a igreja e com a família. Não há uma preocupação com a sociedade como um todo.

### **5.1 Gosto, estilo de vida e aburguesamento – conceitos e ideias.**

O conceito de estilo de vida aparece em Bourdieu (1983) como expressão sistemática das condições existentes e, segundo o próprio autor, é produto do *habitus*, que em suas próprias palavras são “sistemas de disposições duráveis e transponíveis que exprimem, sob forma de preferências sistêmicas, as necessidades objetivas dos quais ele é o produto”. (BOURDIEU 1983, p. 82).

O estilo de vida como *habitus* se dá ao verificar que existe sistematicidade e unidade não só no trabalho realizado como também no modo de operacionalizar este trabalho. Estes dois elementos indicam as propriedades do estilo de vida observado e analisado. Este estilo de vida, no pensar bourdieusiano, é manifesto em ações bem práticas, tais como o modo de se vestir, de falar, de morar, de comportar-se socialmente etc. E são, na verdade, estas

práticas que geram o *habitus* “como princípio unificador e gerador de todas as práticas”. (BOURDIEU, 1983, p. 83).

Para melhor compreender o conceito de estilo de vida em Bourdieu, que é o que adoto para analisar a Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju, faz-se necessário digressionar e apresentar o conceito de *habitus*. Ortiz (1983) afirma que a noção de *habitus* trazido por Bourdieu vem da escolástica, que se referia ao que era aprendido, “como disposição estável para se operar numa determinada direção; através da repetição criava-se, assim, certa conaturabilidade entre sujeito e objeto, no sentido de que o hábito se tornava uma segunda dimensão do homem”. (ORTIZ, 1983, p. 14).

Partindo deste conceito, Ortiz (1983) vai afirmar que Bourdieu faz uma reinterpretação do *habitus*, agora dentro do choque de ideias que ocorre entre o objetivismo e a fenomenologia. Apresentando a teoria do *habitus* Setton (2002, p. 63) afirma:

*Habitus* surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. *Habitus* é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano.

Logo, o *habitus* é aquilo que é incorporado, apreendido, interiorizado. Ele aparece como algo social, e está relacionado com um grupo social ou uma classe; entretanto se apresenta como componente individual. Ao internalizar um *habitus* (ação objetiva) interiorizam-se comportamentos e ações, ação subjetiva.

O conceito de *habitus* surge na obra de Bourdieu (1983) para descrever um conjunto de condicionamentos que determina os gostos e caracterizam certa camada ou grupo social. O conceito é empregado para indicar as disposições não conscientes, projetos de



vida coletiva, preferências de grupos. O *habitus* não opera apenas no plano do conhecido, mas está estabelecido no próprio corpo, mostrando-se no seu tamanho, desenho, modo de se sentar, comer, vestir, beber. Bourdieu (1983) chega a afirmar que o corpo materializa o gosto de uma classe, é o gosto corporificado.

Esta ideia de *habitus* é colocada na pessoa à disposição para incorporar, interiorizar tal *habitus*. Alencar<sup>45</sup> (2008, p. 45; 46) afirma que a “ideia de disposição dá, sobretudo, um indicativo de que o processo de socialização predispõe indivíduos a agirem de acordo com experiências internalizadas no passado” e conclui que “o *habitus*, enquanto sistema de disposições duradouras, faz parte do processo de socialização”.

É o estilo de vida, então o conjunto de práticas que geram o *habitus*, e apropriar-se, materialmente e simbolicamente, de certas categorias e práticas de um grupo é o que gera um estilo de vida, que é definido por Bourdieu (1983, p. 83) como:

[...] um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hêxis* corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se entrega diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados.

Assim, o estilo de vida significa relações de associação ou o seu inverso na estratificação social. Por exemplo, as formas de estilo de consumo, como a música que se ouve, a roupa que se veste, o restaurante que se frequenta, a linguagem que se usa (expressões verbais) são significados atribuídos por indivíduos que se adéquam aos grupos ou estratos, buscando identificação com os mesmos. É a adequação à imagem social do grupo. Neste sentido, a igreja estabelece um estilo de vida próprio.

---

<sup>45</sup> Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco sobre Estilo de Vida e Sociabilidade.

Esta estilização ocorre a partir de um distanciamento do mundo e está ligada a uma ascensão social, a certa mobilidade. Bourdieu (1983, p. 85) sintetiza esta ideia ao afirmar que:

Os gostos obedecem, assim, a uma espécie de lei de Engels generalizada: a cada nível de distribuição, o que é raro e constitui um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior, torna-se banal ou comum, e se encontra relegado a ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento de novos consumos, mais raros e, portanto, mais distintivos.

Ao se referir ao *distanciamento do mundo*, a tese bourdieusiana é de distanciamento do mundo anteriormente vivido. Nesta perspectiva há uma necessidade de romper com o que é passado, com o que pode lembrar uma situação anterior que causou alguma experiência vexatória. A lembrança, a relação com o passado colocam as pessoas em contato com momentos em que elas mesmas podem decidir seus valores. E nem sempre isso é positivo para alguns. Assim, romper com a religião dos pais, com o convívio familiar, com o clã, é elemento importante, principalmente para aqueles que almejam ter uma mudança no que se refere a *status* social.

Os novos integrantes destes segmentos médios são formados, na maioria, por profissionais liberais de nível superior, funcionários públicos, pequenos empresários, professores universitários, dentre outros profissionais, que sentem uma necessidade de romper com estruturas sociais anteriores. Velho (2004) relata que muitos de seus informantes em pesquisa realizada na Zona Sul do Rio de Janeiro, viviam esta experiência de rompimento com as estruturas sociais anteriores, para viver um novo momento, o de mudar de vida. “Já *mudar* entre as camadas médias baixas aparecia, sobretudo, como um processo de *individualização* em que a biografia de uma pessoa é destacada de sua família e lugar de origem. É um projeto mais laicizante em que a religião aparece mas de forma secundária [...]”. (VELHO, 2004, p. 108).

Este rompimento é um modo de marcar a passagem para um novo estrato social, uma nova esfera de relações, onde o que prevalece não é a tradição ou a relação de confiança, mas o estilo de vida que é exibido nos grupos de convivência. São variados estes grupos de convivência. Pode ser o próprio trabalho, a academia de ginástica, o *shopping center* ou a comunidade religiosa. A este rompimento eu chamo de aburguesamento, que é o assumir os hábitos, os gostos, o estilo de vida, a cultura e os valores de segmentos médios urbanos. Chamo de rompimento o abandono de um estilo anterior de vida, de gosto e valores típicos de outras camadas sociais. Quando me refiro a aburguesamento, falo do assumir os gostos e valores de segmentos médios dominantes, que ideologicamente determinam o comportamento de pessoas.

Lacroix (1972) ao definir o burguês contrapondo com o conceito de proletário no marxismo, diz que ele é “contentamento, portanto inconsistência: ele é alienado sem sabê-lo”. (LACROIX, 1972, p. 13). Assim a condição econômica aliena o burguês, o adormecendo e desenvolvendo nele uma consciência feliz, justificando esta alienação – a não tomada de consciência na leitura marxista feita por Lacroix (1972) – com um refúgio no transcendente. Daí a prática de caridade e ações assistencialistas daqueles que assumem esta condição.

Tomando este conceito de burguesia em Lacroix (1972) que é o de contentamento e inconsciência, e diante de um movimento global que leva a uma “concorrência incessante” (FERRY, 2008, p.43), a sociedade contemporânea vive uma globalização da competição, que vê a história acontecer independente sua vontade. “Precisamos o tempo todo ‘progredir’, mas esse progresso mecanicamente induzido por uma luta pela sobrevivência” (FERRY, 2008, p. 43).

Aburguesamento é se inserir neste contexto de competição sem a devida consciência, daí a alienação sugerida por Lacroix (1972). É o consumismo que vicia e gera

insatisfação dentro da lógica do consumir mais para se firmar no grupo social. A busca por esta afirmação leva a elaboração de modelos pré-estabelecidos de estilos de vida.

Ferry (2008) procura demonstrar que esta condição de consumismo desenfreado, ou de alienação burguesa não ocorria em gerações passadas, pois os valores morais e cívicos eram bem definidos. Demonstra também que a sociedade de consumo desconstruiu esses valores, colocando no lugar a necessidade do ter, o que gera concorrência. Entre os indivíduos. O rompimento com o passado, com valores anteriormente constituídos aponta para esta hipótese construída por Ferry (2008) de uma sociedade que consome desenfreadamente.

No entanto na estratégia de estabelecer uma população sem consciência e sem ação, alienada, portanto, novos valores podem e são elaborados, que acatam as necessidades do mercado consumidor, mas também condiciona pessoas a viverem de um modo específico, que busca formar um “ideal transcendente e religioso no qual se refugia” (LECROIX, 1972, p. 13).

Mas também o aburguesamento se dá no sentido de acúmulo de riqueza e da construção de uma propriedade privada, mesmo que pequena, mas conquistada com esforço próprio. A propriedade pode ser um pequeno negócio; a casa própria em um condomínio que expresse o novo estilo de vida, semelhante ao do grupo que agora pertence; como pode ser o emprego alcançado pelo mérito. Esta perspectiva de aburguesamento coloca esta parcela da população em uma posição oposta a da maioria dos trabalhadores. O sentimento de pertencimento a um grupo social que possui bens e que consome serviços o distancia da ideia de classe, que luta por melhores condições de vida. O processo de aburguesamento, ao mesmo tempo em que insere o indivíduo em grupos específicos, estabelece uma distância deste indivíduo com as históricas lutas de classe.

Aburguesamento é, então, não só viver um novo *habitus* como também transferir o foco de seus interesses sociais. Do coletivo para o individual. Onde a comunidade é um meio para se viver um novo estilo de vida, e não um fim.

A comunidade religiosa é um destes grupos sociais de aprendizado coletivo, de um espaço para estabelecer um estilo de vida. Porém os modelos que se apresentam para os segmentos médios e que cada dia ganham mais notoriedade entre eles, têm se amoldado a este estilo de vida individualista, característica de um aburguesamento. O discurso é marcado pelo individualismo, pelas palavras de incentivo a uma vitória pessoal diante de dificuldades.

Referindo-se a este estilo de vida e à busca de identificação com o grupo, o Pastor da Igreja afirmou:

O sentido de vida renovada, de renovar é o sentido de Romanos 12: em Deus uma nova perspectiva de vida, que não se resume à vida religiosa, mas se resume a vida em todos os aspectos: conjugal, a vida familiar, a vida profissional. Um novo estilo de vida, que não é novo, que é velho, mas, porém as pessoas não tem conhecimento. [...] Por isso estudamos muito as cartas paulinas [...] estudamos a vida religiosa, e batendo muito contra a religiosidade. [...] muita gente pensa que a vida religiosa é somente dentro da igreja, não. Este renovado é o cidadão como um todo, como pai, como esposo, como profissional. Enquanto cristão que tem esta vida íntima com Deus. [...] Não se moldando como diz Paulo<sup>46</sup>, ao costume deste mundo, mas procurando, se esforçando a adquirir conhecimento, estudo, uma releitura da Bíblia Sagrada. Não com este pensamento religioso inventado aí pelo Brasil, mas uma releitura até do Velho Testamento, revendo uma leitura engessada [...] uma leitura numa perspectiva nova, de vida transformada em Cristo Jesus. Este é o pensamento do “Em Cristo Vida Renovada”. Não é uma vida renovada no sentido do que agora vou ficar rico, vou ganhar dinheiro, não, nada disso. Pelo contrário, é uma vida de renúncia. Uma vida de... Nós não somos uma igreja que pregue em cima da prosperidade, embora quando você comece a viver este “estilo de vida renovado”, ou seja, o moço vai melhor na faculdade, tem um concurso ele se prepara muito mais, ele sabe que não basta ficar orando, tem de se preparar, ele como, como, depois de aprovado no concurso, depois de terminar a faculdade ele também tem uma mente renovada, porque dentro da igreja ele já aprendeu a pensar maior, que ele tem um potencial em Cristo, que ele estudou, esta é a vida renovada, e ele experimente a boa, perfeita e agradável vontade de Deus para a vida dele. (ANDRADE, 2012).

---

<sup>46</sup> Referência ao Apóstolo Paulo na carta aos Romanos, capítulo 12.

Esta fala mostra como o espaço coletivo (igreja) determina o modo de viver do indivíduo. A busca por uma *vida renovada*, pela experiência com o divino, reflete no dia-a-dia dos membros da igreja. O não discurso de prosperidade enfatizado na fala do Pastor é um meio de tentativa de se diferenciar de outros grupos pentecostais que usam a chamada teologia da prosperidade para pautar suas práticas. Esta Teologia da Prosperidade rejeitada pelo pastor entrevistado é tem como base a

Saúde perfeita, prosperidade material, triunfo sobre o Diabo e vitória sobre todo e qualquer sofrimento, eis as promessas destes pregadores. Para obter tais bênçãos, o fiel deve observar as leis da prosperidade, confessando a posse da bênção, e o "princípio da reciprocidade", popularmente conhecido no Brasil como "é dando que se recebe" [...] Estes evangélicos defendem que possuirão tudo o que determinarem verbalmente, com fé e em nome de Jesus. Saúde perfeita, prosperidade material e felicidade, "direitos" do cristão anunciados na Bíblia, naturalmente figuram entre as bênçãos mais declaradas por eles. Determinar nada tem a ver com pedir ou suplicar a Deus. Através do sacrifício vicário de seu filho, Deus já fez o que podia pela humanidade, perdendo o pecado original e tornando, desde então, suas graças de saúde, prosperidade e vitória disponíveis aos homens nesta vida. Estes devem decretar, determinar, exigir, reivindicar, em nome de Jesus, como Deus prescrevera, para "tomar posse" das bênçãos a que têm "direito". (MARIANO, 1996, p. 29-30).

Com base na *fé* (elemento subjetivo) seus divulgadores colocam sobre o indivíduo a responsabilidade de viver experiências com o sobrenatural, Um dos divulgadores mais conhecidos no Brasil é o fundador da Igreja Internacional da Graça de Deus o missionário Romildo Soares. Ele referindo-se a esta necessidade da experiência pessoal diz: “ depois de ter fé em Deus – e só nEle – devemos dirigir ao problema e com voz de autoridade, ordenar que sai de nossas vidas [...] a nossa posição como filhos de Deus é altamente privilegiada. Somos nós que fazemos a diferença” (SOARES, 1997, p. 83).

Mesmo que em momentos do culto, seja em canções que foram tocadas, ou em palavras de ordem ditas e ainda em orações feitas haja um discurso semelhante ao da Teologia da Prosperidade, o pastor da IPRA afirma que sua igreja não tem esta prática.

No que se refere a ideia de afastamento do grupo social anterior é muito forte. Áquila ao falar de sua chegada à Igreja, afirmou:

Foi à primeira igreja evangélica que chegamos. Nós começamos na igreja católica e não estávamos achando legal algumas coisas, fomos à igreja do meu sobrinho evangélica, aquela da Barão de Maruim, a Renovada, já gostei daqui eu não saio mais. E de lá prá cá, estamos crescendo mais em Cristo, em família. (ÁQUILA)

O casal entrevistado buscava um referencial para a nova vida que iniciara. Recém-casados procuram uma comunidade religiosa, e afirmam ter encontrado na IPRA a possibilidade como afirmado pela esposa, Priscila: “desenvolver nossos dons”. A permanência na igreja os afastou de grupos anteriores, ligados a uma vida classificada pelo casal de *ainda não renovada*, e possibilitou a assimilação de novos hábitos, valores, gostos. O interessante que Priscila, na conclusão da nossa entrevista trouxe uma fala muito próxima a do Pastor da igreja, revelando exatamente este processo de aprendizado e de interiorização de valores. Estar na igreja é estar seguro. E isso é levado até as últimas consequências pela direção da igreja. Há um cuidado minucioso em preparar o lugar para a chegada e permanência das pessoas. Os espaços coletivos são semelhantes aos que têm em casa e no trabalho<sup>47</sup>.

Como afirmado no capítulo ao descrever o templo, denominado de Espaço Família Renovada, há uma preocupação com o conforto dos frequentadores. Este foi inclusive um dos fatores que motivaram a transferência da Igreja de um templo para 300 pessoas no centro da cidade de Aracaju para um local onde se acomoda cerca de 1500 pessoas, que é o espaço físico que está à igreja atualmente. O pastor Marcos ao se referir a esta mudança e a adequação do espaço, assim relatou:

Procuramos trabalhar o *slogan* “Em Cristo vida renovada”, principalmente para ficar uma coisa mais leve, para que as pessoas que passassem, pudessem entrar e não sentir aquela coisa: igreja de crente. [...] A questão era estratégica mesmo, de *marketing*, de ter um lugar mais leve, das pessoas entrarem e se sentirem bem. A

---

<sup>47</sup> Isto foi observado durante as primeiras incursões a campo. Os espaços religiosos não são mais chamados de “templo”. São “espaços de convivência”, “centro de convenções”, etc. As poltronas são acolchoadas, espaços climatizados, Há lugares para conversas com poltronas, lugar para lanches, encontros, etc. (PALOMINO, 2004).

questão de em vez de ser bancos de madeira, ser cadeiras almofadadas, um conforto [...] quando você tem 27 anos de ministério pastoral você não vai planejando, as coisas vão acontecendo, você vai acompanhando a evolução, acompanhando as mudanças e percebendo que o estilo de trabalho mais aberto, mais leve atrai mais pessoas. E quando saímos da Barão de Maruim e viemos para cá, a princípio colocamos o nome “Espaço Família Renovada” e Igreja Presbiteriana Renovada em baixo, pequeno. O primeiro impacto que a pessoa tem é que um espaço para a família. Onde eu posso cuidar da família, do meu casamento, do filho: eu preciso disso. Ao invés de Igreja Presbiteriana Renovada, a ideia de igreja de crente. Um católico, espírita quando entra num local deste, ele se sente mais a vontade, parece um teatro, tem tratamento acústico, não tem aquela coisa pesada de religiosidade. Isso é bom. [...] Tivemos coragem de romper paradigmas. (ANDRADE, 2012).

As terminologias são de fácil assimilação, e músicas que se comparam a *jingles* publicitários repetidos muitas vezes, oportunizando o aprendizado por parte dos frequentadores.

A decisão de permanecer ou não é do indivíduo. Logo, cabe a ele receber ou não as benesses da religião. Ana, jovem de vinte anos, deixou claro esta opção:

Assim, eu me batizei com dezoito anos, mas na verdade sempre fui criada desde de criança na renovada, com os Pastores Marcos e Claudia Andrade. Meu avô, minha família toda tem base evangélica, no momento estão desviados. *Só eu que estou acompanhando sempre*<sup>48</sup>. (ANA).

Ela ao se referir aos familiares como *desviados*, quer dizer que não seguem mais o *caminho* que a igreja propõe, não seguem mais esta fé. É uma expressão comum entre os evangélicos para tratar quem já foi da igreja e não mais é. A expressão está carregada de uma esperança de retorno (voltar ao caminho correto). Assim, mesmo os familiares mais chegados não vivendo a vida da igreja, Ana permanece firme. A continuidade da vida cristã na comunidade de fé é de responsabilidade exclusiva do indivíduo. A comunidade religiosa se apresenta como família, substituindo até certo ponto aquela que não segue o mesmo caminho. Isto é, uma família na qual eu não tenho responsabilidades no que se refere à tomada de uma decisão que venha influenciar a coletividade. Chega-se no lugar de encontro (no templo ou

---

<sup>48</sup> *Grifo meu.*



nas reuniões variadas) e encontra a felicidade (alegria, música, festa), a casa está arrumada sempre pronta a espera de seus membros. Há espaço para as crianças sem que haja preocupação de estar cuidando delas, pois há quem cuide, quem as oriente, nos mesmos caminhos que o indivíduo que foi a igreja deseja ser orientado.

Como observei no Capítulo 2, a IPR de Aracaju vem construindo um projeto ético-político com base no conceito de *Família Renovada*. Conceito este que passa pelo estabelecimento de um estilo de vida específico, como indicado anteriormente. A estratégia de ação foi toda construída a partir do conceito de família, que, como também já demarqueei, é patriarcal, monogâmica e fundada na base da obediência. Ana, ao definir *Vida Renovada*, expressa claramente seu sentimento de pertencimento a este grupo que se coloca como família:

*Entrevistador:* Eu quero saber assim, o que essa vida renovada pra você? *Ana:* Renovação de tudo, de pessoa, de mente de alma assim é aquela historia que morreu pro mundo é a nova criatura então... As coisas se passaram tudo vai ser renovando é uma restauração, pra mim é isso, mudança de velhos hábitos, tá renovando, com os novos. Pra mim é isso! [...] Eu me sinto muito honrada, fazer parte da família Renovada, lá foi que eu aprendi tudo, a minha base o que eu sou hoje é graças a igreja a Deus primeiramente e aos meus Pastores, como eles dizem uma vez ovelha sempre ovelha, né? Foi um papel fundamental pra minha vida quanto pessoa ser humano, a minha base, foi a igreja, pra mim é tudo. (ANA)

*A Igreja é tudo! A família é tudo!* São afirmações presentes na fala dos entrevistados. Outra entrevistada, Maria, que é frequentadora assídua das reuniões semanais com a pastora, tem buscado nestes encontros orientações para sua vida, inclusive como formar uma família cristã, nos moldes da igreja.

O Pastor, em sua entrevista, deixou claro que o trabalhar família foi uma escolha estratégica. Daí usar a imagem da família pastoral como modelo. Em suas palavras, não como modelo de perfeição, mas de indicativo de união, de busca de propósitos para a família. Ele entende que mostrar a unidade da família pastoral, mesmo sendo uma família que passa por

problemas como todas as outras, é algo inspirador para a comunidade. Se sua família passa por dificuldades, mas as enfrenta unida, isto pode servir de exemplo para outros.

A fala de Priscila sobre o que é Vida Renovada mostra esta busca de um estilo de vida com o modelo de família:

Vida renovada é literalmente o que se diz. Porque nós éramos um casal, a gente não conhecia Jesus, a gente não conhecia o que era em família uma vida de dedicação aos filhos a Deus, a gente tinha uma vida que o mundo chama de normal, mas ia a igreja de vez em quando de um dia na semana, mas pra cumprir um compromisso religioso nos rituais católicos e aqui não a gente conheceu uma vida renovada, aqui é o lugar que acolhe os nossos filhos que acolhe os jovens os adolescentes, os adultos, casais. E a gente tem experimentando dessa renovação nas nossas vidas. A gente tem sentido o trabalhar de Deus nas nossas vidas, para que a gente sinta dessa renovação. (PRISCILA).

Vida renovada, para esta entrevistada, é reunião da família. E a igreja salienta esta ideia da família, de todos estarem reunidos em um lugar seguro. Vida renovada é assumir o compromisso com a família, e a família com a igreja. Família renovada é justamente isso, “trazer a família” (PRISCILA) para a igreja. A vida renovada é o viver nesta igreja como família. Esta ideia de vida renovada relacionada com um projeto familiar maior é percebida na fala dos seus membros. No mural de recados da igreja, disponibilizado no sítio da igreja na *internet*, encontra-se postado<sup>49</sup>:

É maravilhoso pertencer a esta Família. Lugar onde aprendemos a viver na dimensão daquilo que Deus sonhou para nossas vidas, nossa família e nossa igreja - uma verdadeira família: A Família Renovada. Abraços aos nossos pastores e todos aqueles que juntos a nós fazem a Família Renovada. Todos vocês são muito importante para nós! Em Cristo Vida Renovada!

A família do pastor é vista como um exemplo por algumas pessoas. O pastor se coloca à disposição para orientar os casais, é o que revela Paulo em sua entrevista, e revela

---

<sup>49</sup> Disponível em: <http://www.vidarenovada.com.br/> em 24 de abr. de 2012. Manteve-se a grafia original da postagem no sítio da igreja.

que já viu na igreja pessoas buscarem no pastor e na sua esposa ensinamentos sobre família e vida conjugal, e viram no casal um exemplo a seguir.

O que se nota é a necessidade de certo controle sobre os integrantes da igreja através do estabelecimento do *estilo de vida renovado*. Este é colocado como padrão a ser seguido, e tem na família do pastor da igreja um modelo. No sítio da igreja na *Internet*, uma das chamadas expostas durante o ano de 2011 foi uma foto contendo o casal de pastores e seus filhos. Todos vestidos de modo formal, representando a *Excelência*. Um dos motes para o ano de 2011 na igreja foi: “2011, ano da excelência”.

Paulo, ao ser perguntado sobre o que seria esta excelência, respondeu que ela está ligada ao crescimento da igreja. Pois aquele foi o ano em que a igreja alcançou muitas vitórias e passou por muitos desafios. Entretanto, confrontado com a frase diante da imagem, afirmou: “nunca tinha pensado nisso”.

Estas falas, a observação e o material analisado apontam para a ideia do estabelecimento de um estilo de vida específico, que é a construção de um *habitus*, fundado no conceito de uma família renovada. Onde se faz presente uma organização baseada na liderança firme e hierárquica determinada<sup>50</sup>, vislumbra-se uma sociedade que se firmará em um projeto ético-político pentecostal.

Mas de onde vem esta opção para se pensar uma sociedade com princípios éticos definidos? A partir de que base surge a possibilidade de uma sociedade próspera, renovada, que vive os princípios do Evangelho de Jesus Cristo, e em que estes princípios podem mudar a vida de pessoas, gerações e a própria ordem política-econômica?

---

<sup>50</sup> Nas normas da IPRB (IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL, 2002),

## 5.2 Estilo de vida e Escatologia

Perceber o estilo de vida como elemento fundante do projeto ético-político renovado é voltar-se para o entendimento de que só uma sociedade que assuma certos valores pode levar mulheres e homens a uma vida próspera e feliz. É isso que é feito pela IPRA: levar as pessoas a acreditarem que apenas os valores por eles interpretados como cristãos e corretos pela liderança da igreja, é possível fazer as pessoas felizes. Ou como afirmam *renovadas*.

Para entender melhor como este discurso se desenvolve e encontra terreno fértil no desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil, é preciso trazer à baila uma das bases teológicas sobre a qual é construído este ramo religioso que nasce do protestantismo.

Os pentecostais em geral têm uma crença no chamado pré-milenismo e no dispensacionalismo. Hanks (s/d, p. 1) afirma que “pré-milenismo e dispensacionalismo pertencem à mesma escola na qual se ensina que a vinda pessoal e visível de Cristo acontecerá antes de um reino futuro de mil anos de Cristo.” O dispensacionalismo nasceu na Inglaterra no fim do Século XIX, sendo bastante difundido no Século XX nos Estados Unidos. Já “O pré-milenismo constitui-se na perspectiva dominante após a publicação, em 1909, da *Bíblia de Referência Scofield*<sup>51</sup>.” (SCHWERTLEY, 2006, p. 4). Esta é uma corrente teológica que traz como ponto central a discussão sobre a volta de Cristo ou a Parúsia (a Segunda Vinda de Jesus para buscar seu povo – a igreja) e seu reinado sobre a terra.

---

<sup>51</sup> “O maior responsável pela ampla aceitação do pré-tribulacionismo e dispensacionalismo entre os evangélicos foi Cyrus Ingerson Scofield (1843-1921). C. I. Scofield publicou sua *Bíblia de Referência Scofield* em 1909. Essa Bíblia, que expunha as doutrinas de Darby em suas notas, se tornou muito popular em círculos fundamentalistas. Na mente de muitos – professores da Bíblia, pastores fundamentalistas e multidões de cristãos profanos – as notas de Scofield eram praticamente iguais à própria palavra de Deus”. (SCHWERTLEY, 2007, p.1)

Conhecida na teologia sistemática como escatologia<sup>52</sup> baseia-se na ideia de que a sociedade passará por um processo de degeneração total, mas que os cristãos verdadeiros (leia-se evangélicos), antes de um período chamado de grande tribulação seriam retirados do mundo. Este seria um período de miséria na sociedade. Só culminado com a volta do Messias (Jesus) para combater o mal e estabelecer um reino de paz sobre a terra.

Este modelo teológico surge em um contexto de crise econômica e anterior a Primeira Grande Guerra (1914-1918), e retomado sempre em períodos de grande crise mundial, como na Segunda Guerra e na Guerra Fria; sempre em busca da identificação do anticristo, que surgirá antes da saída dos cristãos da terra, chamado de arrebatamento.

No entanto, o discurso pré-milenista que o pentecostalismo abraçou, se esvaziou com a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética. A vitória do capitalismo como modelo econômico hegemônico não possibilitava a identificação de um novo anticristo. Como pensar em uma teologia em um contexto de desenvolvimento econômico e político? Esta resposta vem de outra corrente teológica.

Anterior ao pré-milenismo, com base nos escritos dos chamados Pais de Igreja e de teólogos medievais como Santo Agostinho, surge o que é denominado de pós-milenismo.

Referindo-se aos reformadores do Século XVI, Brito (2010, p.4) afirma:

Mas na área da escatologia, os Reformadores gastaram pouco tempo desenvolvendo suas visões milenaristas. Na extensão em que lidaram com escatologia, os Reformadores estavam em concordância geral com Agostinho. Todos eles concordavam que o pré-milenismo é uma posição incorreta. Mas eles não desenvolveram muito suas visões escatológicas. O que dizer sobre Lutero e Calvino? Eles estavam em concordância em toda questão escatológica? Embora não tenham

---

<sup>52</sup> Área da teologia sistemática que estuda a doutrina das últimas coisas. Em especial os acontecimentos que antecedem a chamada Segunda Vinda do Messias ou a Volta de Cristo. A Escatologia tem sido a doutrina mais estudada em períodos de crise mundial.

escrito livros sobre escatologia, eles tinham suas opiniões. Lutero, por exemplo, era muito pessimista sobre o futuro da igreja. Ele acreditava nisso em grande parte por causa da corrupção da Igreja Católica. Lutero não acreditava que o cristão tem um dever de dominar todas as coisas. Calvino, por outro lado, diferia de Lutero. De acordo com Keith Mathison, “Calvino nos encoraja a ter um zelo pelo progresso diário, mas nos adverte que a realização plena e final do reino de Cristo aguarda a segunda vinda”. Calvino certamente estabeleceu o precedente para o que chamamos hoje de pós-milenismo. Sabemos isso porque os seus seguidores foram os Puritanos. Os Puritanos começaram a desenvolver o que significa ter uma escatologia otimista: uma visão esperançosa da história sob a influência cristã. Assim, o que temos no princípio do século XVIII até o fundação do Seminário de Princeton é uma posição prevalentemente pós-milenista entre os estudiosos reformados e não reformados.

O fim do Século XIX e o início do Século XX é um período de crescimento do protestantismo nos Estados Unidos e de expansão do mesmo em países da América Latina e África, como consequência de uma política de expansionismo protestante que desencadeou em envio de missionários para estes continentes. É desta época a vinda dos primeiros missionários presbiterianos para o Brasil, relatado no Capítulo II.

Esta teologia aparece com a nomenclatura de pós-milenismo e entende que, se há um desenvolvimento socioeconômico em geral, é graças ao crescimento da Igreja. A volta do Messias se dará após este desenvolvimento, daí a necessidade de se trabalhar para apressar a vinda do Rei prometido. O cristianismo é, então, o centro das transformações sociais.

Armstrong (2001, p. 332) busca explicar a visão pós-milenista do mundo:

Mas qual é exatamente a visão pós-milenarista das coisas, e por que isso importa para a nossa reflexão sobre o avivamento? John J. David escreve que as doutrinas principais do pós-milenarismo são: 1. Por meio da pregação do Evangelho e do derramamento espetacular do Espírito Santo, missões cristãs e o evangelismo terão um sucesso extraordinário, e a igreja passará por um período de expansão numérica e vitalidade espiritual sem precedentes. 2. Esse período de prosperidade espiritual, o milênio, entendido como um período longo, será caracterizado por evidências de paz e bem-estar econômico crescentes no mundo como resultado da influência sempre maior da verdade cristã. 3. O milênio será caracterizado também pela conversão à fé cristã de um grande número de judeus étnicos (Rm. 11:25,26). 4. Ao final do período do milênio haverá um breve período de apostasia e conflito severo entre as forças do cristianismo e as forças do mal. 5. Por fim, e simultaneamente, ocorrerá a volta visível de Cristo, a ressurreição dos justos e dos ímpios, o juízo final e a revelação dos novos céus e da nova terra.

A presença destas duas formas de se interpretar os *últimos dias* é um modo de satisfazer as variadas classes sociais que surgem do estabelecimento de uma sociedade

capitalista. O discurso pré-milenista encontrou entre os mais pobres uma maior aceitabilidade, bem como um discurso de dominação ideológica fundamentado nas relações de poder. Enquanto o pós-milenismo traz uma teologia com fundamento no liberalismo econômico, que busca justificar a ascensão socioeconômica dos protestantes do hemisfério norte e a penetração deles em nações subdesenvolvidas.

Nesta peleja teológica as correntes justificam as mazelas do capitalismo pela degradação do mundo (previsto em profecias bíblicas) e ao mesmo tempo justificam a ascensão do protestantismo, que é majoritariamente capitalista. Encontrar e nomear o anticristo (inimigo comum) e ao mesmo tempo exaltar a sociedade industrial como símbolo da presença cristã no mundo.

Diante do fracasso das metanarrativas (LOYTARD, 1998), como sustentar, na prática, o discurso pré-milenista clássico, que é a base de toda a construção escatológica pentecostal? O discurso “aceite Jesus antes que ele volte para buscar a sua igreja” não encontrou mais eco em uma sociedade liberal que aponta para a acumulação do capital e da fixação da propriedade privada. Onde a vida terrena passa a ter alguns confortos, anteriormente distantes da maioria da população. A política econômica de países em desenvolvimento como o Brasil possibilitou acesso a bens e serviços a uma parcela da população historicamente excluída.

O índice de escolarização aumentou, bem como o acesso à informação. O discurso apocalíptico não atrai e não se sustenta numa sociedade que tem ao seu alcance informação a todo instante. A luta teológica deixou de existir enquanto correntes definidas. Pode-se até em algum instante ser usado como elemento de despertar para uma vida mais voltada para a prática religiosa, mas deixou de ser o discurso principal nas comunidades religiosas.

A IPRA é uma comunidade que se situa neste perfil da alta escolaridade e de acesso a informação. Os entrevistados como já citado, tem curso superior ou estão em fase de conclusão (Ana conclui em julho de 2014 seu curso superior). O uso de novas mídias pela igreja para divulgar suas atividades demonstra o acesso a estes meios de comunicação por parte de sua membresia. O fato de a IPRA optar por ter um programa em um canal fechado de Televisão, também indica que boa parte de seu público alvo tem uma condição econômica de alguma forma privilegiada.

Então, como os cristãos podem influenciar a sociedade e o desenvolvimento da mesma, faz-se necessário repensar o papel dos mesmos na sociedade. A igreja passa a ser a grande divulgadora de valores, que assimilado por seus membros, vão ser disseminadas em toda a sociedade. Os membros das comunidades devem ocupar lugares estratégicos. Na fala já analisada do Pastor da IPRA, podemos perceber como este membro bem doutrinado busca viver uma vida de acordo com estes valores.

Cristãos com valores bem definidos, que são bem direcionados, e recebem uma influência direta de seus líderes, reproduzem o modelo social desejado. Como já exposto aqui, Áquila deixou claro o casal de pastores são exemplo em tudo. Ser igual a eles é um desejo pessoal de Áquila. É o estilo de vida renovado personificado na família pastoral. Uma sociedade de famílias nestes moldes, em lugares estratégicos muda os rumos das cidades, dos Estados da Nação. O projeto ético-político é um anseio se não declarado, pelo menos o esperado.

### **5.3 Estilo de vida e conservadorismo**



O estilo de vida renovado, com fundamento na obediência às Escrituras Sagradas e ao ensino da mesma pela liderança capacitada, aponta para um modelo de sociedade não muito diferente daquela que durante o Século XX foi difundida e apresentada como apogeu social do ser humano. A visão conservadora apresentada como *renovada* aparece como um chamariz a para pessoas que acreditam que as palavras daqueles que se dizem enviados por Deus devem ser seguidas. Com este discurso de renovação um *velho-novo estilo de vida* é apresentado a comunidade religiosa.

Chamo de apogeu social o modelo iluminista com fundamento na racionalidade humana, que procurou estabelecer um estilo de vida voltado para o cumprimento de regras sociais criadas pelo Estado (seja ele liberal ou socialista), no estabelecimento de valores que legitimavam a ascensão da razão. Este modelo colocou as expressões religiosas à margem, dando a elas a função de apenas manter a ordem social estabelecida em perfeito funcionamento.

Este conceito de racionalidade humana começou a falhar quando todo o modelo racional não conseguiu, de alguma forma, impedir abusos do próprio ser humano. A realidade das Guerras Mundiais, o extermínio de milhões de pessoas por estruturas políticas-econômicas que surgiram ou se firmaram durante o Século XX, colocou em xeque o ideal positivista-moderno.

Mas o que colocar no lugar destes valores? A possibilidade de se deixar para o próprio ser humano suas decisões, a aceitação de toda construção valorativa, a liberdade humana cantada em prosa e verso possibilitaram um novo momento na história da humanidade. Se de um lado se permite o ser humano viver suas experiências, inclusive as religiosas, sem impor modelos supra-humanos, por outro a humanidade, sempre dependente de modelos pré-estabelecidos, se perdeu com sua liberdade. A retirada do referencial humano

da razão deixou este ser humano, de alguma forma solto, podendo ser facilmente iludido por esperanças de retomada de valores universais.

Os sujeitos da pesquisa estão inclusos neste universo globalizado (FERRY, 2008) que se desenvolveu uma *pseudo* liberdade de escolhas. Ana, mesmo sem a sua família estar presente na vida da igreja, ela *decidiu* continuar a viver esta experiência. Maria tem *decidido* frequentar as *tardes de renovo*; como o casal Priscila e Áquila que *decidiu* ficar na IPRA porque este foi o lugar que segundo eles, se encontraram como família. O fato de se perder referências externas, leva as pessoas a buscarem novas referências e novos valores. Isto abre espaço para que a IPRA apresente-os estas referências e estes valores, e que haja identificação por parte destes interlocutores.

Isto é percebido com o surgimento de modelos políticos autoritários, do estabelecimento de uma cultura de massa e também do crescimento dos fundamentalismos religiosos que têm se apresentado nas últimas décadas. Se o Século XX representou o apogeu social de mulheres e homens, também foi o século em que estes perderam referenciais. Em uma alusão a esta perda de referenciais, um poeta brasileiro da década de 1980 afirma que esta geração viu seus “heróis morrerem de *overdose*<sup>53</sup>”. Se a razão não conseguiu libertar o homem como assim o desejava, nem o fez sair de sua minoridade<sup>54</sup>, por outro lado a desconstrução de verdades e a relativização de todos os valores, levaram a humanidade a se tornar refém de sua própria história.

---

<sup>53</sup> Expressão usada pelo músico/poeta Cazuza na música “Ideologia” (1988), representante de uma geração que sentiu de perto esta perda de referenciais. Na capa do álbum lançado em 1988, o músico mistura imagens do anarquismo, a suástica, a estrela de Davi, a foice e o martelo, dentre outras.

<sup>54</sup> Resposta à Pergunta: Que é esclarecimento (Aufklärung)?

Como a sociedade no Século XXI reage a esta condição de refém de si mesma? É neste contexto que entendo o surgimento de um projeto ético-político com base em um estilo de vida. Não há um estilo de vida renovado, há uma reedição de um modelo conservador, travestido de novo.

### 5.3.1 O Pensamento Conservador

A ideia de conservadorismo está ligada a de manutenção do que existe, da rejeição do novo, da não assimilação do que está por vir e que pode por em riscos a ordem instituída. “Conservadorismo designa a ideias e atitudes que visam a manutenção do sistema político existente e dos seus modos de funcionamento, apresentando-se como contraponto das forças inovadoras” (BONAZZI, 1998, p. 242). Para o conservadorismo, sem o poder político a sociedade cairia num anarquismo (BONAZZI, 1998). Ordem é a palavra chave no pensamento conservador.

Foi Edmund Burke (1729-1797) o maior representante do conservadorismo. Ele investiu contra o iluminismo em relação à questão da razão individual. “Uma ideia de que fazia da razão a medida do real; em consequência disso, ela não só se desenvolveria no mundo social, mas se tornaria também seu juiz, podendo exigir que ele fosse modificado em nome dos valores autônomos da razão.” (BONAZZI, 1998, p. 244). Assim, Burke (apud BONAZZI, 1998) entendia a necessidade de mudanças sociais, econômicas e políticas sem a necessidade de afastamento do ideal de um universo moral estável, diretamente ligado a valores transcendentais.

Burke “sabia, também, que a antiga forma de autoridade, tradição e religião estava ameaçada pela eclosão de um movimento de massas [...]”. (MAGALHÃES, 1998, [s/p]). Esta

percepção de ameaça se dava devido ao que a Revolução Francesa representava para toda a Europa no fim do século XVIII.

No pensamento de Burke, o novo (ele referia-se aos revolucionários franceses) ele chamou de niveladores que “mudam e pervertem a ordem natural das coisas.” (BURKE, 1982, p. 81). Esta ordem não poderia ser mudada. Com base em princípios da lei natural, Burke se coloca contrário ao princípio da igualdade (MAGALHÃES, 1996). Em sua concepção, o Estado “seria oprimido se permitir que aqueles de sua classe, [ocupações servis como operários, por exemplo] individual ou coletivamente, cheguem a governá-lo. Ao chamá-los ao poder, o senhor imagina estar combatendo a discriminação, mas está, na verdade, colocando-se em guerra civil contra a natureza”. (BURKE, 1982, p. 81).

Esta lei natural deve ser respeitada. Kinzo (2001, p.20) afirmou que, em Burke “Estado e sociedade fazem parte da ordem natural do universo, que é uma criação divina. Segundo Burke, Deus criou um universo ordenado, governado por leis eternas. Os homens são parte da natureza e estão sujeitos às suas leis”.

A posição de Burke aponta para a necessidade de se ter pessoas capacitadas para governar. A importância da liderança é fundamental. Uma classe preparada para exercer a liderança sobre o povo. Para Burke (1992, p. 82) “apenas a virtude e a sabedoria, reais ou presumidas, qualificam para o exercício do governo”. Isto leva a sociedade, a partir do pensamento conservador de Burke, ter como base a ordem moral divina. Esta ordem deve ser mantida. Daí a importância de uma hierarquia social, do direito natural, de uma ordem social baseada nos princípios liberais de uma economia de mercado, tolerância religiosa e da meritocracia. (KINZO, 2001).

Este conservadorismo característico do pensamento de Burke nunca deixou de se fazer presente na formação das sociedades. Se o positivismo assumiu a condução da implementação do liberalismo nas democracias ocidentais a partir do Século XIX, o conservadorismo sempre margeou estas sociedades. Em tempos de crises éticas, ele foi (e é) chamado à cena como alternativa do liberalismo para se manter no poder.

A Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju ao se apresentar como o lugar da família (Espaço Família Renovada), e na entrevista concedida pelo pastor ele afirmar que o objetivo principal da igreja é alcançar família; e quando Ana diz que sua pastora chama às mulheres para conversar porque há queixa dos maridos quanto ao comportamento delas; percebe-se que há uma chamada a um comportamento diferente do que é hegemônico na sociedade em geral. Há programas televisivos que expõe arranjos familiares diferentes do que é defendido pela IPRA como sendo o único aprovado por Deus. A crise de autoridade instalada no país com os escândalos de corrupção nas instâncias superiores do poder político aponta para esta crise ética. É neste vácuo de valores que a IPRA se apresenta a seus membros e a sociedade aracajuana.

É exatamente o que observo no momento histórico que vive a humanidade, e em especial a sociedade brasileira. A presença do conservadorismo nos discursos e em algumas práticas na IPRA tem sido cada vez mais aceita pela sociedade aracajuana. Isso é demonstrado no crescimento numérico da igreja. Entre novembro e dezembro de 2013 foram recebidos na IPRA 102 novos membros, sendo 29 destes vindos de outras comunidades evangélicas.<sup>55</sup>

---

<sup>55</sup> Informações disponíveis em: <http://2013.vidarenovada.com.br/midia/batismo-dezembro-de-2013/> e <http://2013.vidarenovada.com.br/midia/batismo-novembro-de-2013/>

Como já afirmado, a perspectiva hierárquica e o princípio da obediência estão presentes no estilo de vida renovado. Perguntado sobre a pastora da igreja, Paulo afirmou que ela é “mulher zelosa, organizada e simples. Maneja bem a Palavra e cheia do Espírito Santo de Deus.” A autoridade de Deus está sobre ela, por isso ela deve ser ouvida, respeitada e seguida. Ao falar de autoridade, comenta ele: “a autoridade da igreja é do pastor [...] porque é assim que Deus designa em sua Palavra”. Mais uma vez a *Palavra* é invocada para justificar a autoridade que uma liderança específica e preparada tem sobre pessoas que desejam uma vida renovada.

Em outro momento da entrevista, Paulo falou que uma das coisas que ele encontrou na IPRA que não percebeu em outras igrejas que já conheceu, foi a questão da ordem, “isto é levado a sério” afirmou ele. Observei nestas declarações de Paulo uma necessidade de afirmar que existe uma autoridade na fala de seus líderes espirituais. Por isso as pessoas (igreja) obedecem. A ordem que a igreja estabelece deve ser seguida. O discurso e a prática do conservadorismo estão presentes. No bojo do discurso conservador presente no pentecostalismo neoclássico da IPRA, observei também o foco direcionado para algumas questões que estão presentes no discurso político de alguns partidos brasileiros contemporâneos<sup>56</sup>.

Este foco se dá na família, como já afirmado uma família monogâmica e heterossexual; no mérito de indivíduos, bem articulados com a obediência à Palavra de Deus

---

<sup>56</sup> Um dos partidos que quem uma postura conservadora é o Partido Social Cristão (PSC), partido que concentra a maioria dos evangélicos que ocupam cargos eletivos nesta legislatura. Em entrevista concedida a Folha de São Paulo em novembro de 2013, o vice-presidente do Partido, Pastor Everaldo Dias Pereira, da Assembleia de Deus, afirmou: "Acredito em milagre. Mas Deus não faz milagre sem a gente trabalhar. E a gente trabalha". O subscritor do texto publicado escreve: “Com discurso focado em temas conservadores como proteção à família ‘de homem e mulher’, contra a liberação das drogas e aborto e a favor da redução da maioridade penal, pastor Everaldo tenta ocupar um espaço vazio na política brasileira”. (AMORA, 2013).

(norma moral do grupo); no respeito à liderança, esta capacitada e escolhida por Deus para o exercício de suas funções; e obediência: a Deus, a sua Palavra e à autoridade instituída.

Assim, a participação do povo se dá de forma ordenada e direcionada pela liderança. Ana, ao comentar a importância da IPRA, disse:

A importância é assim... que não é focado só a igreja em si, mas também pra comunidade é um serviço total: igreja e comunidade, que os membros se mobilizam pra, é... fazer. Campanha social no hospital. Na minha igreja por exemplo, dia de segunda-feira, faz um trabalho social nos hospitais, leva comida, leva roupa. Fazemos doação de roupa para, assim as comunidades pobres quando tem chuva, roupa, moveis, tudo. Então, não é só com os membros da igreja, é com toda a sociedade, toda a comunidade, especificamente os mais pobres.

Todas estas ações coordenadas pelos pastores da igreja e por líderes por eles nomeados.

Assim o *renovado* proposto pela IPRA é a reedição de um estilo de vida conservador, que não propõe o novo em si, mas a continuidade de já existente no cristianismo evangélico brasileiro. O modo como a Igreja divulga este estilo de vida, e todo o jogo de *marketing* que é feito têm levado ao crescimento acima exposto. Ser *renovado* passa a ser sinônimo de conservador neste contexto.

### 5.3.2 O Conservadorismo na prática política brasileira

Segundo Nishimura (2004), estas atitudes e práticas estão relacionadas à dimensão dos valores religiosos e ao status econômico da população. Em sua análise, Nishimura (2004) usa dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB) de 2002 e revela que a aceitação da homossexualidade, por exemplo, “está longe de ser um fato [...] a maioria dos entrevistados que declara ter uma religião, sejam católicos, evangélicos pentecostais ou não pentecostais, aponta o homossexualismo como um desvio de comportamento ou como um

problema.” (NISHIMURA, 2004, p. 347). O discurso do modelo familiar monogâmico e heterossexual apresentado pela IPRA nos vídeos, nas imagens e mensagens proclamadas descarta a possibilidade da homossexualidade como um comportamento adequado. Confirmando assim a pesquisa de Nishimura (2004). E esta mesma parcela rejeita a exibição em programas de televisão a apologia ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. Citando Ricardo Mariano, Nishimura (2004) revela que, mesmo tendo uma maior aceitação do que os católicos em algumas questões, os pentecostais estabelecem uma orientação puritana e moralista em questões como homossexualidade, pornografias, violência etc.

Esta orientação puritana e moralista foi observada durante a pesquisa realizada na IPRA, nas homilias do pastor e na fala dos entrevistados. O discurso do pastor da IPRA sempre trouxe a tônica da pureza, da vida diante de Deus, elementos que são, no entender dele, contrários a estas questões citadas acima. Paulo, em sua entrevista, revela que pessoas que não são casadas civilmente estão impedidas de se tornarem membros da igreja<sup>57</sup>, inclusive ele relata o caso de sua cunhada que, por não ter uma situação regularizada perante a lei civil, não pode se batizar. É o discurso alinhado a prática puritana. É o conservadorismo travestido de *renovado*.

Nishimura (2004, p. 350) diz que “a religião tem impacto expressivo na dimensão dos valores que orientam as atitudes e práticas cotidianas [...] Os dados mostram que os evangélicos pentecostais e não pentecostais apresentam posicionamentos conservadores [...]”.

Ao discutir a organização hierárquica, partindo da ideia de desigualdade social, Nishimura (2004, p. 365) observou que a perspectiva conservadora do brasileiro coloca a

---

<sup>57</sup> No ordenamento ético-religioso da IPRA torna-se membro através do recebimento por batismo ou por transferência de outra igreja evangélica.



mulher numa posição inferior em relação ao homem e que “os papéis de cada um são diferenciados e os femininos são menos valorizados”. Mesmo que a pesquisa aponte que em todas as faixas etárias e grupos sociais a população está de acordo que mulheres e homens devem dividir tarefas na esfera doméstica, os eleitores de um candidato evangélico em 2002<sup>58</sup> foram mais conservadores em relação a este tema.

Este eleitorado destacou-se por apresentar os posicionamentos mais conservadores nas questões do aborto e do homossexualismo, temas relacionados à esfera moral. Uma hipótese desenvolvida a partir desses resultados considera o peso da dimensão religiosa dos valores morais nessas opiniões, dado que parcela significativa dos evangélicos entrevistados votou no candidato do PSB. (NISHIMURA, 2004, p. 365).

Este conservadorismo presente em 2002 se repetiu nas eleições presidências seguintes. O tema do aborto foi grandemente abordado na eleição de 2010, levando os candidatos a se posicionarem a respeito. A discussão do aborto não aparece na minha pesquisa porque a temática não foi abordada em nenhum dos cultos que participei, nem nas mensagens gravadas e vídeos pesquisados. Como também não surgiu em nenhuma das falas captadas. Deduzi então que o modelo renovado não discute o aborto por ser um tema já resolvido entre eles.

A necessidade sentida por parcela representativa da população brasileira de valores morais mais definidos e regras sociais pautadas em valores considerados conservadores tem aumentado. A população de evangélicos de todos os segmentos tem crescido. Notícia vinculada em sítio da rede mundial de computadores em junho de 2012 trouxe a seguinte informação:

O número de evangélicos no Brasil aumentou 61,45% em 10 anos, segundo dados do Censo Demográfico divulgado nesta sexta-feira (29) pelo Instituto Brasileiro de

---

<sup>58</sup> O candidato Antony Garotinho do PSB (Partido Social Brasileiro) assumiu a condição de evangélico e teve a maioria de seus eleitores nesta parcela da população.

Geografia e Estatística (IBGE). Em 2000, cerca de 26,2 milhões se disseram evangélicos, ou 15,4% da população. Em 2010, eles passaram a ser 42,3 milhões, ou 22,2% dos brasileiros. Em 1991, o percentual de evangélicos era de 9% e, em 1980, de 6,6%. (PORTAL G1, 2012)

Estes dados revelam que a população que votou em 2002 em um candidato declaradamente evangélico, que estava preocupada com a retomada de valores conservadores, cresceu. Daí, pensar em um projeto ético-político é pensar que, em momentos de crises éticas como as vividas no país, o pertencimento a um grupo social que traga de modo alegre, cordial e representativo tudo aquilo que está ausente no dia-a-dia de pessoas é bastante significativo.

Este ideal conservador que venho discutindo aponta para um percentual da população que deseja uma sociedade ordenada, com líderes que articulam de modo coerente o discurso e a prática; desejam ainda normas sociais claras e de fácil assimilação; e a possibilidade de desenvolvimento pessoal e familiar. E isso pode ser encontrado no Espaço Família Renovado, na Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju, pois esta é a proposta desta comunidade religiosa. Este discurso conservador, que se apresenta como novo, é apresentado como algo transformador, *renovado*. As imagens apresentadas pela igreja, seja em suas campanhas publicitárias, sejam nos discursos feitos agrega pessoas.

Na contramão do discurso pós-moderno do fim das metanarrativas, o pentecostalismo neoclássico, propondo um estilo de vida com base em valores definidos, com propostas de uma vida estável e segura (segundo a concepção da igreja), se coloca como alternativa conservadora para a sociedade que na leitura pentecostal, perdeu seus referenciais. Ou que seus “heróis morreram de overdose”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final das reflexões e análises que foram propostas neste estudo, muitos questionamentos surgem. Aproximei-me do tema com interesse e receio. Interesse que motiva e desperta ir em busca do novo, mas receio de confrontar ideias preconcebidas, valores já constituídos. Receio também de não dar conta da proposta. No desenvolver de um trabalho de pesquisa longo, corre-se o risco de se perder, de dar voltas em torno dos mesmos conceitos. Mas o risco faz parte da existência humana.

Chego com a sensação de que alcancei o permitido alcançar, mas que o caminho ainda tem fronteiras que precisam ser ainda exploradas, descobertas. Há trilhas não exploradas e que estão à espera de serem descobertas.

Pensar, de forma articulada, religião, família e gênero, sem deixar de lado abordagens consideradas fundamentais, é um destes riscos que se corre ao escolher uma temática como esta. Entretanto, a escolha de um itinerário a seguir é opção do pesquisador, e este o grande diferencial entre as mais variadas pesquisas e, ao mesmo tempo, é o que enriquece as ciências. Aqui faço não uma conclusão de ideias, mas considerações, pois entendo que há lugar para novas interpretações e análises do que construí. Acredito que, em ciência, não há conclusão; há sempre as possibilidades do novo. Novo olhar, nova interpretação, nova abordagem. E, quando se trata de Ciências Sociais, as demandas são constantes e desafiadoras.

Ao pensar três temáticas distintas (pentecostalismo, relações de gênero e família), fui desafiado a estabelecer um fio condutor e encontrei no estilo de vida e no estabelecimento de um projeto ético-político pentecostal a intersecção destas temáticas. Foi a partir do

pentecostalismo e dos estudos anteriormente realizados que percebi algo mais amplo, não apenas um movimento religioso em um Estado que se autodeclara laico, mas um movimento que busca notoriedade política e social.

Na caminhada para se compreender se há um estilo de vida renovado, marcado pela definição clara dos papéis exercidos pelo homem e pela mulher que se impõe como parte de um projeto ético-político pentecostal, o universo escolhido foi o pentecostalismo neoclássico. Não observado apenas como realidade social, mas acima de tudo como *realidade existencial*. A busca de se encontrar respostas às necessidades humanas que estão presentes na dinâmica da existência humana tem apresentado várias formas de se encontrar meios de sobrevivência existencial. O pentecostalismo neoclássico aparece como uma resposta dentro de um universo maior que é a religião.

Nos capítulos que compõem este trabalho busquei conceituar família a partir de alguns autores que discutem a temática, tendo como base a ideia do cuidado. A família aparece então dentro do contexto religioso que apresento minha pesquisa e ela vem com um forte fundamento católico romano (de uma tradição cristã, portanto). A família neste contexto de pentecostalismo é monogâmica, heterossexual, patriarcal e é o lugar de construção de vínculos afetivos e de valores éticos e religiosos.

Ao defrontar a realidade que se apresenta a família no pentecostalismo neoclássico em Aracaju (representado pela IPRA), fui projetado pelas falas dos entrevistados, pelas observações realizadas e pelo material institucional analisado diante da realidade que é o grande número de mulheres na vida da igreja pesquisada. Assim surgiu a necessidade de se entender as relações entre mulheres e homens neste pentecostalismo, para isso optou-se pela reflexão das relações de poder entre estes homens e mulheres.

Estes elementos foram aqui apresentados como instrumento de formação de um estilo de vida que tem um propósito: a implantação de um modelo ético-político pentecostal.

O pentecostalismo tem alcançado cada vez mais espaço na sociedade, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) aponta para esta ocupação de espaço:

Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil. A proporção de católicos seguiu a tendência de redução observada nas duas décadas anteriores, embora tenha permanecido majoritária. Em paralelo, consolidou-se o crescimento da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Dos que se declararam evangélicos, 60,0% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados.(IBGE, 2010)

Este crescimento reflete, em certo sentido, duas coisas diretamente opostas. Por um lado a desconstrução de ideais de uma sociedade hegemônica, com uma religião majoritária, que defende tradições. Esta sociedade passou por sérias transformações que deixou o indivíduo mais livre, sem estar preso às tradições de determinados grupos. Esta liberdade colocou mulheres e homens na condição de sujeitos (condição que é processual), de sujeitos indivíduos, para usar o conceito de Simmel (2006), sujeitos que tomam decisões.

O Pentecostalismo penetra no protestantismo clássico, com a promessa de liberdade. De desafio a uma vida mais próxima de Deus e com menos rigor institucional. A liberdade nas celebrações litúrgicas, a possibilidade de socialização de lideranças (possível através da manifestação dos dons espirituais). Esta tomada de decisão, típica do sujeito indivíduo. O pentecostalismo penetra nos segmentos mais históricos, dividindo igrejas, criando novas comunidades protestantes, desenvolvendo um estilo próprio de ser evangélico no país.

Por outro lado, esta perda de referenciais pela qual a sociedade tem passado deixou uma parcela da população desamparada e necessitando de respostas mais diretas para seus problemas, que ficaram mais expostos. A liberdade tem um preço e, neste caso, foi a

proliferação de muitos valores e verdades, gerando confusão e medo em uma parcela da população. Esta desesperança tem levado pessoas a buscarem na religião estas respostas. No fim do século passado o pentecostalismo apresentou aos brasileiros uma nova realidade, a fé como elemento de prosperidade financeira. Esta nova abordagem (a Teologia da Prosperidade) levou ao crescimento dos pentecostais e passou a chamar atenção e ganhar não só a população desassistida pelo Estado, mas também aqueles que lucravam com as benesses do capitalismo.

Com percepção e atenção voltada para a população desassistida pelo Estado, os pentecostais adequaram seus discursos, e passaram a trazer respostas acessíveis à população para a solução de problemas não resolvidos pelo poder público. Partindo de uma naturalização de conceitos, eles trouxeram a população no bojo de suas mensagens respostas que sugeriam: o fortalecimento da família (na perspectiva por eles adotada); obediência a autoridade familiar, eclesiástica e civil; frequência a lugares sadios, como a igreja e encontros de jovens cristãos; o trabalho para conquista do seu espaço na sociedade, e assim mostrar que Deus se faz presente na vida deste indivíduo. Respostas pautadas em questões práticas. Resultado: crescimento deste segmento religioso.

Há um aparente conflito na predominância do pentecostalismo. Se por um lado os ideais liberais de liberdade do indivíduo devem ser preservados, a necessidade de aderir e seguir um estilo de vida estabelecido é apresentado de modo muito claro. Apenas é aparente, pois o discurso de “que se é livre para escolher”, deixa os indivíduos felizes quando eles têm em suas mãos a possibilidade da escolha. A IPRA procura deixar claro que a escolha por este *estilo de vida renovado* é a melhor opção que se pode fazer.

E foi este sentimento que percebi durante a pesquisa. Na observação, nas entrevistas na análise do material institucional. A IPRA traz à população aracaçuana uma

opção que satisfaz os anseios mais presentes de uma ala da sociedade. Ela oferece uma palavra com autoridade (a Bíblia exposta pela sua liderança), um modelo de organização social pautado numa hierarquia natural (autoridade divina, princípio do pensamento conservador), papéis bem definidos na organização social, espaço para a família, vista como modelo redentor da sociedade atual.

A prática da vida religiosa deixa transparecer este sentimento. Durante as observações na IPRA, em alguns momentos do culto, aparecem chamadas no telão disposto nas paredes ao lado do *altar*. Vídeos de programações já realizadas (jovens, mulheres, batismos) e de outras que ainda estão para acontecer, despertando assim o interesse dos presentes em participar. Produções bem feitas como muita música e movimento, seguindo o padrão estabelecido pelos especialistas em *marketing*. É o lugar onde a felicidade se faz presente. Estar ali é satisfatório.

O discurso da IPRA, representado nos sermões de seus pastores é um discurso individualizante, como se espera dos discursos aos segmentos médios urbanos. Que mantém a intersubjetividade distante, expondo um individualismo, que se apresenta a partir de um discurso que valoriza apenas a relação com a divindade e a necessidade de uma vigilância constante para não *cair em pecado*. Qualquer expressão de coletividade é exposta dentro de um projeto maior de individualização. O que Ferry (2008) chama de sacralização da vida privada.

Em vez de essa nova face do individualismo apenas construir mais um desdobramento egoísta, como os reflexos políticos clássicos levam apressadamente acreditar, a esfera do privado tornar-se, sob nossos olhos, o grande negócio público do amanhã. Em vez de singulares e isolados, os problemas do indivíduo tendem ao universal. Falando com simplicidade, tem mais ou menos preocupação, mesmas alegrias e mesmas dificuldades diante das idas e vindas da existência. (FERRY, 2008, p. 75).

A individualidade se encontra com o coletivo na vida eclesial, pois é na *família renovada* que se estabelece os vínculos necessários para o estabelecimento de uma identidade própria. A identidade desta família maior. Família é lugar de cuidado e criação de vínculos. A Igreja é família, que em seus representantes, legitimados pelo próprio Deus têm um modelo a seguir. O discurso do pentecostalismo neoclássico é individualizante, mas a chamada a vida religiosa conchama para a vida comunitária. Os encontros de jovens, casais, mulheres e homens são fundamentais para o desenvolvimento da igreja, e conseqüentemente para a expansão do projeto ético-político em desenvolvimento. Como entender esta paradoxalidade?

A resposta vem no estabelecimento de um estilo de vida, que chama para um comportamento baseado na interpretação quase que literal das Escrituras Sagradas do cristianismo evangélico. Ser cristão é cumprir regras, e estas regras estão postas na Bíblia. Todos os entrevistados exaltaram esta característica da igreja, e de seus pastores: “é tudo baseado na Bíblia”. E nisto não há nada de novo, ou de *renovado*. No próprio surgimento do presbiterianismo no Brasil já se tinha esta perspectiva.

As mesmas referências são feitas em vídeos que são disponibilizados pela igreja para venda. Alguns postados no canal eletrônico da Rede Mundial de Computadores (*YouTube*), em transmissões por uma TV a cabo da cidade de Aracaju, em programa de rádio diário da Igreja e via a rádio web da própria igreja ([www.vidarenovada.com.br](http://www.vidarenovada.com.br)).

Neste modelo apresentado a ser seguido, a mulher tem um papel fundamental. É ela a porta de entrada para as famílias na igreja. É esta mulher que numa relação de poder assume um papel inferior ao do homem, isto legitimado pelo ordenamento jurídico da igreja e por uma hermenêutica pentecostal. É ela também que se torna o elo entre a família (objetivo principal da IPRA) e o grupo religioso.



A mulher dominada e submissa, mas com a missão (naturalização da vocação feminina) cuidar, zelar, *edificar a casa* conforme expressão bastante usada pela pastora da IPRA. São elas que em busca de conforto, consolo e respostas aos seus problemas individuais e familiares procuram a igreja. Que de modo muito hábil mantém uma programação exclusiva para mulheres semanalmente<sup>59</sup>, e alguns encontros durante o ano. Onde a mulher é desafiada a ficar firme, obedecer aos mandamentos divinos, cumprir sua função de companheira e esperar a benção divina. Neste caso a conversão do marido ou dos filhos, a libertação das drogas de familiares, a reestruturação familiar, ou a prosperidade financeira e profissional.

São encontros de resistência, espaço para fortalecimento destas mulheres que se dedicam a cumprir de forma digna<sup>60</sup> seu papel (determinado pelo o outro). Estas reuniões são espaço de sociabilidade, de troca de experiências. Espaço de fortalecimento no sentido de sentirem-se valorizadas, pois segundo o discurso renovado, estas mulheres têm a possibilidade de manter a unidade da família.

No mural de recados disponibilizado no sítio da igreja na rede mundial de computadores leem-se recados como estes postados no dia 24 de abril de 2012:

Recado: minha amada pastora e meus amados pastores vocês são benção na minha vida se não tivesse primeiro Deus e nosso Senhor Jesus Cristo na minha vida por tantos anos de provaçõess só Deus na minha vida e do meu filho foi um grande livramento não perco uma só mensagem aprendi muito na igreja com os meus pastores e minha querida pastora Cláudia. Vocês são ungidos e lavados por o sangue de nosso senhor Jesus Cristo. Orem por e meu filho um grande abraço de Deus.

Recado: bom dia Pastor Marcos e Pastora Claudia, sou Marly. O meu esposo, renovou o seu compromisso com Cristo domingo à noite. Diante daquela pregação da Graça.

---

<sup>59</sup> Vê *banner* da programação nos anexos.

<sup>60</sup> Forma digna aqui se refere ao modo como estas mulheres encaram a vida cristã. Dignidade é sinônimo de vida obediente a Deus e ao esposo.

Nestes dois depoimentos pode se perceber como a mulher é fundamental para o projeto ético-político da igreja. Alguns elementos podem ser analisados nestes dois depoimentos, e que estão diretamente ligados a discussão proposta no estudo.

Em primeiro lugar a identificação do casal de pastores como pessoas importantes na vida da depoente. Há um referencial, um modelo, alguém em que e deve espelhar. Deus e Jesus Cristo existem, mas o concreto e visível é o que se toca. Estes são referências. Daí a solicitação de oração pelo filho. O casal tem poder de ação. O estilo de vida se estabelece a partir da observação do outro, daquele que determina os comportamentos.

Outro aspecto importante nestes depoimentos é que a presença do esposo de uma das depoentes e sua decisão de renovação de compromisso a partir da mensagem proclamada na Igreja. Isto mostra o já afirmado anteriormente que há um discurso de manutenção das famílias (modelo de família matrimonial) na igreja. Diante do que foi colocado no depoimento, foi esta mulher que trouxe seu esposo, e ali ele se compromete com Deus, e conseqüentemente com a igreja, e no processo de aprendizado com o estilo de vida proposto. Mas esta mulher precisa compartilhar o recebido. É importante para ela dizer que conseguiu e que está *edificando seu lar*.

A IPRA assume assim que a mulher foi chamada a assumir o papel de guardiã do lar. De restauradora da ordem divina. Ela pode se submeter ao marido, mas sabe que foi devido a sua ação (nas orações, nas campanhas, na companhia) que houve restauração, que houve renovo de vida. E a pastora assume o papel de guia neste projeto. De executora de uma ação que tem tido uma resposta positiva da população de Aracaju. A igreja tem crescido e conquistado novos adeptos, não só de pessoas não evangélicas, mas também de membros de outras comunidades evangélicas, em especial das igrejas protestantes históricas, como já

afirmado, apenas nos dois últimos meses do ano foram 102 novos membros. A pseudorenovação aparece como um discurso promissor.

O projeto ético-político renovado é uma prática não exclusiva da IPRA. Outras comunidades pentecostais em Aracaju e no restante do país tem procurado viver e divulgar um estilo de vida que direciona para uma ação política.

Percebe-se que os pentecostais têm agido em busca de um modelo de sociedade fundamentada em valores como obediência, ordem, família heterossexual e monogâmica, propriedade privada, meritocracia. Estes valores têm uma base religiosa (a Bíblia Cristã), mas também uma orientação de manutenção de uma sociedade comprometida com o capital e que precisa de uma população satisfeita com sua condição. Uma população obediente e que atende as vozes de sua liderança. É a continuidade e não a *renovação*.

A presença do discurso conservador nas comunidades evangélicas pentecostais, somado ao crescimento em proporções geométricas, nos leva a pensar de forma mais específica como se comportarão os outros segmentos da sociedade diante da iminência de um Estado Cristão Evangélico no Brasil. Haverá espaço para as diferenças? As conquistas jurídico-sociais serão mantidas, ou haverá revisão nos direitos de minorias já conquistados?

Não estou falando de algo irreal ou hipotético, mas de possibilidades concretas. Há um projeto ético-político em ação e este têm ganhado força e espaço. A grande mídia tem se rendido a este público, o mercado tem entendido as demandas desta parcela da população. Um espectro ronda o Brasil... o espectro do pentecostalismo.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Ana Lúcia Hazin. **Estilo de vida e sociabilidade**: relações de espaço, percepções e práticas de lazer na sociedade contemporânea. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massengana, 2008.
- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. Gênero, identidade e diferença. **Aletria**, Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários (Pós-Lit)/UFMG, vol.9, Belo Horizonte, 2002, pág. 90-97.
- ÁLVAREZ, Carmelo E. Panorama histórico dos pentecostalismos latino-americanos e caribenhos. In: GUTIERREZ, Benjamim; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do Espírito**: os pentecostais na Américas Latina. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 29-48.
- AMORA, Dimmi. Conservador, pastor do PSC afirma que vai chegar à presidência. In: **Poder**, Folha de São Paulo On-Line, São Paulo, 03 de nov. 2013. disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/11/1366084-conservador-pastor-do-psc-afirma-que-vai-chegar-a-presidencia.shtml>>. Acesso em 20 de dez. 2013.
- ANDRADE, Marcos. **Entrevista** [11 de setembro, 2012]. Aracaju: Entrevista concedida a José Rômulo de Magalhães Filho.
- ARMSTRONG, John. Pós-milenarismo e Avivamento. In: **O Verdadeiro Avivamento**. São Paulo: Editora Vida, 2001. p. 330-335.
- BELLO, Angela Ales Família e intersubjetividade. In: CARVALHO, Ana M. A.; MOREIRA, Lucia Vaz de Campos (Orgs.). **Família, subjetividade, vínculos**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 83-106.
- \_\_\_\_\_. A questão do sujeito humano na perspectiva fenomenológica. In: CARVALHO, Ana M. A.; MOREIRA, Lucia Vaz de Campos. **Família, subjetividade, vínculos**. São Paulo: Paulinas, 2007b. p. 59-82. (Coleção Família na Sociedade Contemporânea).
- BERGER, Peter; BERGER, Brigitte. Socialização: como ser membro da sociedade. In: FORACCHI, M.L.; MARTINS, J.S. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1977. P. 200-214.
- BERNARDI, Bernardo. **Introdução aos estudos etno-antropológicos**. Portugal: Ed. 70, 1989.
- BOBBIO, Norberto. Política. In: \_\_\_\_\_; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). **Dicionário de política**. Brasília: Edunb, 1998. 2 v.
- BONAZZI, Tiziano. Conservadorismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicolas; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 11. ed. Brasília: UNB, 1998. p. 242-247
- BONOME, José Roberto. **Religião**: entre a verdade e a veracidade. Goiânia: Editora UCG, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção estudos, 20).

\_\_\_\_\_. Gostos de classe e estilos de vida. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 82-121.

\_\_\_\_\_. Sobre el poder simbólico. In: **Poder, derecho e clases sociales**. 2. Ed. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2001. p. 87-99.

BRASIL. **Código civil** (2002). 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **Lei n.º 11.340 de 07 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 08 de ago. 2006, p. 1. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)> acesso em: 28 de mar. 2012.

BRITO, Uriesou T. Pós-milenismo: Uma Escatologia Vitoriosa (parte 1, 2 e 3). In: **Revista Cristã**, São Paulo, 2010. Disponível e: <[http://www.revistacrista.org/Artigos/P%F3s-milenismo%20-%20Uma%20Escatologia%20Vitoriosa%20\\_parte%201,%202%20e%203\\_.pdf](http://www.revistacrista.org/Artigos/P%F3s-milenismo%20-%20Uma%20Escatologia%20Vitoriosa%20_parte%201,%202%20e%203_.pdf)>. Acesso em 09 dez. 2013.

BRITTO, Ayres. **Voto** da Ação Direta de Inconstitucionalidade – ADI 4277. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADI4277.pdf>>. Acesso em 28 de mar. 2012.

BRUSCHINI, Cristina. Uma abordagem sociológica de família. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 1-23, jan-jun, 1989.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. Tradução de Newton Aquiles von Zuben. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

BURKE, Edmund. **Reflexões sobre a revolução em França**. 2. ed. Tradução de Renato Assumpção Farias, Denis Fontes Souza Pinto, Carmen Lídia Richter Ribeiro Moura. Brasília: Editora UNB, 1982.

CAMARGO, Joel R. **Origem da MISPA**. São Paulo, 2004. Disponível em: <[http://www.iprb.org.br/historia/mispa/historia\\_mispa.htm](http://www.iprb.org.br/historia/mispa/historia_mispa.htm)>. Acesso em 20 de dez. 2012.

CAMPOS JUNIOR, Luis Carlos. Os Pentecostais nos anos 1940. In: **Anais do 1º Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades – ANPUH**. Religiões e religiosidade na cultura brasileira. Maringá, 2007. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st8/Campos%20Jr,%20Luis%20de%20Castro.pdf>>. Acesso em: 15 de abr. 2012.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximação e conflitos. In: GUTIERREZ, Benjamim; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na**

**força do Espírito:** o pentecostais na Américas Latina. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 77-120.

\_\_\_\_\_. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. In: **REVISTA USP**, São Paulo, n.67, p. 100-115, setembro/novembro 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/08-campos.pdf>>. Acesso em 24 de fev. 2014.

CARVALHO, Maria Delma. **A Primeira Igreja Presbiteriana Independente de Assis** – suas origens históricas, o movimento divisionista (1962-1972) e a criação da Igreja Presbiteriana Renovada. Dissertação de Mestrado. Assis: UMESSP, 1985.

CIPRIANI, Roberto. **Manual de sociologia da religião**. São Paulo: Paulus, 2007.

DANTAS, Ibarê. As eleições de 2004 em Aracaju. In: **OBSERVANORDESTE** Nordeste 2004: o Voto das Capitais, 2005. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/aracaju.pdf>>. Acesso em 12 de jun. 2013.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. The home sanctuary. Personhood, family and religiosity. Translated by David Rodgers. **Relig. soc.** [online]. 2006, vol.2 Selected edition, pp. 1-36.

ECKERT, Cornelia. Cultura do medo e as tensões do viver a cidade: narrativa e trajetória de velhos moradores de Porto Alegre. In: **ILUMINURAS**, v. 3, n. 6 (2002). Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH e ILEA/UFRGS. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9141/5251>>. Acesso em 03 de jan. 2012.

FERREIRA, Advanir Alves. **A trajetória histórica da IPRB**. São Paulo, 2005. Disponível em: <[http://www.iprb.org.br/artigos/textos/art101\\_150/art102.htm#O\\_autor](http://www.iprb.org.br/artigos/textos/art101_150/art102.htm#O_autor)>. Acesso em 20 de dez. 2012.

FERREIRA, Valdinei Aparecido. Desencantamento do mundo. **Teologia e Sociedade**, vol 1, n. 1, abril 2004, p. 74-85. Seminário Teológico de São Paulo. São Paulo: Pendão Real, 2004.

FERRY, Luc. **Familia, amo vocês:** política e vida privada na era da globalização. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) **Pós-modernismo e política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 217 – 250.

FRESTON, Paul. Entre o pentecostalismo e o declínio do denominacionalismo: o futuro das igrejas históricas no Brasil. In GUTIERREZ, Benjamim; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do Espírito:** os pentecostais na Américas Latina. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 257-276.

GARCÍA, Yuliuva Hernández. Acerca del género como categoria analítica. **Nómadas**, Madrid, núm. 13, 2006. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/nomadas/13/yhgarci.pdf>>. Acesso em 21 de mai. 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GENOFRE, Roberto Maurício. Família: uma leitura jurídica. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de. (org.). **Família contemporânea em debate**. EDUC/Cortez, 2000. p. 97-104.

GINI, Sérgio. Conflitos no campo protestante: o movimento carismático e o surgimento da Igreja Presbiteriana Renovada (1965-1975). In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano III, n. 8, Set. 2010, p. 121-164. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf7/08.pdf>> . Acesso em: 20 de dez. 2012.

GOTO, Tommy Akira. **O Fenômeno Religioso**: a fenomenologia em Paul Tillich. São Paulo: Paulus, 2004.

GOUVEIA, Eliane Hojaij. Comunidades eletrônicas de consolo. In: **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 1, n. 1, p. 115-129, set. 1999. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/CienciasSociaisReligiao/article/download/2154/843>>. Acesso em 10 de mar. 2013.

GUILLEN, Nancy Piedra. Feminismo y postmodernidad: Entre el ser para si o el ser para los otros. **Revista de Ciencias Sociales** 101-102:43-55.2003 (III-IV). San Jose: Universidad de Costa Rica, 2003. Disponível em: <<http://redalyc.uamex.mx/pdf/153/15310204.pdf>> Acesso em 15 de jul. 2010.

GUTIERREZ, Benjamim. Os Pentecostais na América Latina: um desafio as igrejas históricas. In: \_\_\_\_\_; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do Espírito**: os pentecostais na Américas Latina. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 9-28.

HAHN, Carl Joseph. **História do culto protestante no Brasil**. Trad. Antônio Gouvêa de Mendonça. São Paulo: ASTE, 1989.

HANKO, Donald. Pré-Milenismo e dispensacionalismo comparados. In: **Doctrine according to Godliness**. Disponível em: <[http://www.monergismo.com/textos/escatologia\\_reformada/pre-dispensa-comparados\\_hanko.pdf](http://www.monergismo.com/textos/escatologia_reformada/pre-dispensa-comparados_hanko.pdf)>. Acesso em: 08 de dez. 2013.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

IBGE. **Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião**. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://cod.ibge.gov.br/1HILB>>. Acesso em 03 de jan. 2014.

IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DO BRASIL. **Normas da IPRB** - Advanir Alves Ferreira (coord.). Arapongas, PR: Aleluia, 2002.

JOSEPETTI ANDRADE, Cláudia Helena. Família. **Programa Você em Dia**. Aracaju, Março de 2010. Entrevista concedida a Tamires Franci. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=kYnbZRUuv9s&feature=related>>. Acesso em 12 de nov. 2010.

KINZO, Maria D'Alva Gil. Burke: A Continuidade Contra a Ruptura. In: WEFFORT, Francisco C. (org.). **Os Clássicos da Política**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2001, vol. 2. p. 13-46.

LACROIX, Jean. O homem marxista. In: \_\_\_\_\_. **Marxismo, existencialismo, personalismo: presença da eternidade no tempo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. P. 7- 51. (Série Encontro e Diálogo, volume 4).

LIMA, Eber Ferreira Silveira. A Igreja Presbiteriana Independente do Brasil e o pentecostalismo: um estudo de caso e pistas pastorais. In: GUTIERREZ, Benjamim; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do Espírito: os pentecostais na Américas Latina**. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 245-256.

LIMA DOS SANTOS, Maia de Lourdes. Família e “socialização”: um aspecto da evolução social contemporânea. In: **Análise Social**, Vol. VII, 1969 (n.º 25-26), pp. 67-84. Disponível em: <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224253589K0xTB3uv8Hy76SY8.pdf>>. Acesso em: 13 de Nov. 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 5 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

MACHADO, Lia. Campo intelectual e feminismo: alteridade e subjetividade nos estudos de gênero. **Série Antropologia**. Brasília: UNB, 1994.

MAGALHÃES FILHO, José Rômulo. A mulher pentecostal: entre a prática religiosa e a realidade social. In: **Anais da X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste e Reunião Equatorial de Antropologia**. Aracaju: UFS, 2007.

MAGALHÃES, Fernando. Burke e a formação da filosofia política do liberalismo conservador. In: **Revista Perspectiva Filosófica**, Recife, Vol. IV, n. 8, Jan-jun. 1998, [s/p]. Disponível em: <[http://www.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf08\\_artigo30001.pdf](http://www.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf08_artigo30001.pdf)>. Acesso em 10 de dez. 2013.

MARIANO, Ricardo. Avança a mutação religiosa e cultural no Brasil. In: **NER- Núcleo de Estudos da Religião**. Rio Grande do Sul. 2010. Disponível em: , <http://www.ufrgs.br/ner/index.php/estante/visoes-a-posicoes/37-avanca-a-mutacao-religiosa-e-cultural-no-brasil>>. Acesso em 13 de fev. de 2014.

\_\_\_\_\_. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_mariano.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf)> Acesso em 20 de mai. 2012.

\_\_\_\_\_. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estud. av.**, São Paulo, v. 18, n. 52, dez. 2004 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 12 abr. 2012.

\_\_\_\_\_. "Os neopentecostais e a teologia da prosperidade". **Novos Estudos**. São Paulo, nº 44, pp. 24-46, março 1996.



MARIANO, Silvana Aparecida. O sujeito do feminismo e o pós-estruturalismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(3): 483-505, setembro-dezembro/2005.

MARTELLI, Stefano. Georg Simmel e a religiosidade como forma pura das relações sociais. In: **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**, Ano II, n. 7. São Paulo: Paulinas, set. 2007.

MATOS, Alderi de Souza. O movimento pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário. **FIDES REFORMATATA XI**, Nº 2, 2006, p. 23-50. São Paulo: Mackenzie, 2006.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. Fenomenologia da experiência religiosa. **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**. Juiz de Fora, v, 2, n, 2, 1999, p. 65-89. Disponível em: <<http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/numen/article/view/873>>. Acesso em: 10 de out. 2013.

\_\_\_\_\_. **O Celeste Povir: inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Pendão Real/ASTE, 1995.

\_\_\_\_\_. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica. In: SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004. p.49-79.

\_\_\_\_\_. **Protestantes, pentecostais & ecumênicos**. 2. ed. São Bernardo do Campo: UMESP, 2008.

\_\_\_\_\_. Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. **REVISTA USP**, São Paulo, n.74, p. 160-173, junho/agosto 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/74/12-antoniogouvea.pdf>>. Acesso em 23 de mai. 2013.

MENESES, Jonatas. **Pentecostalismos e os rituais de cura divina**. Aracaju: Editora UFS, 2008.

MURARO, Rose Marie. A cerca do conceito de gênero. In: \_\_\_\_; PUPPIN, Andrea Beltrão (Orgs.). **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p. 7-10.

NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Masculino e feminino na família contemporânea. In: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro, ano 4 n. 1, 2004. pp. 34-47. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v4n1/v4n1a04.pdf>>. Acesso em 10 de set. de 2013.

NERIS, Wheriston Silva. Bourdieu e a religião: aportes para (re)discussão do conceito de campo religioso. In: ALBUQUERQUE, Eduardo Basto, (org.) **Anais do X Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões – “Migrações e Imigrações das Religiões”**. Assis, ABHR: 2008. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/neris-wheriston-gp2.pdf>>. Acesso em: 30 de mar. 2012.

NEUENFELDT, Elaine. Gênero, religião e transformação social. In: SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER (Org.). **Religião e transformação social no Brasil hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 47-68.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Revista Estudos Feministas**, CFH/CCE/UFSC, vol. 8, nº 2, Brasil, Santa Catarina, 2000, pág. 8-41.

NISHIMURA, Kátia Mika. Conservadorismo social: opiniões e atitudes no contexto da eleição de 2002. In: **Opinião Pública**, Campinas, Vol. X, n. 2, outubro, 2004, p. 339-367. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/op/v10n2/22021.pdf>>. Acesso em 10 de dez. 2013.

OLIVEIRA, Davison. A consciência originária do infinito e sua manifestação na história segundo Schleiermacher. In: **PLURA, Revista de Estudos de Religião**, vol. 2, nº 2, 2011, p. 140-165, Juiz de Fora. Disponível em: <[http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/321/pdf\\_22](http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/321/pdf_22)>. Acesso em: 31 de mar. 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2000.

ORTIZ, Renato. A procura de uma sociologia da prática. In: \_\_\_\_\_ **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

PALOMINO, Miguel Ángel. **Mudança de paradigma no culto evangélico?** Tradução de Elaine Bueno Okasawara. [S.l]: [s.n.], 2004. Disponível em <<http://louvorbrasil.pbworks.com/f/MudancaDeParadigmaNoCulto.pdf>>. Acesso em 15 de ago. 2011.

PASSOS, João Décio. Pentecostalismo e Modernidade: conceitos sociológicos e religião popular metropolitana. **Revista Nures**. São Paulo, Ano 2. Número 2, Janeiro/Abril 2006. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/nures/revista2/artigos\\_joao\\_decio.pdf](http://www.pucsp.br/nures/revista2/artigos_joao_decio.pdf)>. Acesso em 07 de jun. 2014.

PECORARO, Rossano. **Nilismo e (pós) modernidade**: introdução ao “pensamento fraco” de Gianni Vattimo. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio. São Paulo: Loyola, 2005.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; SINGLY, François (org.). **Família e Individualização**. Tradução Ângela Xavier de Brito. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

PETRINI, Giancarlo. Significado social da família. In: **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**, v.16, n.18+19, 2009, p. 113-121. Belo Horizonte. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/Arquiteturaeurbanismo/article/download/1204/1248>>. Acesso em 29 de jan. 2014.

\_\_\_\_\_. Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. **Memorandum**, 2005, 8, p.20-37. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/artigo02.pdf>>. Acesso em 10 de jan. 2013.

\_\_\_\_\_. **Pós-modernidade e família**: um itinerário de compreensão. Bauru: EDUSC, 2003.

PINEZI, Ana Keila Mosca. Sagrado e profano em Contextos Culturalmente Particulares: a favor do trabalho de campo e da Etnografia. **ANTROPOS – Revista de Antropologia**, Manaus, v. 4, Ano 3, p. 31-40, Out. de 2010. Disponível em: <<http://revista.antropos.com.br/downloads/out2010/Artigo%204%20-%20Ana%20Keila%20Mosca%20Pinezi.pdf>>. Acesso em 07 de jun. 2014.

PIAZZA, Waldomiro Octavio. **Introdução a fenomenologia religiosa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

PORTAL G1. Número de evangélicos aumenta 61% em 10 anos, aponta IBGE. In: **Portal G1**. São Paulo, 29 de jun. 2012. Disponível:  
<<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/06/numero-de-evangelicos-aumenta-61-em-10-anos-aponta-ibge.html>> Acesso em 15 de dez. 2013.

RAGO, Margareth. Adeus ao feminismo? Feminismo e (pós) modernidade no Brasil. **Cadernos AEL**, n. 3/4, 1995/1996.

RÁO, Vicente. **O direito e a vida dos direitos**. 6.ed. anotada e atual. São Paulo: Editora RT, 2004. (RT Clássicos).

REHFELD, Walter I. **Tempo e Religião: a experiência do homem bíblico**. São Paulo: Perspectiva, 1988. (Coleção estudos, v, 107).

REILY, Ducan Alexander. **História documental do protestantismo brasileiro**. São Paulo: ASTE, 1984.

ROCHA, Fernanda. Religião e corporeidades: concepções sobre o corpo no discurso de esposas de pastores batistas. **Theologando – Revista Teológica**. Ano I, n. 1, 2007. p. 59-72. São Paulo: Fonte Editorial, 2007.

SÁ NETO, Clarindo Epaminondas de. O princípio da afetividade como norte do direito de família no ordenamento jurídico brasileiro. In: **JÚRIS RATIONIS**, Ano 6, n. 2, Natal, abr. /set. 2013, p. 23-28.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

SANCHIS, Pierre. Cultura brasileira e religião: passado e atualidade... **Cad. CERU**, São Paulo, v. 19, n. 2, dez. 2008. Disponível em  
<[http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-45192008000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-45192008000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 10 abr. 2012.

SANTOS, Leontino Farias. **Educação: libertação ou submissão**. São Paulo: Simpósio, 1999.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil holandês 1630-1654**. Recife: Fundarpe; Diretoria de Assuntos Culturais, 1986.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. F. **Sobre a religião: discursos a seus menosprezadores eruditos**. Tradução de Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2000

SCHWERTLEY, Brian. **A Ilusão Pré-Milenista: o quiliasmo analisado à luz da Escritura**. São Paulo: Monergismo, 2006. Disponível em:  
<[http://www.reformedonline.com/uploads/1/5/0/3/15030584/premil\\_portuguese.pdf](http://www.reformedonline.com/uploads/1/5/0/3/15030584/premil_portuguese.pdf)>. Acesso em 09 de dez. 2013.

\_\_\_\_\_. **A Origem do Ensino de um Arrebatamento Pré-tribulacional**. São Paulo: Monergismo, 2007. Disponível em: <

[http://www.monergismo.com/textos/dispensacionalismo/origem-arrebatamento-pre\\_Schwertley.pdf](http://www.monergismo.com/textos/dispensacionalismo/origem-arrebatamento-pre_Schwertley.pdf)>. Acesso em 09 de dez. 2013.

SCOLA, Ângelo. **O mistério nupcial**. Trad.: Maria de Lourdes Lima. Bauru: EDUSC, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**. 20(2): 71-99, julho/dezembro 1995 (original de 1988). Porto Alegre: FAGED/ UFRGS.

SCOTT, R. Parry. **Mulheres chefes de família**: abordagens e temas para as políticas públicas. In: Pré-Evento Mulheres Chefes de Família: crescimento, diversidade e políticas. Ouro Preto: MG: CNPD, FNUAP e ABEP, 2002. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/XIIIencontro/Scott\\_intro\\_mulher\\_chefe.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/XIIIencontro/Scott_intro_mulher_chefe.pdf)>. Acesso em 30 mai. 2012.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 20, ago. 2002. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 22 abr. 2012.

SIMMEL, Georg. **O conceito e a tragédia da cultura**. In: SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. 1998. Simmel e a modernidade. Brasília: UnB. p. 79 -108. Disponível em <[http://www.4shared.com/office/64SAUJ13/SIMMEL\\_Georg\\_O\\_Conceito\\_e\\_a\\_Tr.html](http://www.4shared.com/office/64SAUJ13/SIMMEL_Georg_O_Conceito_e_a_Tr.html)>. Acesso em 15 de nov. 2010.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais da sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOARES, R. R. **Como tomar posse da bênção**. 5. ed. Rio de Janeiro: Graça Editorial, 1997.

SOUZA, Patrício Pereira Alves de. Notas para uma geografia da religião. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 245-258, jul./dez. 2011. Disponível em:< <http://www.cch.ufv.br/revista/pdfs/artigo3vol11-2.pdf>>. Acesso em 07 de jun. 2014.

SOUZA, Sandra Duarte de. A casa, as mulheres e a igreja: violência doméstica e cristianismo. In: \_\_\_\_\_; LEMOS, Carolina Teles. **A casa, as mulheres e a igreja**: gênero e religião no contexto familiar. São Paulo: Fonte Editorial, 2009. p. 15-80.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-Pentecostalismo e Política no Brasil. In: **Estudos Teológicos**, v. 37, n. 1, p. 47-61, São Leopoldo, 1997. Disponível em: <[http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/viewFile/776/711](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/viewFile/776/711)>. Acesso em 18 de fev. de 2014.

STEIN, Edith. **A mulher**: sua missão, segundo a natureza e a graça. Bauru: EDUSC, 1999.

SZYMANSKI, H. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. In: **Serviço Social e Sociedade**. N. 71, ano XXIII, São Paulo: Cortez, Set 2002.

TAVARES, Márcia Santana. Com açúcar e sem afeto: a trajetória de vida amorosa de mulheres das classes populares em Aracaju/SE. **Serv. Soc. Soc.** [online]. 2010, n.101, pp. 121-145.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. Tradução de Eglê Malheiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu** (24), janeiro-junho de 2005, pp.127-152.

TOURAINÉ, Alain. **O mundo das mulheres**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

TURECK, André. **Cuidando da comunicação em família**: uma reflexão sobre a interação entre cônjuges na Primeira Igreja do Evangelho Quadrangular em Curitiba. São Leopoldo: EST/PPG, 2009. 67p. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Teologia Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009.

VAZ, Henrique de Lima. **Escritos de filosofia II** (ética e cultura). São Paulo: Loyola, 1988.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

WAIZBORT, Leopoldo. **As aventuras de George Simmel**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

WALKER, Williston. **História da igreja cristã**. São Paulo: ASTE, 1967. v.2.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 5 ed. São Paulo: Pioneira, 1987.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. 4. ed. Brasília, DF: UnB, 2000, v. 1

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. **Hermenêutica protestante no Brasil**. In: LEONEL, João (Org.). **Novas perspectivas sobre o protestantismo brasileiro**. São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2010. p. 135-166

\_\_\_\_\_. **Um movimento teológico e sua contribuição para a transformação social**. A Fraternidade Teológica Latino-Americana - Brasil. In: **SOCIEDADE DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO – SOTER** (Org.). **Religião e transformação social no Brasil hoje**. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 133-158.

## ANEXOS

### Imagens



VII Congresso de Casais da Família Renovada

**CASAMENTO É UMA VIAGEM PRA TODA VIDA!**  
Preletor: Pr Josué Gonçalves

Dias 18 e 19 de maio  
Inscrições: R\$ 60,00 (casal)  
Local: Espaço Família Renovada  
Informações: (79) 3222-8834 / 9949-9943

REALIZAÇÃO: IGREJA PRESBITERIANA RENOVADA DE ARACAJU

Quinta-Feira às 20h PROJETO DE ORAÇÃO www.vidarenovada.com.br

*Minha Família*  
  
*Diante de Deus*

Realização: Igreja Presbiteriana Renovada de Aracaju / Av. Delmiro Gouveia, 2920 - Próximo ao Shopping Riomar

Quarta-feira às 15h

*Renovo*  
 de Vida

"Naquele dia o renovo do Senhor será cheio de beleza e de glória" Is 4:02

Av. Delmiro Gouveia, 2920 - Próximo ao Shopping Riomar



**2012**

*Ano do amor e da fidelidade*



## *Espaço Família Renovada*

**IGREJA PRESBITERIANA  
RENOVADA DE ARACAJU**  
[www.vidarenovada.com.br](http://www.vidarenovada.com.br)



Av. Delmiro Gouveia, 2920 - Próximo ao Shopping Riomar





**Quarta  
às 15h**

*Renovo de Vida*  
Uma reunião especial para mulheres

Naquele dia o **RENOVO DO SENHOR**  
será cheio de **BELEZA** e de **GLÓRIA**  
Isaias 4:2





Fique por dentro do  
que acontece na  
Família Renovada




[.com/iprenovada](https://www.facebook.com/iprenovada)



**Renovando  
pra  
Vida**

TV Aracaju - Canal 9 NET  
Segunda à Sexta  
16:45 e das 23:00 às 6:30  
Sábado e Domingo  
9:00 e das 23:00 às 6:30

Liberdade FM 99,7MHz  
Segunda à Sexta  
ao meio dia



Sou Renovado  
Amo, Oro e Luto  
Pela Minha  
IGREJA



# MULHER

Você é especial para Deus

Chá Especial para Mulheres  
07 de março às 20 horas  
Convite Individual: R\$ 25,00

Realização  
Igreja Presbiteriana  
Renovada de Aracaju

